

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



**Vidraças e Vitrais do Palácio Nacional da Ajuda:  
Levantamento, Estudo e Inventariação**

Paula Sofia Martins Palma

Relatório de Estágio

Mestrado em Museologia e Museografia

Relatório de Estágio orientado pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa Cristina Carvalho  
Gomes Garrett Pinho e pela Doutora Maria João Botelho Moniz Burnay

2025

## DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu Paula Sofia Martins Palma declaro que o presente relatório de estágio intitulado “Vidraças e Vitrais do Palácio Nacional da Ajuda: Levantamento, Estudo e Inventariação” é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tal como todas as citações diretas ou indiretas têm devida indicação ao longo do trabalho segundo as normas académicas.

O Candidato

Lisboa, 28/02/2025

## RESUMO

O Palácio Nacional da Ajuda, antiga Residência Real e hoje Museu de Artes Decorativas, apresenta um vasto espólio que afirma e assinala o esplendor do património cultural português. As suas vidraças e vitrais, elementos patrimoniais integrantes da estrutura arquitetónica do edifício, constituem um exemplo fenomenal do vidro enquanto arte ornamental que carece, no entanto, de uma aprofundada investigação e respetivo levantamento. Este projeto consiste no estudo destas peças decorativas, das suas técnicas de fabrico, estilos artísticos, motivos iconográficos e tipologias, que permitirão uma inventariação e caracterização rigorosa das mesmas.

Palavras-Chave:

Artes Decorativas; Vidro artístico; Inventário museológico; Século XIX; Casa Real.

## ABSTRACT

The National Palace of Ajuda, once Royal Residence and current Museum of Decorative Arts, presents a vast collection which affirms and highlights the splendor of Portuguese cultural heritage. Its windowpanes and stained glasses, heritage elements that integrate the building's architectural structure, marks a phenomenal example of glass as ornamental art that lacks, however, a deep investigation and respective survey. This project consists of a study of this decorative pieces, its manufacturing techniques, artistic styles, iconographic motifs and typologies, that will allow its inventory and rigorous characterization.

Keywords:

Decorative Arts; Artistic glass; Museum inventory; XIX Century; Royal House.

## **Siglas e acrónimos**

PNA – Palácio Nacional da Ajuda

FBAUL – Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa

IMC – Instituto dos Museus e da Conservação

ICOM – *International Council of Museums*

ICDAD – *International Committee for Museums and Collections of Decorative Art and Design*

MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia

FRESS – Fundação Ricardo Espírito Santo

DGPC – Direção Geral do Património Cultural

MMP – Museus e Monumentos de Portugal

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

APAI – Associação Portuguesa da Arqueologia Industrial

MNAA – Museu Nacional de Arte Antiga

## **Agradecimentos**

A concretização deste relatório de estágio foi possível graças ao suporte e ao carinho prestados pelas várias presenças intervenientes ao longo desta minha jornada, tanto a nível pessoal como profissional, a quem quero expressar o meu reconhecimento e a minha mais sincera gratidão:

À Prof. Doutora Elsa Cristina Gomes Garrett Pinho, orientadora do projeto, por ter garantido o meu estágio curricular no Palácio Nacional da Ajuda, pelo seu incansável auxílio e pela sua total disponibilidade em partilhar comigo o seu vasto conhecimento.

À Doutora Maria João Botelho Moniz Burnay, coorientadora do relatório, que inspirou o seu tema e conduziu toda a minha experiência enquanto estagiária no Museu, da qual retiro aprendizados teóricos e práticos excecionais, que levarei para toda a vida.

A toda a equipa do Palácio Nacional da Ajuda, pelo simpático acolhimento e por todos os ensinamentos – faço destacar as Doutoras Maria José Gaivão de Tavares, Cristina Neiva Correia e Alexandra Dias Coelho, a quem agradeço pela transmissão quotidiana de conhecimentos imprescindíveis, na realização das tarefas museológicas e sem os quais não teria sido possível realizar este projeto. Um obrigada ao Senhor Carlos Eduardo Amaro, pela sua agradável gentileza e prestabilidade.

Agradeço, especialmente, ao Doutor José Alberto Ribeiro, diretor da instituição, por ter tornado possível a minha experiência curricular no Palácio Nacional da Ajuda.

Quero, ainda, agradecer à minha colega Catarina Mendonça, com quem partilhei esta rica experiência, pela sua parceria, apoio e amizade.

Dedico o agradecimento mais especial aos meus pais, pelo seu suporte incondicional, por sempre terem confiado nas minhas capacidades e por ser graças a eles tudo aquilo que consegui conquistar, académica e pessoalmente.

Por tudo e a todos,

Gratidão.

# Índice

Resumo/*Abstract*

Siglas e acrónimos

**Introdução**.....1

Objetivos e estrutura.....2

Metodologias.....4

## **Capítulo I – O Palácio Nacional da Ajuda**

I.1. A História do edifício.....6

I.2. De Residência Real a Museu.....8

I.3. Estado da Arte.....10

## **Capítulo II – Levantamento e contagem**

II.1. As peças na planta do edifício.....11

II.2. Tipologias de portas e janelas em vidraça ou vitral.....20

II.3. Sistema de numeração e inventariação..... 29

II.4. Atribuição de número de inventário.....44

## **Capítulo III – O Vidro**

III.1. A História do Vidro: do seu surgimento à valorização patrimonial.....52

III.2. Técnicas de produção vidreiras.....56

III.3. Oficinas e centros de produção.....58

III.4. O Vidro plano: Vidraça e Vitral.....62

## **Capítulo IV – A Arte no Vidro: casos de estudo**

IV.1. Técnicas: coloração, pintura, foscagem, gravura.....70

IV. 2. Estilos e temas: Rococó, Neoclassicismo e Império.....80

IV.3. Arte Heráldica, Armoriais e Monogramas.....103

**Capítulo V – Investigação documental e arquivística.....116**

**Considerações finais.....124**

**Anexos – Inventário Museológico**

Bibliografia e Webgrafia

## Índice de Figuras

Página

Figura 1. Delimitação do espaço em estudo no Piso Térreo. Planta do Piso 0 do PNA...	14
Figura 2. Delimitação do espaço em estudo no Piso 1. Planta do Piso Mezzanine do PNA.....	15
Figura 3. Delimitação do espaço em estudo no Piso 2. Planta do Andar Nobre do PNA...	16
Figura 4. Localização exata das vidraças artísticas e vitrais no Piso Térreo. Planta do Piso 0 do PNA.....	17
Figura 5. Localização exata das vidraças artísticas e vitrais no Piso Mezzanine. Planta do Piso 1 do PNA.....	18
Figura 6. Localização exata das vidraças artísticas e vitrais no Andar Nobre. Planta do Piso 2 do PNA.....	19
Figura 7. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 1.....	31
Figura 8. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 3.....	32
Figura 9. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 5.....	33
Figura 10. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 6.....	34
Figura 11. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 7.....	35
Figura 12. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 8.....	36
Figura 13. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 9.....	37
Figura 14. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 10.....	38
Figura 15. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 13.....	39
Figura 16. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 14.....	40
Figura 17. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Janela 1.....	41
Figura 18. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Janela 6.....	42
Figura 19. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Janela 5.....	43
Figura 20. Etapas do processo de fabrico da vidraça em coroa.....	65
Figura 21. Processo de fabrico da vidraça estendida.....	66

Figuras 22 e 23. Vitrais compostos por vidro transparente incolor, com ornatos de troncos e folhas em voluta, amarelos e castanhos; armas de aliança Portugal-Saboia e insígnia de D. Maria Pia pintados provavelmente a esmalte.....	72
Figura 24. Vidraças foscas pela técnica da foscagem a ácido fluorídrico.....	74
Figura 25. Vitral produzido segundo a técnica do vidro flash laminado. Os vidros são texturados e o brasão é pintado a esmalte e grisalha.....	75
Figura 26. Vidro texturado em resultado da reação química ao ácido fluorídrico.....	76
Figura 27. Vidro texturado em vitrais de porta na Capela Térrea, no Piso Térreo.....	77
Figura 28. Simetria rigorosa na composição de motivos neoclássicos em sobreporta.....	82
Figura 29. Folhas de acanto estilo Luís XV em moldura tipicamente Rococó, envolvendo brasão de armas.....	83
Figura 30. Folha estilo Luís XV, Rococó Francês.....	85
Figura 31. Folhas de acanto do estilo Luís XV em arabesco, cabeça mitológica, guirlanda e volutas.....	86
Figura 32. Arabescos de ramagens e flores na iconografia de janela composta por vidraças.....	87
Figura 33. Albarradas estilizadas com volutas, flores e folhas de acanto, em porta com vidraças.....	89
Figura 34. Albarradas estilizadas com folhas de acanto, guirlandas, flores e volutas; nas extremidades, meandra grega e rosáceas em porta com vidraças.....	90
Figura 35. Coluna abalaustrada, com anéis, estilizada com volutas, palmas, rosetas, folhas de acanto e outros motivos florais, encimada por palmeta, em porta com vidraças.....	92
Figura 36. Decoração simétrica com uma roseta central, palmas, folhas de acanto e outros motivos botânicos. Nas 4 extremidades, a vidraça possui rosetas.....	93
Figura 37. Decoração simétrica e delicada composta por bouquet de flores ao cimo, cartucho e festão central, interligados por grades, volutas, arabescos e diferentes festões.....	94

Figura 38. Arabesco estilizado de folhas de acanto, vasos de flores, dois grifos simétricos, um candelabro e um grilho entre volutas.....	96
Figura 39. Vidraças de porta contendo ornatos de folhas, volutas e figura em forma de sino invertido, andorinhas, motivos florais e figuras geométricas.....	97
Figura 40. Andorinha dentro de elemento circular no centro de composição decorativa simétrica.....	98
Figura 41. Ornato de flor de lis, pintado em extremidades de vidraça neoclássica e armoriada.....	99
Figura 42. Ornatos de heras a decorar as extremidades de vidraça armoriada.....	42
Figura 43. Ornatos de heras em vidraças foscas de porta guarda-vento neoclássica.....	101
Figura 44. Festão ou guirlanda: ornato de flores em coroa.....	102
Figura 45. Janelas decorativas com Armas do Reino de Portugal em Escadaria do Cortejo.....	104
Figura 46. Janelas decorativas com Armas do Reino de Portugal e Armas de Saboia em Escadaria Nobre.....	105
Figura 47. Armas da aliança entre o Reino de Portugal e a Casa de Saboia, vitrais da Biblioteca do Rei.....	106
Figura 48. Brasão de Armas do Reino de Portugal em pintura a esmalte, amarelo de prata e grisalha.....	108
Figura 49. Brasão de Armas da Casa de Bragança em pintura a esmalte, amarelo de prata e grisalha.....	111
Figura 50. Brasão de Armas da Casa de Saxe-Coburgo em pintura a esmalte, amarelo de prata e grisalha.....	112
Figura 51. Brasão de Armas da Casa de Saboia em pintura a esmalte, amarelo de prata e grisalha.....	114
Figura 52. Referência a portas de vidros foscos, grandes, com ornatos gravados.....	116
Figura 53. Registo do pagamento de 18 mil réis a Antonio Januario Corrêa pela pintura de Brasões das Armas reais, em vidro, na Galeria do Andar Nobre.....	118

Figura 54. Folha dos operários que trabalharam nas obras gerais do Real Paço da Ajuda em janeiro de 1866, na qual se insere o documento de Antonio Januario Corrêa.....	119
Figura 55. Armas Reais pintadas em vidraça de sobreporta.....	120
Figura 56. Em falta, a vidraça que possui pintura das Armas Reais, em porta igual à de número 69894.....	121
Figura 57. Conta dos vidros que colocou Manoel Afonso Ferreira no Andar Nobre do PNA.....	122
Figura 58. Folha dos operários que trabalharam nas Obras Gerais do Real Paço da Ajuda na semana finda em 10 de fevereiro de 1866.....	123

## **Índice de Tabelas**

Página

Tabela 1. Conversão das designações dos corredores que sofreram alterações.....	13
Tabela 2. Levantamento numérico das vidraças e vitrais do PNA, por quantidade existente de cada tipologia e número de peças de vidraça ou vitral que as compõem.....	28
Tabela 3. Número de exemplares existentes de cada tipologia, por localização em andar e sala ou corredor, no PNA.....	29
Tabela 4. Portas ou janelas com vidraças e vitrais previamente inventariados no PNA....	45
Tabela 5. Peças em vidraça ou vitral inventariados no decorrer do estágio curricular.....	47
Tabela 6. Roteiro das portas, janelas e ornamentos contendo vidraça ou vitral existentes no PNA, organizadas por tipologia e sala ou corredor onde se encontram.....	50
Tabela 7. Localização e contagem numérica dos brasões de armas e monogramas reais no PNA.....	107

## Introdução

O presente relatório de estágio, elaborado para fins de obtenção do grau de Mestre em Museologia e Museografia pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e realizado no Palácio Nacional da Ajuda-Museu (PNA), tem por objetivo dar a conhecer o trabalho desenvolvido nesta instituição, entre outubro de 2023 e outubro de 2024, no âmbito do estudo e levantamento das vidraças e dos vitrais que integram o Palácio, hoje Museu de Artes Decorativas.

No decorrer desta experiência curricular foi-nos proporcionada a possibilidade de conhecer estreitamente as instalações do Museu e algumas das coleções que este reúne, tal como a oportunidade de integrar a sua equipa e intervir diretamente no funcionamento das atividades museológicas quotidianas. Além destas, pudemos participar no planeamento e concretização de alguns projetos especiais, dos quais apreendemos experiências únicas e excecionais. O nosso contributo no Palácio Nacional da Ajuda estendeu-se, sobretudo, às coleções de Vidro e de Mobiliário, que se encontram, respetivamente, à responsabilidade das Conservadoras e Curadoras Dra. Maria João Burnay e Dra. Maria José Tavares, que orientaram toda a experiência e transmitiram os princípios e pilares necessários para o correto desempenho das funções que nos foram atribuídas e confiadas.<sup>1</sup>

No âmbito do estágio, as tarefas desempenhadas traduziram-se em aprendizagens práticas fundamentais: no correto manuseamento de peças de diferentes tipologias e seu transporte; no acondicionamento dos bens culturais em reservas técnicas e em salas de exposição; na limpeza e conservação preventiva de peças de mobiliário, vidros e livros; no registo dos procedimentos e na elaboração de listagens com informações que busquem vincular as peças aos respetivos números de inventário; na construção de guiões de apoio e orientação a campanhas que decorreram, abrangentes a várias coleções.

---

<sup>1</sup> À margem do projeto central, fazemos destacar: a participação no planeamento e concretização da Conferência Internacional ICDAD do ICOM sobre o tema *Ornament* (montagem, receção, acolhimento e logística); o auxílio na campanha de fotografia e digitalização da coleção de Vidro, Mobiliário e Cerâmica; a contagem meticulosa e respetivo registo, em Excel, da totalidade das peças integrantes da coleção de Vidro – por categoria, função e origem.

## *Objetivos e estrutura*

A pertinência deste projeto, de componente simultaneamente teórica e prática, prende-se com a incompletude do trabalho feito a respeito do objeto em estudo. Motivamos a carência de estudos recentes, detalhados e atualizados, que se dediquem inteiramente a estudar as vidraças e os vitrais; a importância e a necessidade de inventariar, rigorosamente e na sua totalidade, as cerca de 100 portas e janelas contendo vidraça decorada, que se encontram dispostas ao longo do percurso museológico do PNA – das quais apenas cerca de metade constam no inventário museológico. Estas obras são exemplares únicos de vidro artístico e histórico, elementos integrantes da estrutura arquitetónica do edifício – portanto, património integrado ou aplicado. Os vitrais, existentes em menor número e historicamente mais valorizados do ponto de vista artístico, encontram-se inventariados. Porém, de modo genérico, ambos carecem de um levantamento adequado, que valorize as peças do ponto de vista da sua relevância patrimonial; que procure caracterizá-las e interpretá-las, estilística e iconograficamente, de forma individual, atendendo às particularidades e unicidade de cada. Torna-se, pois, necessária a elaboração de um estudo mais aprofundado, que procure e permita preencher campos fundamentais da inventariação, tais como: proveniência (quando o é possível determinar), estilos e técnicas utilizadas, análise iconográfica, estado de conservação, localização, entre outros. No contexto museológico, observar e registar é valorizar.

Neste relatório dar-se-ão a conhecer as etapas e desafios que se impõem ao cumprimento dos objetivos estabelecidos. Explanar-se-ão os conceitos de «vidraça» e «vitral», as suas aplicabilidades arquitetónicas e as potencialidades, do ponto de vista artístico e funcional, que ocupam no universo das Artes Decorativas. A investigação que este trabalho propõe desenvolver e o levantamento geográfico das peças no Museu resultarão, ultimamente, na concretização do inventário. Para o efeito, revela-se necessário traçar um enquadramento histórico e institucional, com a apresentação do próprio Museu, para uma melhor compreensão das peças e das funções que ocupam.

Definido o objetivo principal da inventariação, e aliada à investigação teórica que o rigor pretendido exige, este trabalho visa simultaneamente desenvolver uma componente prática, que consiste na realização de um levantamento detalhado da totalidade das peças: tanto as que se encontram no percurso expositivo, como as guardadas em reserva, sendo que uma maior atenção se prestará àquelas que se encontram expostas. No percurso museológico, vidraças e vitais encontram-se aplicados em janelas

e portas, em vários corredores, escadarias ou salas. Agrupados por zonas, apresentam diferentes estilos iconográficos e servem diferentes intenções ornamentais: as peças armoriadas são de maior sumptuosidade e são essencialmente de carácter ornamental, estão dispostas estrategicamente em locais de receção nobre e pretendem afirmar a exuberância e a autoridade associadas à Casa Real; outras, de inspiração neoclássica no estilo, são mais discretas e funcionais, embora não menos sofisticadas – encontram-se, modo geral, aplicadas em portas de acesso, divisórias entre salas e corredores, são comumente apelidadas de guarda-ventos desde a época. Estas últimas existem em maior número, dispersas por espaços de funcionamento comum do Palácio.

Quanto aos vitrais, é possível observá-los em duas salas: a Capela Térrea e a Biblioteca do Rei D. Luís: aplicados em pares de janelas e portas, possuem representações heráldicas relativas ao Reino de Portugal e à Casa de Saboia. Outros, menores e meramente geométricos, compõem o elevador da Rainha, ativamente utilizado pelos funcionários do Museu. Em reserva, o Palácio da Ajuda possui outros exemplares, diversos e nalguns casos incorporados de outros palácios.

Este projeto desenvolve-se em torno da interpretação e da caracterização detalhada das duas tipologias em estudo, que se inserem dentro da categoria do vidro artístico. Iconograficamente, quanto às vidraças, distinguem-se sobretudo duas variantes: os motivos vegetalistas de influência neoclássica e os armoriais do reino, estilizados ao gosto do Rococó. Quanto às técnicas, verificam-se a pintura a esmalte, a pintura a verniz, a gravação a ácido fluorídrico e a jato de areia. Há uma grande predominância do vidro gravado pelo método da foscagem, e na base da coloração dos vitrais identifica-se o método do vidro laminado (em camadas), além de texturado (pela foscagem).

Na planificação deste projeto definiram-se como principais tópicos a desenvolver:

- a) A contextualização histórica do Palácio Nacional da Ajuda, ao longo das etapas principais da sua evolução – construção, residência real e Museu de Artes Decorativas;
- b) Um levantamento quantitativo e geográfico das peças: tipificação em diferentes tipologias, contagem e categorização dos respetivos exemplares, registo das suas localizações na planta do edifício e atribuição de um número de inventário, quando em falta;

- c) Uma breve abordagem à história do vidro, destacando as principais técnicas de produção e centros de fabrico vidreiros; uma reflexão sobre o vidro enquanto material plástico e as suas potencialidades no campo das Artes Decorativas, com especial foco para o vidro plano; uma etapa final em que se analisam e interpretam os casos de estudo, procurando determinar as técnicas de execução artística, caracterizá-los estilisticamente e fazer uma descrição elaborada da sua iconografia;
- d) Por fim, em anexo e para concretização do objetivo final deste projeto, a inventariação das peças por meio da elaboração de fichas individuais.

### *Metodologias*

Relativamente às principais metodologias na base da recolha de informação e na construção gradual do projeto, reforçam-se: além da observação e da análise contínuas das obras no espaço do museu, a procura pela aquisição de um conhecimento geral e mais detalhado a respeito das técnicas de fabrico e materiais utilizados, por meio do convívio e do diálogo direto com conservadores, restauradores e curadores do PNA, que ao transmitir o seu conhecimento, especializado, prestaram um auxílio preponderante e elucidativo – fundamental numa primeira abordagem e fase de reflexão, contribuindo para a identificação de aspetos e traços fundamentais, que serviram como ponto de partida para a fase seguinte.

O trabalho anteriormente desenvolvido deve-se à Dra. Maria João Burnay, historiadora da arte, curadora e conservadora responsável pela coleção de Vidros do Palácio Nacional da Ajuda, desde 2012; e ao Dr. Paulo Costa, um ex-técnico superior do Palácio que tratou de inventariar, entre os anos de 2005 e 2006, as portas e janelas envidraçadas, apenas do Piso Térreo. Ao consultar o inventário da coleção, deparamo-nos, ainda, com algum trabalho desenvolvido pela Dr. Cláudia Álvares Amaral, antropóloga outrora inventariante no Museu.

O trabalho prático desenvolveu-se em torno da recolha e registo – escrito, esquemático e fotográfico – de várias informações acerca do universo em estudo: a localização de todas as obras na planta do edifício; a tipificação de todas as tipologias existentes; a contagem numérica dos exemplares e respetivas peças integrantes; avaliação do estado de conservação e a medição das peças.

Seguem-se a investigação de fontes documentais da época, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo – como as relativas aos trabalhos de construção do Palácio da Ajuda, que nos permitissem saber quem fabricou, instalou ou pintou as vidraças – e a pesquisa no arrolamento dos paços reais de 1910. Igualmente importante é a leitura de estudos e roteiros redigidos pela equipa do Museu e por académicos, a saber: *O Palácio Nacional da Ajuda e a sua afirmação como Museu (1910-1981)* de Luís Filipe Soares (2016); *Palácio Nacional da Ajuda: um mundo a visitar* de Luciana Meirelles (2016), e o roteiro oficial mais atualizado que existe do Museu – *Palácio Nacional da Ajuda* – elaborado pelo Dr. Alberto Ribeiro, diretor e sua equipa (2011).

Prosseguindo, a consulta de bibliografia fundamental nos vários campos das Artes Decorativas, do vidro e da Ciência Heráldica – em publicações de outras instituições museológicas, no âmbito de conferências e/ou exposições, como por exemplo, sobre o vidro, realizadas no Museu da Marinha Grande – e de autores recomendados, dos quais passamos a destacar:

Para a História do Vidro, em contexto nacional e europeu, a leitura dos trabalhos desenvolvidos por Vasco Valente (1950) autor de *O Vidro em Portugal*; José Amado Mendes (2002) *História do vidro e do cristal em Portugal* e Jorge Custódio (1997) *A Problemática do Fabrico da Vidraça em Portugal. Entre os Séculos XV e XIX*. Como os próprios títulos sugerem, todos se dedicaram a traçar um panorama do fabrico do vidro em Portugal, com as particularidades associadas aos vidros planos, técnicas e centros de produção.

Para conhecimento dos aspetos mais específicos relacionados com a arte do vitral, destacamos, publicado pelo Instituto Português do Património Arquitetónico (2000) *O Vitral. História, Conservação e Restauro*. Recorremos a outras publicações e monografias, de autores como Virgolino Jorge (1981) *Vitral Medieval – História, Técnica e Estética*; Sara Brown (1994) *Stained Glass: An Illustrated History*; Sérgio Vieira (2002) *Para a História do Vitral em Portugal no Século XX – As principais oficinas e o papel dos artistas plásticos*; e Andreia Machado (2018) *Historical Stained Glass Painting Techniques: Technology and preservation*.

Na temática das Artes Decorativas, sentimos a necessidade de aprofundar o estilo Rococó – mais particularmente, o estilo Luís XV; o Neoclássico e o estilo Império que lhes sucedeu; prestar especial atenção aos temas vegetalistas, fortemente presentes na

iconografia dos vidros, o que nos conduziu a uma pesquisa dentro das Artes Botânicas. Neste âmbito, servimo-nos de autores como: António Cardoso e Helder Carita (1983) em *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*; Jean-François Barrielle (1982) *O Estilo Luís XV*; Van Rensselaer (1879) “Rococo”, em *The Art Journal*; Sandra Mesquita (2020) *O Processo de Identificação Botânica das Plantas Representadas na Coleção do MNAA*; e Marta Carvalho (2020) autora de *Um Itinerário pela Iconografia Botânica*.

Para aprofundamento do saber respeitante à Armaria e à Arte Heráldica, como sustento das nossas interpretações e descrições: Afonso Zuquete (1961) autor de *Armorial Lusitano: genealogia e heráldica*; Miguel Metelo de Seixas (2011) *Heráldica, representação do poder e memória da nação. O armorial autárquico de Inácio de Vilhena Barbosa*; Manuel Artur Norton (2004) *A Heráldica em Portugal – Raízes, Simbologias e Expressões Histórico-Culturais*; Luís Bandeira, José Veloso, José Salgado e José Branco (1985) através de sua obra *Vocabulário Heráldico*, que nos conduziu na interpretação dos elementos gráficos e respetiva descrição.

Transversalmente a todos os temas, é-nos imensamente proveitosa a consulta do *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, de Jorge Henrique Pais da Silva e Margarida Calado (2005); assim como o é a consulta da plataforma Raiz, onde se insere o inventário digital das várias coleções do Palácio Nacional da Ajuda e outras, pertencentes às várias instituições tuteladas pela Museus e Monumentos de Portugal.

## **Capítulo I. O Palácio Nacional da Ajuda**

### *A História do edifício*

O Palácio Nacional da Ajuda, que foi na sua origem uma construção feita em madeira frequentemente apelidada de «Real Barraca», foi mandado construir pelo rei D. José I na sequência da perda e destruição do Paço da Ribeira por conta do terramoto sísmico de 1755<sup>2</sup>. Estima-se que o local escolhido e a matéria-prima usada na sua construção foram pensadas numa lógica antissísmica. Porém, em 1794 um incêndio veio pôr fim ao palácio de madeira e a grande parte daquilo que continha no seu interior. Pouco restou do original Paço e da Patriarcal: “o Jardim das Damas, a Sala dos Serenins (na

---

<sup>2</sup> Ribeiro, José Alberto, *Palácio Nacional da Ajuda*, 7.

calçada do Mirante) e a Torre do Galo, coroada pelo imponente catavento em bronze.”<sup>3</sup> Surge então a necessidade de erguer um paço resistente, já durante a regência do príncipe D. João. Manuel Caetano de Sousa, Arquiteto das Obras Públicas, dirige o projeto. O Palácio em pedra e cal que conhecemos e possuímos nos dias de hoje remonta ao período de D. João VI, inicialmente pensado de acordo com a arquitetura barroca, mas entretanto adaptado para o estilo Neoclássico, contou com os contributos dos arquitetos Francisco Xavier Fabri, José da Costa Silva e António Francisco Rosa, responsável pela sua reformulação. É característica deste projeto a sua descontinuação e as várias interrupções que sofreu a edificação. Além disto, caracterizam-no a interceção de duas correntes arquitetónicas: “sobre planta de raiz barroca, apresenta as principais características de um edifício neoclássico”<sup>4</sup> – fachadas de linhas retas, janelas alternadas com pilastras, dois torreões, arcadas, abóbadas e esculturas são alguns dos traços que definem a arquitetura do Palácio Nacional da Ajuda. Na origem da descontinuidade da construção do edifício estão fatores variados, um dos quais a partida da Corte de D. João VI para o Brasil (1807). Aquando do seu regresso em 1821, o projeto encontrava-se pendente e inacabado. O rei faleceu no ano de 1826 e, por esta altura, o Palácio já se encontrava habitável, pelo que passou a ser residência definitiva ou temporária de alguns elementos da família real, nomeadamente de três filhas de D. João (uma delas a infanta regente D. Isabel) e do seu filho D. Miguel. O então rei absolutista impulsionou bastante as obras no Palácio; acabou, no entanto, por se transferir para as Necessidades.<sup>5</sup>

Derivada a tensão política crescente e acentuada que se fazia sentir entre absolutistas e liberais, o projeto do PNA acabou por se ver novamente interrompido, em 1833. Em 1834 a vitória liberal concedeu o trono a D. Maria da Glória, filha de D. Pedro e futura rainha D. Maria II, que se encontrava à época em condição de minoridade. “Posta de parte a ideia de se concretizar o projeto integral, só em 1837 diversos artistas retomaram a sua actividade neste edifício, onde, até 1844, realizaram restauros de pintura e os acabamentos imprescindíveis.”<sup>6</sup> Até à subida ao trono em 1861 por D. Luís, o Palácio da Ajuda esteve relegado para papel secundário; isto é: durante todo o reinado de D. Maria II e D. Fernando, bem como do seu primeiro filho D. Pedro V até à sua morte em 1861, o local de residência predileto onde se fixou a família real foi o Palácio das Necessidades.

---

<sup>3</sup> Ribeiro, José Alberto, *Palácio Nacional da Ajuda*, 7.

<sup>4</sup> Ribeiro, José Alberto, *Palácio Nacional da Ajuda*, 7–8.

<sup>5</sup> Ribeiro, José Alberto, *Palácio Nacional da Ajuda*, 10.

<sup>6</sup> Ribeiro, José Alberto, *Palácio Nacional da Ajuda*, 10.

Quando D. Pedro faleceu, sucedeu-lhe o irmão D. Luís e sua noiva italiana Maria Pia de Saboia – rei e rainha que fizeram do Paço da Ajuda a residência oficial da corte. Este seria o momento de reviravolta para o Palácio Nacional da Ajuda: “Até então caído no esquecimento, a partir de 1861 o edifício sofreu obras indispensáveis na sua estrutura – telhados, madeiramentos, janelas, etc. – para acolher o novo monarca. As encomendas do recheio restringiram-se a dotar os espaços do indispensável conforto, que permitisse a sua habitação.”<sup>7</sup>

A enorme intervenção decorativa, estrutural e mobiliária que sofreu o PNA entre 1861 e 1862 deve-se em grande parte ao arquiteto Joaquim Possidónio Narciso da Silva. As encomendas ao estrangeiro foram indispensáveis e, progressivamente, os bens e os equipamentos fabricados nas casas mais especializadas da Europa, incluindo as portuguesas, foram sendo arrecadados e anexados à grande coleção que hoje forma o acervo do Museu do PNA. O requinte de D. Maria Pia e o seu gosto consumidor pelas demais variantes das Artes Decorativas europeias tornou este Palácio um dos mais ricos e completos em termos de interiores, possuidor de uma coleção extensa, abastada, íntegra e inigualável. Sabemos que entre os anos de 1865 e 1866 se desenvolveram importantes obras onde novas salas, como a Galeria de Pintura, se construíram a mando da rainha e do rei.

### *De Residência Real a Museu*

Até à instauração do regime Republicano em 1910, o PNA permaneceu como uma residência real para D. Luís I e sua descendência – os príncipes Carlos e Afonso (tendo-se tornado sucessor o primeiro, posteriormente intitulado rei D. Carlos I), suas esposas, Amélia de Orléans e Nevada Hayes, e o último rei de Portugal D. Manuel, filho de Carlos e Amélia – ainda que as estadias se tenham alternado entre a Ajuda, as Necessidades, Belém e Sintra. Em 1910, aquando da vitória da República, governava D. Manuel II. A Família Real foi exilada e o Palácio viu alteradas as suas funções. Encerrado até 1968, permitia apenas algumas visitas num regime restrito e fechado. Desde a sua abertura nesse ano assinala-se, a 1996, a decisão e esforço de reconstituição tão fiel quanto possível daquele que era o verdadeiro aspeto interior do ambiente palaciano, da disposição original do seu conteúdo pelas salas. Este trabalho de reconstituição assenta, até hoje, numa

---

<sup>7</sup> Ribeiro, José Alberto, *Palácio Nacional da Ajuda*, 10.

rigorosa investigação histórica, arquivística e documental, em que se destacam principalmente o *Arrolamento Judicial* e as aguarelas de Enrique Casanova, pinturas do reinado de D. Luís que demonstram exatamente como se encontravam decoradas as salas de alguns Palácios Reais. Estas aguarelas representam “indiscutivelmente, o mais importante documento iconográfico para 1889, último ano de vida do rei.”<sup>8</sup> Aliada a esta valiosa representação iconográfica, igualmente imprescindível é a consulta ao *Arrolamento Judicial*, um levantamento elaborado pela República (1911-1913) que equivale a uma espécie do primeiro inventário alguma vez feito, extensivamente, a todas as peças que constituíam o recheio dos palácios da realeza.

O então atual Museu-Palácio encontra-se aberto ao público desde 1968 e tem sido tutelado pela Direção Geral do Património Cultural; encontra-se hoje sob a alçada da Museus e Monumentos de Portugal e integra a Rede Portuguesa de Museus. Em 2007 passou a fazer parte do IMC, organismo do Ministério da Cultura.<sup>9</sup> De planta retangular, o edifício possui 4 fachadas: as alas Norte, Sul, Este e Oeste, com funções distintas. O espaço museológico ocupa as alas Sul e Este, ao passo que nas restantes encontramos o Museu do Tesouro Real, a Biblioteca da Ajuda, a Galeria de Pintura do rei D. Luís, uma galeria de exposições temporárias e espaços que têm, desde sempre, estado destinados ao funcionamento de serviços ligados ao Ministério da cultura: o IGESPAR e a DGPC<sup>10</sup>, cuja recente reorganização desencadeou a criação da MMP (Museus e Monumentos de Portugal).<sup>11</sup> O edifício do Palácio Nacional da Ajuda serve ainda, atualmente, no espaço que corresponde ao Museu, para a realização de eventos, jantares e cerimónias de estado, entre outros, especialmente nas salas D. João IV, D. João VI, Sala dos Archeiros e Sala dos Jantares Grandes, onde decorrem os banquetes oficiais de estado.

Situado no Largo da Ajuda, promete ser um espaço acessível a todos, cuja missão é a de preservar e manter a autenticidade palaciana do século XIX, conservando o ambiente, os traços típicos e a disposição original dos reinados de D. Luís I e Maria Pia.

---

<sup>8</sup> Ribeiro, José Alberto, *Palácio Nacional da Ajuda*, 13.

<sup>9</sup> Valter Leandro, ‘Palácio Nacional da Ajuda, a última casa da monarquia portuguesa’, *Lisboa Secreta*, 2022 <<https://lisboasecreta.co/palacio-nacional-da-ajuda/>>.

<sup>10</sup> ‘Monumentos’ <[http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=4722](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4722)> .

<sup>11</sup> Marta Leite Ferreira, ‘Governo aprova reorganização da Direção-Geral do Património Cultural com criação de dois novos organismos’, *PÚBLICO*, 2023 <<https://www.publico.pt/2023/06/22/politica/noticia/governo-reorganizacao-direccao-geral-patrimonio-cultural-2054250>> .

Com um vasto espólio que congrega inúmeras coleções<sup>12</sup> – Vidro, Mobiliário, Escultura, Cerâmica, Pintura, Fotografia, Desenho, Utensílios, Têxteis, Traje, Luminárias, Ourivesaria – preservadas nos seus interiores históricos autênticos. “O Palácio Nacional da Ajuda tem como missão o estudo, a conservação e restauro, a valorização e a divulgação das coleções da Casa Real que constituem os seus acervos, bem como manter a autenticidade dos seus interiores enquanto residência histórica.”<sup>13</sup> A instituição valoriza bastante a qualidade e o bom funcionamento dos serviços educativos, responsáveis pela planificação de programas e ações de cariz pedagógico sobre as várias coleções e para todos os públicos.

### *Estado da Arte*

Passando a dedicar, finalmente, à coleção na qual se inserem os objetos de estudo e a que passamos conhecer: a coleção de Vidro. Coleção que conta com cerca de 13800 peças, é uma das maiores e mais ricas coleções de vidros e cristais da Europa no sentido da sua heterogeneidade e abundância; composta por peças oriundas das melhores oficinas e centros de fabrico de vidro europeias (Boémia, Itália, França, Áustria, Alemanha, Espanha, Irlanda e Portugal). Destacam-se os valiosos serviços de mesa, alguns compostos por centenas de peças (o maior por 1760), os serviços para bebidas, os serviços de *toilette*... entre uma imensidão de conjuntos e peças soltas da melhor categoria artística concebida à época de D. Maria Pia. A sofisticação destas peças reflete a adoração pessoal pelos objetos em vidro e em cristal que possuía a rainha D. Maria Pia, uma grande colecionadora destes objetos, que são tanto decorativos como utilitários.

Ao consultar o inventário da coleção de Vidro, deparamo-nos com a problemática da inexistência de prévios registos das peças em foco neste projeto – as vidraças – pelo que damos início à recolha de dados – cujo primeiro passo é o levantamento das mesmas. Quanto aos vitrais, as fichas de inventário elaboradas pela Dra. Maria João Burnay e por Cláudia Amaral, preenchem campos importantes como: técnica do vidro, datação aproximada, descrição da iconografia e representação – um suporte de informações que assimilamos e auxiliam na recolha que propomos desenvolver em seguida, para

---

<sup>12</sup> ‘Sobre o Palácio Nacional da Ajuda’ <<https://www.palacioajuda.gov.pt/paginas/12becbfb-sobre-o-palacio-nacional-da-ajuda>>.

<sup>13</sup> ‘Sobre o Palácio Nacional da Ajuda’ <<https://www.palacioajuda.gov.pt/paginas/12becbfb-sobre-o-palacio-nacional-da-ajuda>>.

caracterização das restantes peças. Surge a necessidade de percorrer várias vezes o percurso expositivo museológico do Palácio, procurando identificá-las, contabilizá-las, registá-las na planta do Museu e fotografá-las, naquilo que é o ponto de partida para este projeto, a desenvolver no Capítulo II.

## **Capítulo II – Levantamento e contagem**

### *As peças na planta do edifício*

Consideram-se relevantes neste estudo todas as vidraças e vitrais existentes nas instalações do Museu do Palácio Nacional da Ajuda que se revelem interessantes do ponto de vista artístico, isto é: possuam qualquer tipo de pintura, gravura ou textura. Muitas vezes, estas peças surgem aplicadas em conjuntos que integram também vidraças simples. Por “conjunto” entendemos, por exemplo, uma porta, que pode conter duas ou quatro portadas, uma bandeira ou sobreporta e, por vezes, até duas sobreportas. Atendendo às definições dadas por Jorge da Silva e Margarida Pais no seu *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, imensamente útil e regularmente referenciado no presente projeto:

**Porta.** “Abertura praticada numa parede que permite fechar um painel móvel chamado batente (...) a função desta abertura que desce até ao solo ou ao pavimento é servir de acesso numa casa, sala, etc. É por este duplo carácter que a P. se distingue da **janela**, cuja função é iluminar e arejar o interior de uma casa”.<sup>14</sup>

**Bandeira.** “Caixilho fixo ou móvel situado na parte superior das portas ou janelas, usadas para favorecer iluminação e ventilação indecentemente das portas e janelas sobre as quais se situavam.”<sup>15</sup>

Trata-se, em muitos dos casos, de peças que se inserem na coleção de Mobiliário do PNA, relativamente às portas. Este projeto estende-se, portanto, da coleção de Vidros à coleção de Mobiliário, abrangendo portas e janelas, de vidraças ou vitrais aplicados em conjunto num suporte/moldura de madeira, geralmente carvalho, formando uma peça compósita que inclui também as maçanetas, geralmente em bronze; ou vidraças e vitrais soltos, únicos, como se verifica, regra geral, nos que se encontram nas reservas do Palácio. O conjunto deve, obviamente, ser considerado na sua totalidade, uma vez que as peças (vidraças), apesar de obras artísticas se tratarem, não funcionam autonomamente e foram

---

<sup>14</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 298.

<sup>15</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 54.

designadas para funcionarem enquanto conjunto. Contudo, este trabalho dedica-se a desenvolver especifica e destacadamente a componente do Vidro, ainda que inserido em peças compósitas de madeira, vidro e metal.

A maioria dos espécimes em estudo são observáveis ao longo do percurso museológico, outros encontram-se mantidos em reserva, e existem vários casos de peças instaladas em locais que não são acessíveis ao visitante.

As figuras apresentadas em seguida dizem respeito às plantas oficiais dos três principais pisos do Palácio Nacional da Ajuda, elaboradas pelos arquitetos da DGPC. Correspondem ao Piso Térreo ou Piso 0, Piso Mezzanine ou Piso 1, e Andar Nobre ou Piso 2.

Nas primeiras três plantas encontram-se delimitadas, relativamente à totalidade do espaço que corresponde ao PNA, as zonas em estudo. As seguintes figuras (1, 2 e 3), assinalam a localização exata das peças. Nestas plantas, das quais interessa atentar sobretudo as alas Sul e Oeste, destinadas ao funcionamento da exposição permanente, encontram-se assinaladas as localizações das portas (a azul) e das janelas (a vermelho) que contêm vidraça artística ou vitral e que são, portanto, o nosso objeto de estudo. No caso do Andar Nobre (ou Piso 2), a antiga reserva – Reserva do Tesouro – esvaziada no decorrer dos meses recentes; a Galeria de exposições temporárias, que alberga presentemente, em regime transitório, as peças mantidas em reserva; e as salas adjacentes, atualmente vazias mas destinadas à função futura de reserva, situam-se nas alas Oeste e Norte do edifício, abrindo uma exceção relativamente aos dois primeiros pisos, que se limitam à fachada Sul. Neste caso, encontra-se assinalada a verde a localização temporária das peças de vidro plano mantidas em reserva, na Galeria, que irão futuramente, com todo o restante recheio desta sala, ser deslocadas para as salas próximas. A amarelo, assinalámos os locais onde sabemos – através de fontes documentais – outrora terem estado portas ou janelas contendo vidraça artística, mas que, atualmente, não se encontram mais instaladas.

O roteiro oficial do Museu do Palácio Nacional da Ajuda, redigido por parte da sua equipa, especialistas responsáveis pelas coleções do Museu e pelo Dr. José Alberto Ribeiro, seu diretor, serve-nos como guião fundamental no que diz respeito, por exemplo, às designações adotadas para definir as salas e corredores do percurso museológico. Nas décadas de 1980 e 1990, utilizavam-se outras designações que foram abandonadas e

substituídas, segundo a norma da reconstituição do período da regência de D. Luís e de Maria Pia, que ditou igualmente a configuração museográfica e a disposição expositiva das peças pelas salas, com vista à recuperação e restabelecimento do cenário histórico do tempo do rei e da rainha. Assim, as designações que vigoravam entre 1861 e 1889 foram repostas.

A tabela seguinte apresenta os casos em que as antigas designações de salas e corredores sofreram alterações com base na recuperação de designações que vigoravam na época do reinado do rei D. Luís e da rainha D. Maria Pia.<sup>16</sup>

<b>Antiga designação</b>	<b>Atual designação</b>
Corredor do Chaveiro	Corredor das Estátuas
Corredor da Música	Corredor Largo
Oratório da Rainha	Capela Térrea
Galeria D. Luís	Reserva temporária na Galeria D. Luís

Tabela 1. Conversão das designações dos corredores que sofreram alterações.

Fonte: Paula Palma.

---

<sup>16</sup> Nota: parte da equipa do Museu do Palácio Nacional da Ajuda ainda utiliza as terminologias antigas ou ambas.

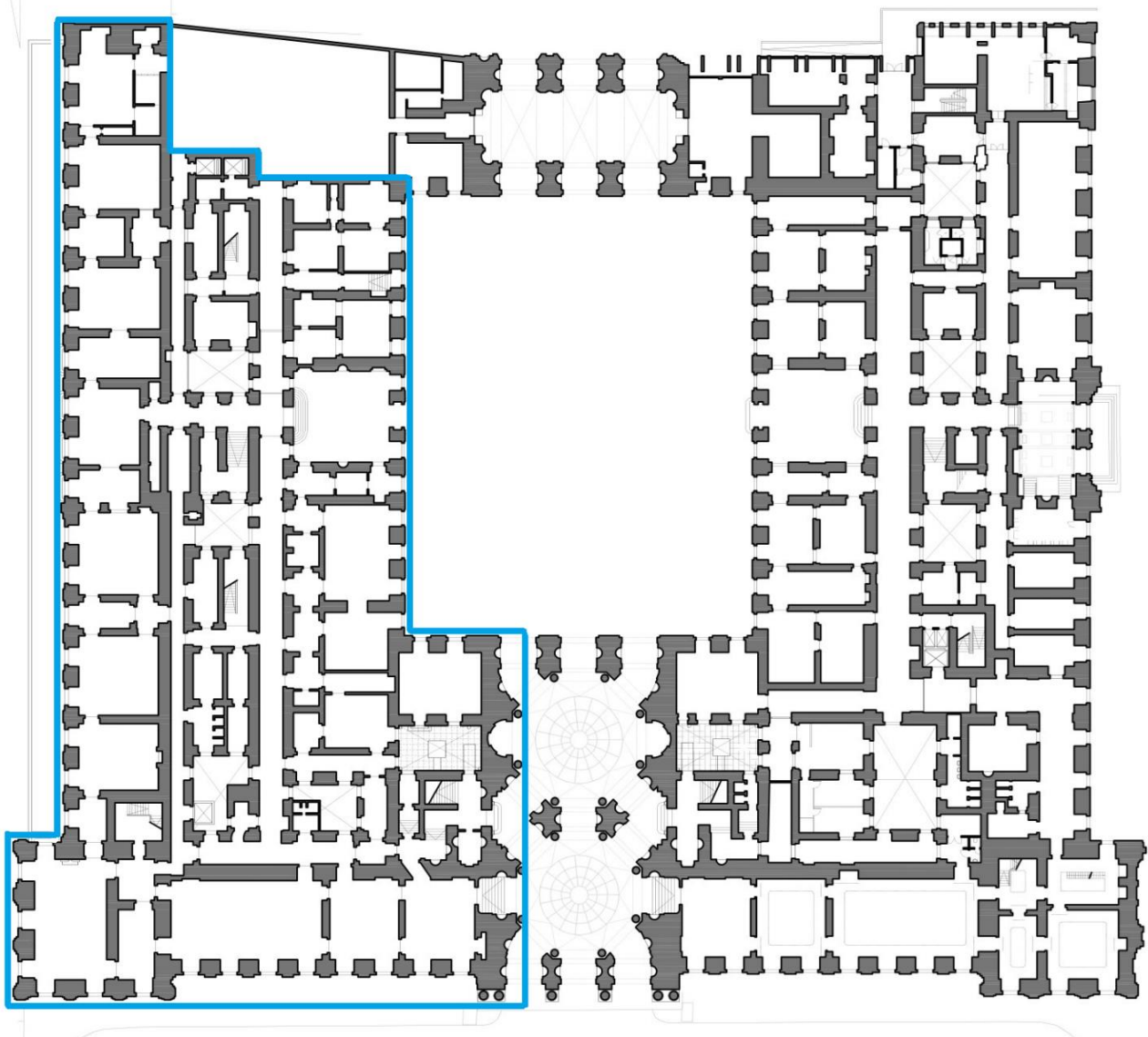


Figura 1. Delimitação do espaço em estudo no Piso Térreo. Planta do Piso 0 do PNA.

Fonte: Paula Palma.

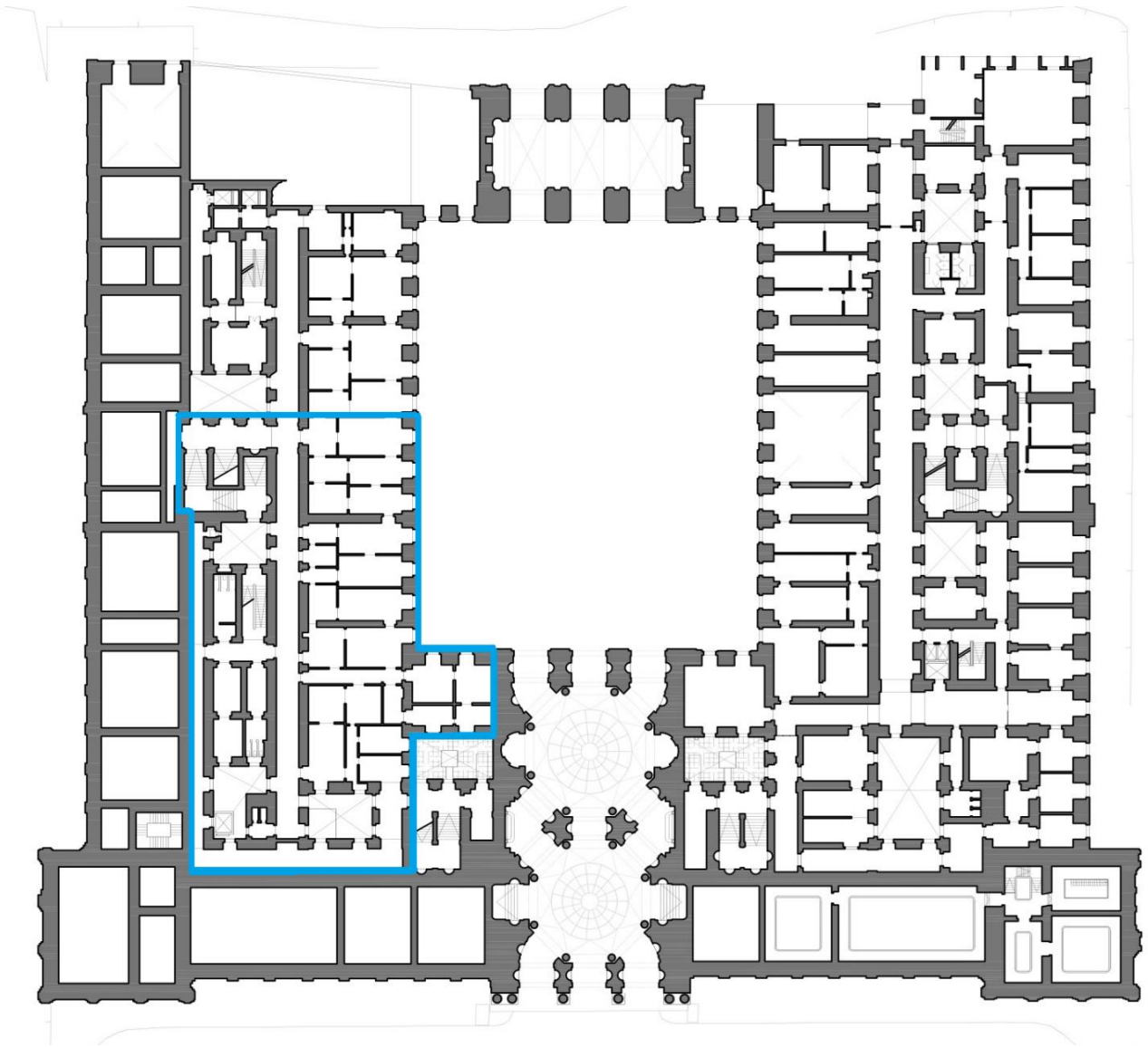


Figura 2. Delimitação do espaço em estudo no Piso 1. Planta do Piso Mezzanine do PNA.

Fonte: Paula Palma.

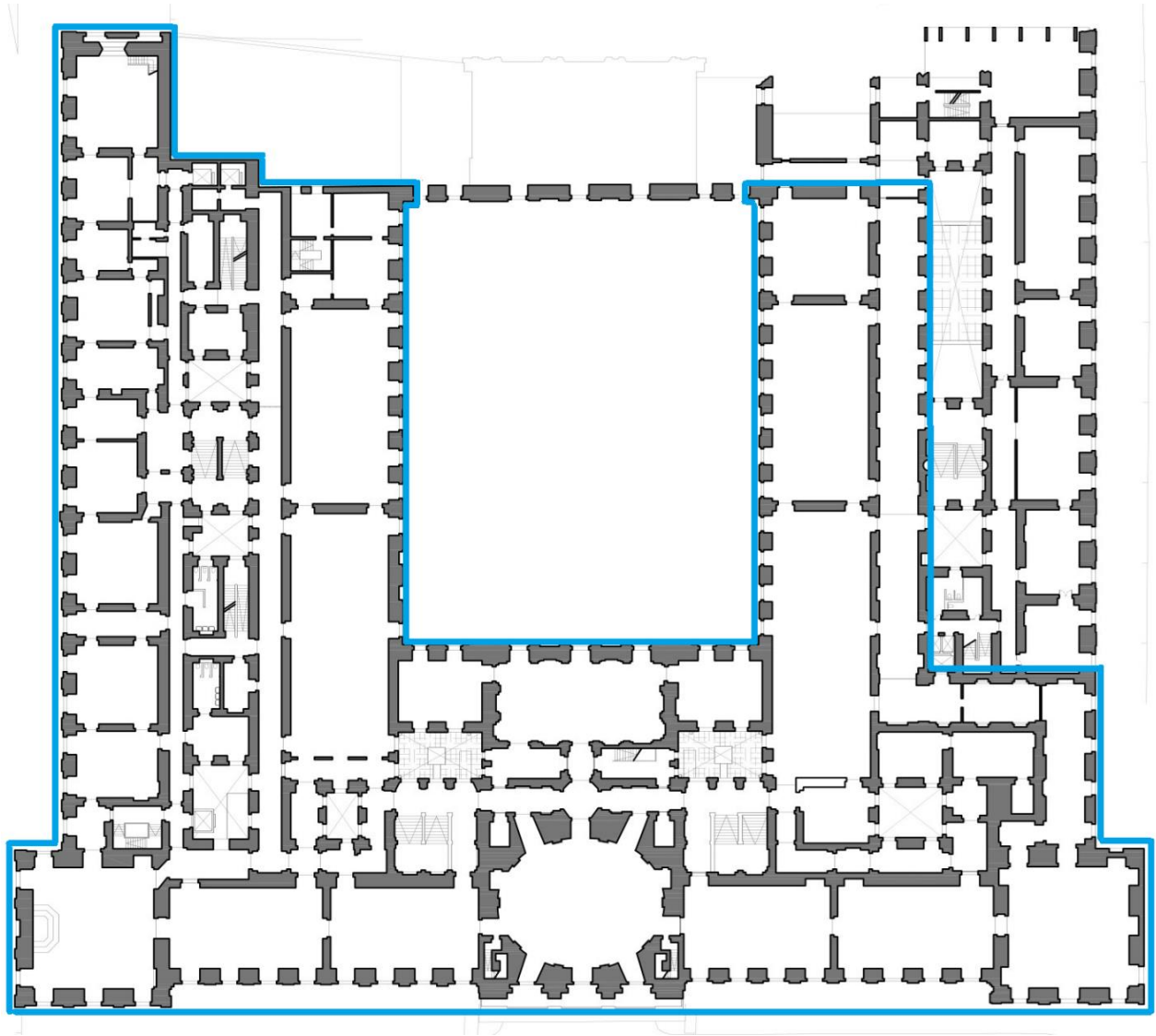


Figura 3. Delimitação do espaço em estudo no Piso 2. Planta do Andar Nobre do PNA.

Fonte: Paula Palma.

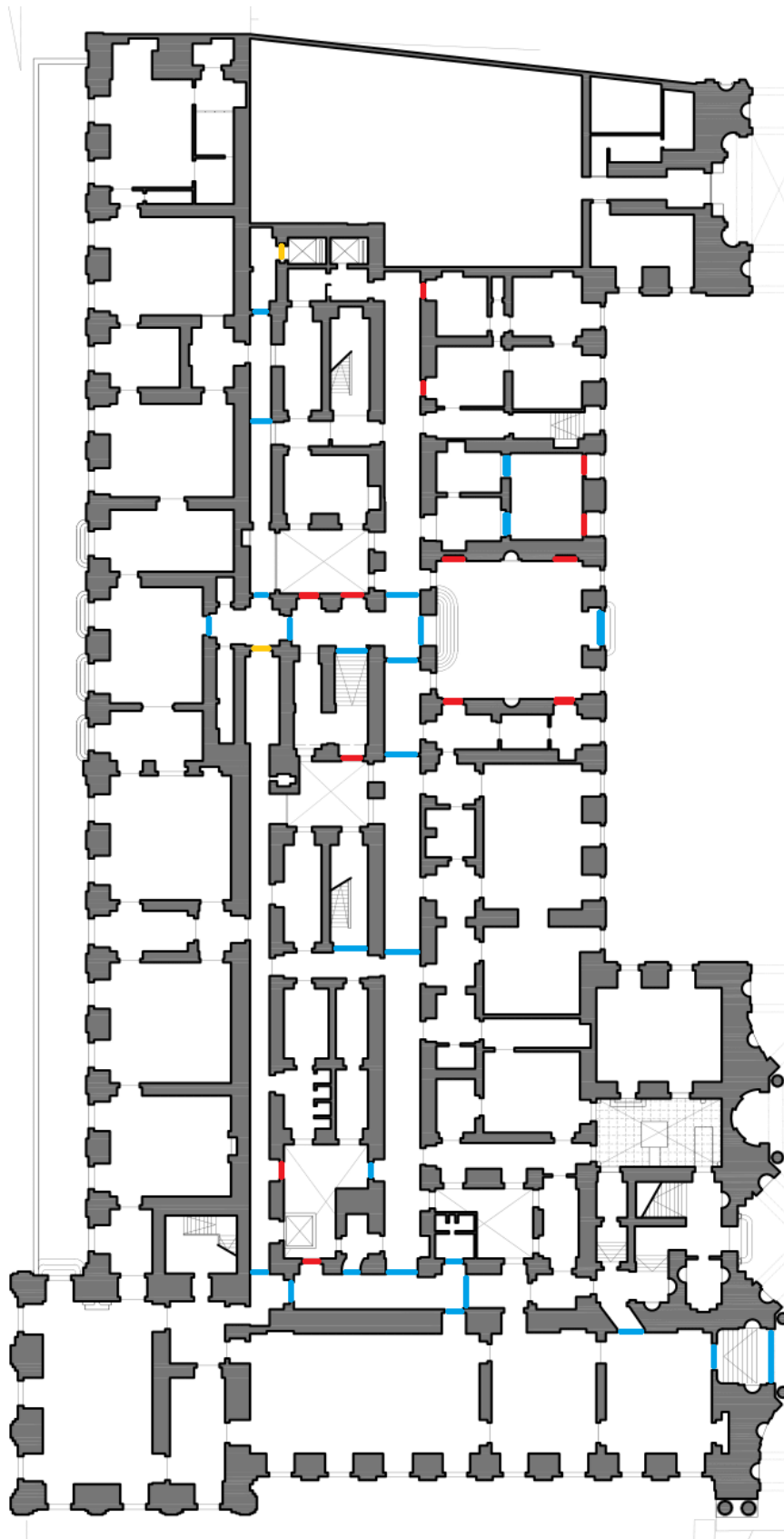


Figura 4. Localização exata das vidraças artísticas e vitrais no Piso Térreo. Planta do Piso 0 do PNA.

Fonte: Paula Palma.

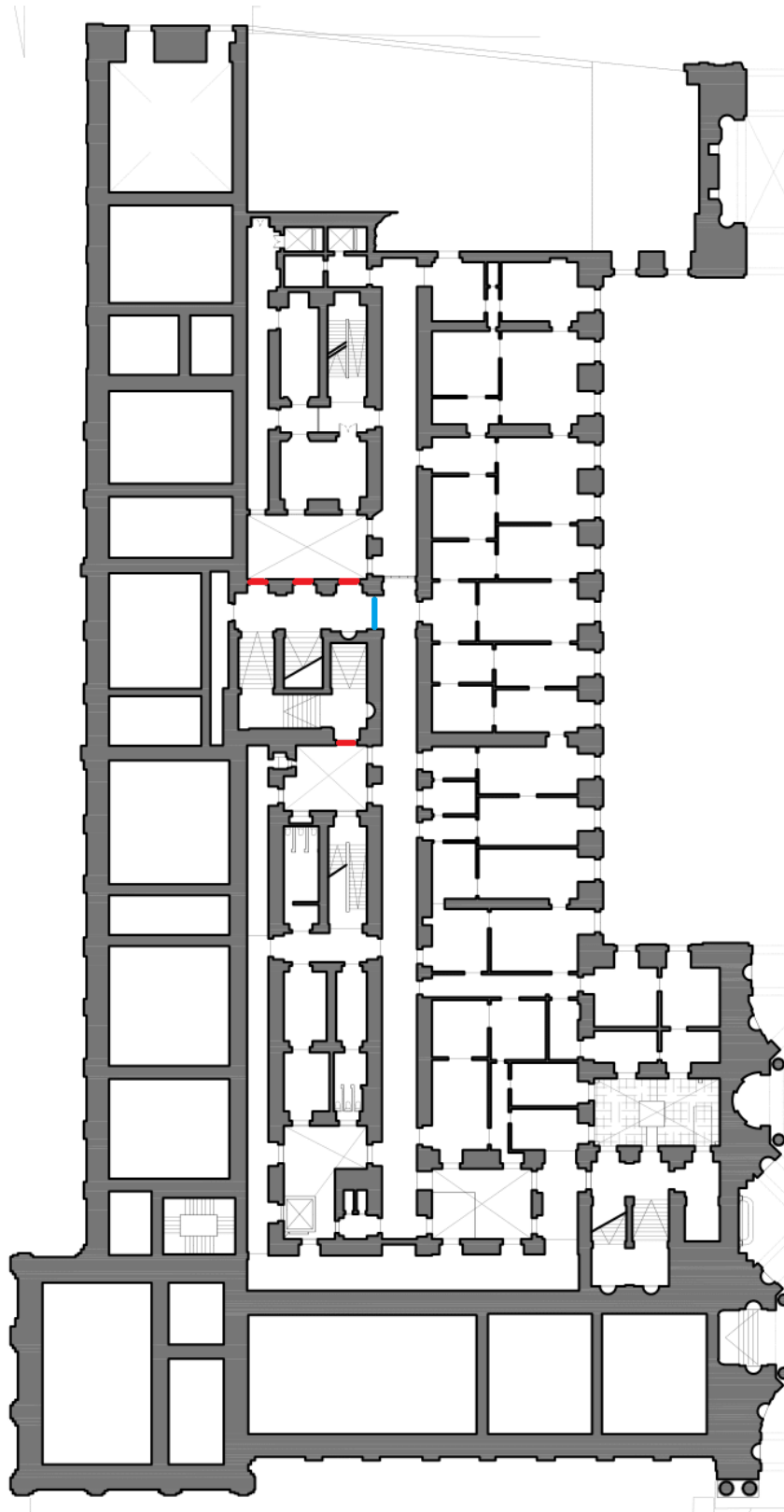


Figura 5. Localização exata das vidraças artísticas e vitrais no Piso Mezzanine. Planta do Piso 1 do PNA.

Fonte: Paula Palma.

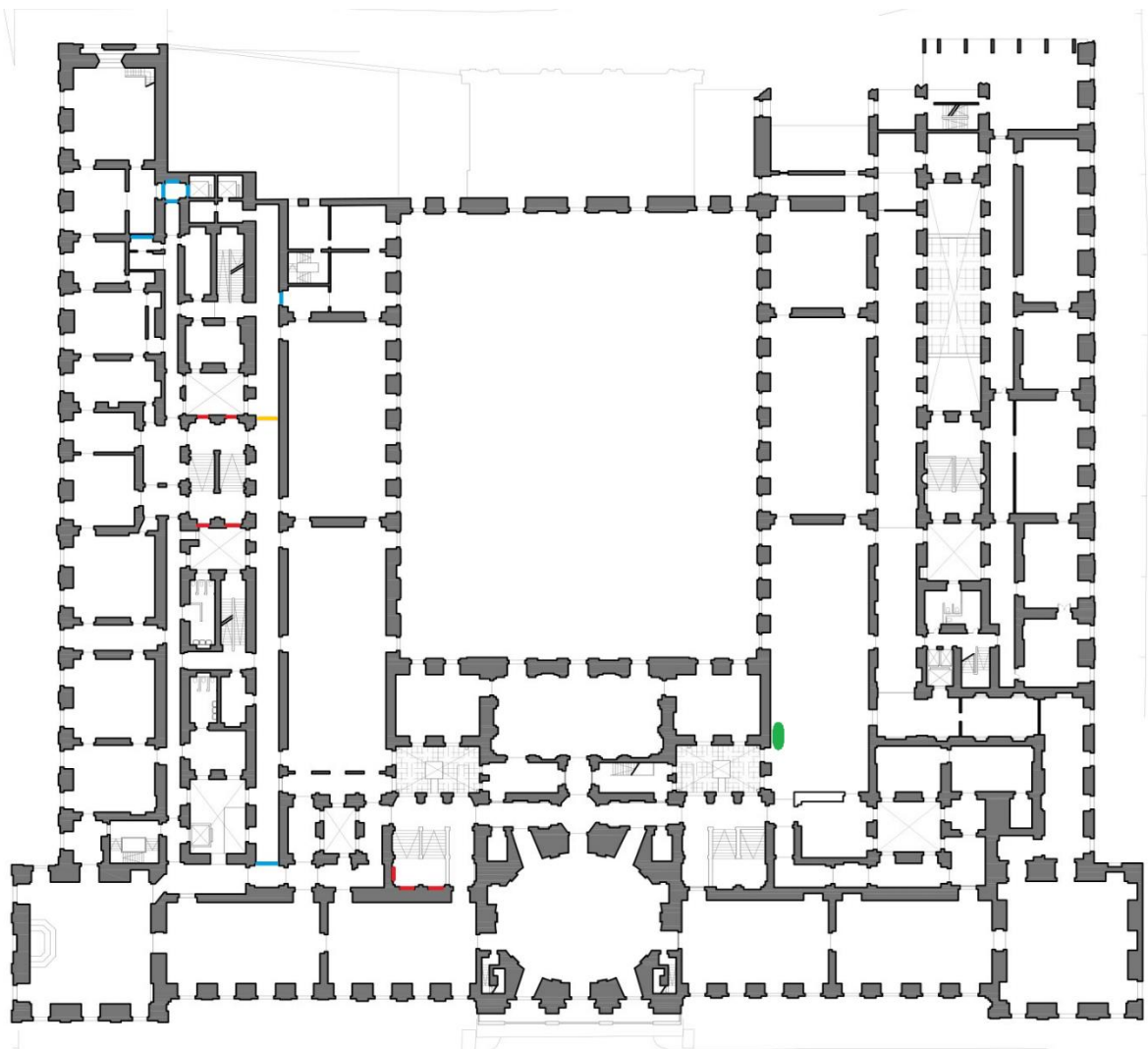


Figura 6. Localização exata das vidraças artísticas e vitrais no Andar Nobre. Planta do Piso 2 do PNA.

Fonte: Paula Palma.

### *Tipologias de portas e janelas em vidraça ou vitral*

Derivada a diversidade das tipologias em estudo, à disparidade quantitativa de vidros contidos em cada exemplar, e de forma a facilitar a contagem de todas as vidraças ou vitrais existentes, optámos por proceder à planificação figurativa das principais tipologias que se encontram no PNA. Esta planificação visa uma melhor compreensão visual dos diferentes objetos em estudo, metodologia que facilitará simultaneamente a contagem de todas as peças de vidro e respetiva identificação e numeração. As figuras seguintes consistem em esboços ilustrativos das tipologias cujos exemplares se observam proeminentemente no Palácio Nacional da Ajuda, e das que se consideram mais relevantes do ponto de vista artístico, visual e decorativo. Contemplam-se no levantamento numérico qualquer exemplar encontrado no decurso deste trabalho, até os que são únicos e se guardam em reserva, desde que de uma obra de vidro artístico se trate. Nesta primeira fase do levantamento geográfico e numérico das vidraças e dos vitrais, procura fazer-se uma caracterização breve de cada tipologia e não uma descrição minuciosa, uma vez que, adiante, cada peça irá ser alvo de uma observação mais rigorosa que permitirá a elaboração de uma ficha individual, onde a peça será caracterizada e inventariada de acordo com as suas especificidades próprias.

É possível destacar 16 principais tipologias de portas envidraçadas dispostas ao longo do Palácio Nacional da Ajuda e 7 tipologias de janelas em vidraça artística ou vitral; além de outros elementos ornamentais de menor dimensão, tais como sobreportas envidraçadas, ou os vitrais decorativos do elevador da rainha. Nas reservas, o Museu dispõe de alguns outros exemplares únicos, que também importa identificar e inventariar. Observem-se as seguintes figuras,<sup>17</sup> que dizem respeito à ilustração das principais tipologias, subdividas nas categorias de “porta”, “janela” e “ornamento”. Em complemento a estes esboços, considerámos oportuna a elaboração e anexação de duas tabelas que explanam o processo de contagem das peças; registam a localização das várias tipologias contendo vidraça ou vitral no espaço do Palácio Nacional da Ajuda; e de uma lista-roteiro destas localizações orientada no sentido do percurso expositivo do Museu, isto é: começando a partir da entrada, percorrendo o Piso Térreo, seguindo pela Escadaria Nobre, passando pelo Piso Mezzanine e terminando no Andar Nobre.

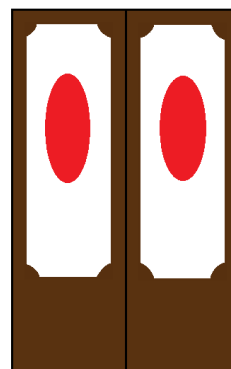
---

<sup>17</sup> Estas representações, elaboradas pela autora, são meramente ilustrativas e não se encontram feitas à escala.

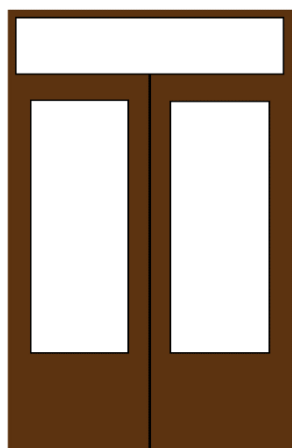
## Tipologias de portas com vidraças ou vitral



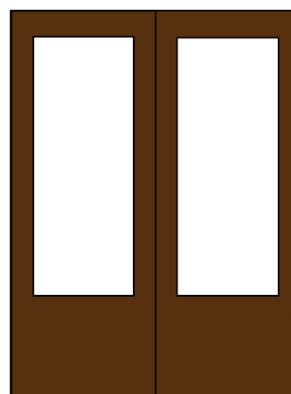
1



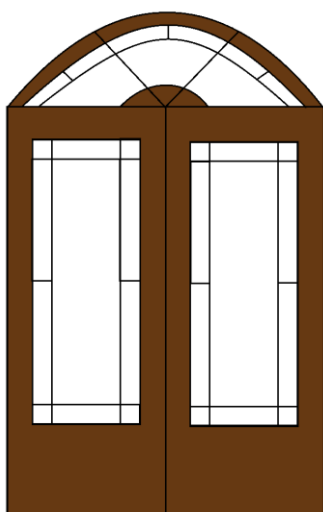
2



3



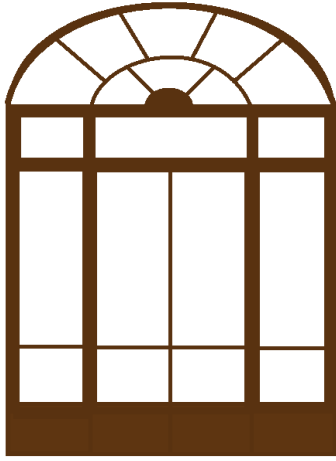
4



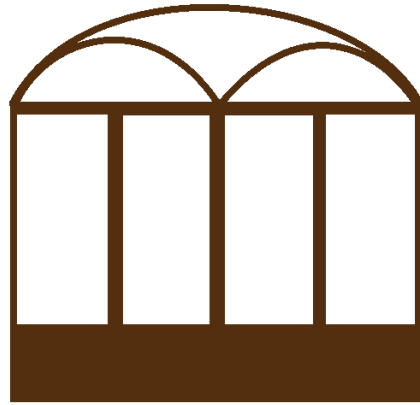
5



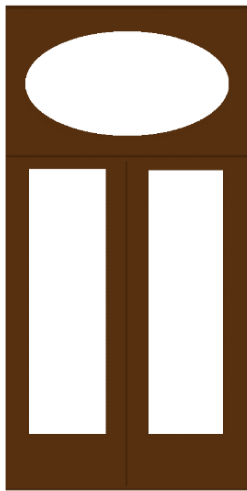
6



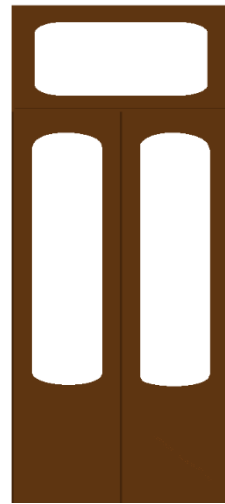
7



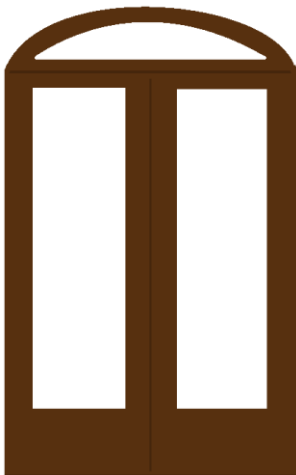
8



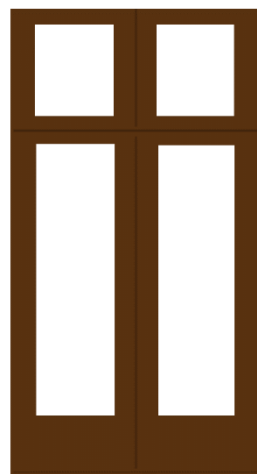
9



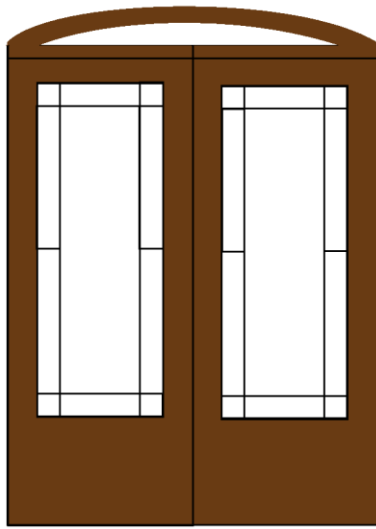
10



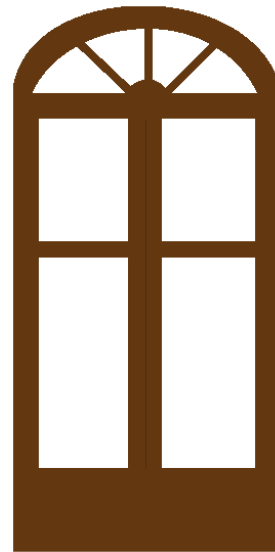
11



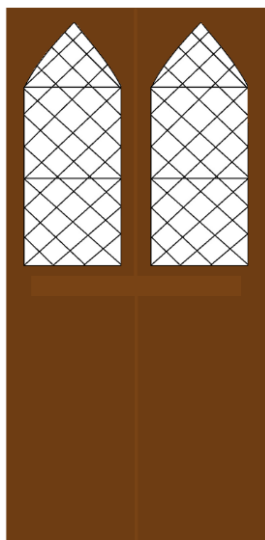
12



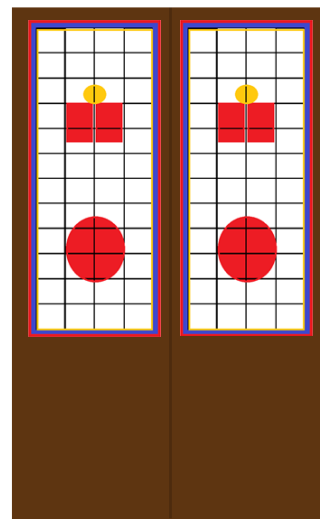
13



14

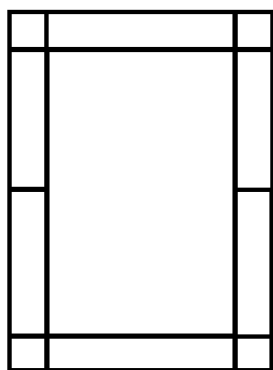


15

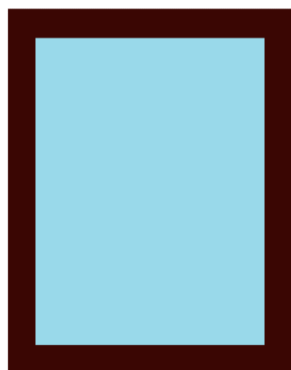


16

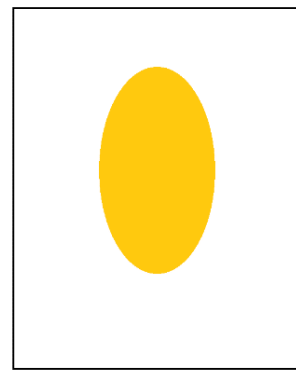
## Tipologias de Janelas em vidraça ou vitral



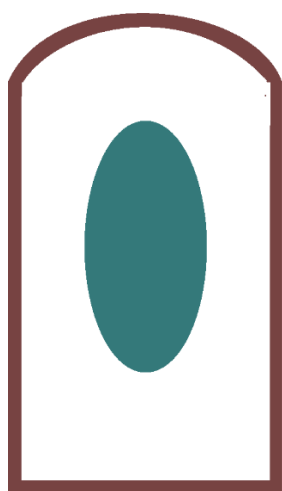
1



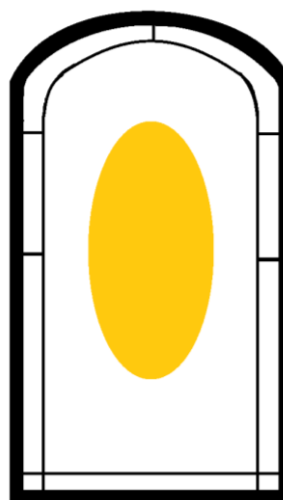
2



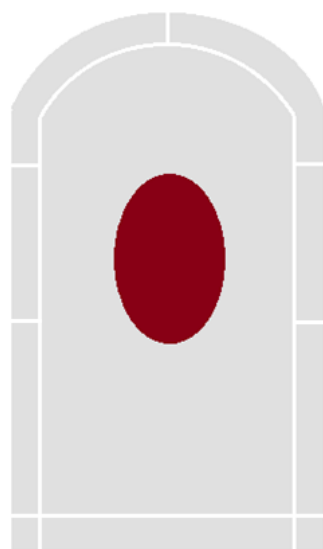
3



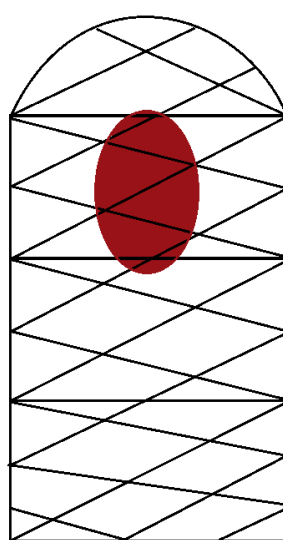
4



5



6



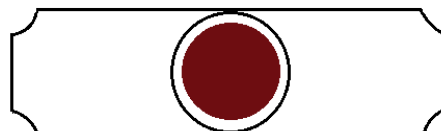
7

## Tipologias de ornamentos

### Sobreporta em vidraça

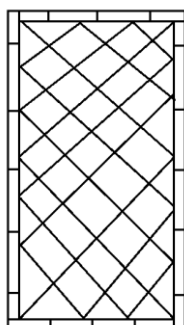


1

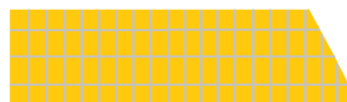


2

### Vitrais



3



4

### Índice de tipologias e respetiva caracterização:

**Porta 1.** Porta composta por um total de 11 vidraças foscas: 4 grandes vidraças nas portadas; 3 vidraças num primeiro nível da sobreporta e 4 vidraças na segunda sobreporta, em arco de volta perfeita. Vidraças de diferentes formatos. Motivos neoclássicos.

**Porta 2.** Porta de duas portadas com 2 vidraças foscas, aproximadamente retangulares, de extremidades arredondadas e com pintura das Armas de Portugal

**Porta 3.** Porta de duas portadas e uma bandeira: 2 vidraças retangulares nas portadas e uma vidraça retangular na bandeira. Vidro fosco com gravura neoclássica.

**Porta 4.** Porta de duas portadas, com 2 vidraças retangulares com gravura neoclássica.

**Porta 5.** Porta de 2 portadas e uma sobreporta em arco de volta perfeita, composta por um total de 31 vidraças: 11 vidraças em cada portada, com uma grande ao centro e 10 menores em volta; e 9 vidraças na sobreporta em arco de volta perfeita. Vidraças de diferentes formatos, foscas e com gravura de motivos neoclássicos.

**Porta 6.** Porta com duas sobreportas composta por 15 vidraças de diferentes formatos: uma retangular composta por 9 vidraças e a superior, em arco de volta perfeita, composta por outras 6 vidraças. Vidraças foscas com gravuras de decoração neoclássica.

**Porta 7.** Porta composta por um total de 19 vidraças das quais apenas 11 possuem decoração: 8 vidraças compõem as 4 portadas; 3 vidraças compõem uma primeira

sobreporta; 8 vidraças sem decoração compõem a última ou superior sobreporta, em arco de volta perfeita. Vidraças de diferentes formatos; vidro fosco com decoração geométrica.

**Porta 8.** Porta composta por 7 vidraças, das quais apenas 4 possuem decoração: 4 vidraças foscas com gravuras de motivos neoclássicos nas portadas e 3 vidraças sem decoração na sobreporta, em arco de volta perfeita. Vidraças de diferentes formatos.

**Porta 9.** Porta composta por 3 vidraças: 2 vidraças retangulares nas portadas e uma vidraça oval na sobreporta. Vidro fosco com gravura de motivos neoclássicos.

**Porta 10.** Porta composta por 3 vidraças: 2 vidraças nas portadas e uma vidraça na sobreporta. Vidraças de formato aproximadamente retangular, de extremidades arredondadas. Vidro fosco com gravura de motivos neoclássicos.

**Porta 11.** Porta composta por 3 vidraças: 2 vidraças retangulares nas portadas e 1 vidraça semioval, em arco de volta perfeita na sobreporta. Vidro fosco com gravura de motivos neoclássicos.

**Porta 12.** Porta composta por 4 vidraças das quais 2 possuem decoração: 2 vidraças foscas com gravura de motivos neoclássicos nas portadas e 2 vidraças não decoradas na sobreporta. Vidraças de formato retangular.

**Porta 13.** Porta composta por um total de 23 vidraças, das quais 22 possuem decoração: 11 vidraças foscas com gravura de motivos neoclássicos em cada uma das duas portadas, e 1 vidraça não decorada na sobreporta em arco de volta perfeita.

**Porta 14.** Porta composta por um total de 8 vidraças: 2 vidraças retangulares nas portadas, 2 vidraças retangulares na primeira sobreporta e 4 vidraças na segunda sobreporta, em arco de volta perfeita. Vidro fosco com gravura de motivos neoclássicos.

**Porta 15.** Porta de 2 vitrais: duas portadas, cada uma delas contendo um vitral integrado, em formato de arco ogival e padrão geométrico colorido.

**Porta 16.** Porta de 2 vitrais: duas portadas, cada uma delas contendo um vitral retangular integrado, de padrão geométrico e com monograma/insígnia real.

**Janela 1.** Janela de formato retangular composta por 11 vidraças: uma grande ao centro e 10 menores em volta. Formatos retangulares, vidro fosco gravado com motivos neoclássicos.

**Janela 2.** Janela retangular com uma grande vidraça. Vidro fosco gravado com motivos neoclássicos.

**Janela 3.** Janela retângula com uma grande vidraça fosca, armoriada ou não. 4 possuem pintura a esmalte, outras 4 apenas ornamento geométrico simples.

**Janela 4.** Janela em arco de volta perfeita, composta por uma grande vidraça armoriada embutida num suporte de madeira. Vidraça fosca, com pintura de monograma real.

**Janela 5.** Janela em formato de arco de volta perfeita, composta por 10 vidraças de diferentes formatos e tamanhos: uma grande vidraça ao centro, contendo pintura a esmalte de Armas Reais, e 9 vidraças menores em volta. Todas as vidraças são foscas e contêm gravura de motivos neoclássicos.

**Janela 6.** Janela em formato de arco de volta perfeita, composta por 10 vidraças das quais apenas uma, a central, possui pintura de armas reais. 9 vidraças menores em volta. Todas as vidraças são foscas.

**Janela 7.** Janela em formato de arco de volta perfeita, composta por um vitral de padrão geométrico e monograma real ao centro.

**Ornamento 1.** Sobreporta em arco de volta perfeita composta por 3 vidraças, das quais apenas 1, a central, contem pintura de Armas Reais.

**Ornamento 2.** Sobreporta composta por uma vidraça única, em formato retangular de extremidades irregulares, que contem ao centro a pintura de um brasão.

**Ornamento 3.** Vitral retangular com padrão geométrico colorido.

**Ornamento 4.** Vitral amarelo de pequenas dimensões, em formato de trapézio irregular e com padrão geométrico.

<b>Tipologia</b>	<b>Quantidade</b> (Nº de exemplares)	<b>Número de vidraças ou vitrais</b> <b>que a compõem</b>	<b>Número total de peças</b>
Porta 1	1	11	11
Porta 2	1	2	2
Porta 3	7	3	20
Porta 4	4	2	8
Porta 5	7	31	217
Porta 6	1	15	15
Porta 7	1	11	11
Porta 8	1	7 (4 ornamentadas)	4
Porta 9	2	3 (vidraça em falta)	5
Porta 10	2	3	6
Porta 11	1	2	2
Porta 12	1	2	2
Porta 13	1	22	22
Porta 14	1	8	8
Porta 15	2	2	4
Porta 16	2	2	4
Janela 1	4	11	44
Janela 2	3	1	3
Janela 3	8	1	8
Janela 4	3	1	3
Janela 5	4	10	40
Janela 6	3	1	3
Janela 7	2	1	2
Ornamento 1	1	1	1
Ornamento 2	1	2 (1 pintada)	1
Ornamento 3	4	1	4
Ornamento 4	8	1	8
Vitral Reserva	5	5	5
Vidraça Reserva	19	19	19
<b>Total</b>	<b>100</b>		<b>481</b>

Tabela 2. Levantamento numérico das vidraças e vitrais do PNA, por quantidade existente de cada tipologia e número de peças de vidraça ou vitral que as compõem.<sup>18</sup>

Fonte: Paula Palma.

<sup>18</sup> Apenas se encontram contabilizadas, no total, vidraças trabalhadas artisticamente – que possuam gravura ou pintura – mesmo que integrem um conjunto no qual se inserem outras vidraças simples/não trabalhadas.



constituam igualmente peças artísticas que integram o conjunto em estudo, mas que não são o foco deste trabalho, vão ser menos consideradas na observação. Assim sendo, no caso de uma porta de tipologia 5, que é composta por um total de 31 vidraças, ao número de inventário atribuído (ao conjunto) serão indexadas 31 alíneas que correspondem, individualmente, a cada uma das vidraças integrantes. Dá-se o exemplo: 2222/1 a 2222/31.

Clarificadas quais as tipologias de porta e janela em estudo, surge também a necessidade de descortinar e tipificar, por sua vez, quais são as tipologias de vidraça que integram cada porta e janela, no caso das peças compósitas cujos elementos componentes são desiguais ou díspares, isto é, aquelas (portas ou janelas) que agregam duas ou mais tipologias de vidraças diferentes no seu conjunto. Deste modo, e para sermos o mais minuciosos e específicos possível, teremos numeradas as diferentes tipologias de vidraça que integram a Porta 1, por exemplo. Neste caso, a peça compósita Porta 1 é constituída pelos seguintes elementos: Vidraça 1 e Vidraça 2 na porta; Vidraça 3 e Vidraça 4 junto à verga; e Vidraças 5, 6 e 7 na sobreporta. A importância desta categorização justifica-se com a eventual necessidade de mencionar, referir ou simplesmente caracterizar qualquer uma das peças, principalmente numa fase em que as mesmas ainda não possuem um número de inventário que as identifique. Se, até aqui, importava uma leitura numérica ou quantitativa das peças, surge então a necessidade de observação qualitativa ou tipológica das mesmas.

As imagens seguintes correspondem a fotografias de exemplares de cada tipologia de porta ou janela que constitui um caso de peça compósita com diferentes vidraças integradas. Os casos excluídos da seguinte observação dizem respeito, por exemplo, às janelas compostas por uma vidraça única, ou às portas de duas portadas que são compostas por um par de vidraças iguais. Observem-se, portanto, os casos em que as vidraças que compõem a porta ou a janela em estudo são desiguais, e se encontram identificadas numericamente:



Figura 7. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 1. © Paula Palma.



Figura 8. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 3. © Paula Palma.



Figura 9. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 5. © Paula Palma.



Figura 10. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 6. © Paula Palma.



Figura 11. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 7. © Paula Palma.



Figura 12. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 8. © Paula Palma.



Figura 13. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 9. © Paula Palma.



Figura 14. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 10. © Paula Palma.



Figura 15. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 13. © Paula Palma.



Figura 16. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Porta 14. © Paula Palma.



Figura 17. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Janela 1. © Paula Palma.



Figura 18. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Janela 6. © Paula Palma.



Figura 19. Numeração das tipologias de vidraça que compõem a Janela 5. © Paula Palma.

### *Atribuição de número de inventário*

Embora nos deparemos com a estrutural problemática da escassez de informação e da incompletude do inventário relativo às vidraças do PNA, é fundamental considerar o trabalho já feito, indispensável à nossa investigação e dar-lhe continuidade. Os vitrais, localizados na Biblioteca do Rei D. Luís (Inv. 56742 a 56745) e na Capela Térrea (Inv. 58139 e 58140) foram inventariados pela Dra. Maria João Burnay, em 2014. As portas e janelas do Piso Térreo constituídas por vidraças, encontram-se também contempladas no inventário museológico. Estas fichas, por sua vez, são da autoria de Paulo Costa e datam de 2005. Os dados existentes constituem uma importante fonte de informação e devem integrar o presente projeto. Deste modo, e recorrendo às bases de dados disponíveis, ao inventário em ficheiro físico do PNA e à plataforma digital Raiz, ferramenta da Museus e Monumentos de Portugal e uma continuação atualizada da antiga plataforma MatrizNet, da ex-DGPC, tivemos acesso às fichas de inventário elaboradas pela Dra. Maria João Burnay e pelo Dr. Paulo Costa, cujos principais contributos passamos a elencar. Tenha-se em atenção o facto de que o colaborador externo ao PNA, Paulo Costa, designou os corredores e salas com os termos utilizados nas décadas de 1980 e 1990, termos que foram erradicados, ainda que, por vezes, no decorrer do funcionamento museológico do PNA, determinados termos se utilizem incorretamente.

As designações atribuídas pelo Dr. Paulo Costa para as peças e os respetivos números de inventário mantêm-se. As localizações, entretanto alteradas, foram corrigidas para que se adequem à norma atual. Paulo Costa inventariou também janelas em vidraça simples (não decoradas). Relativamente às portas e janelas em vidraça que estavam em falta no inventário museológico, e para as quais se atribuíram novos números, as suas fichas completas encontram-se em anexo no final deste trabalho. Por razões ligadas à forma como se encontram acondicionadas, algumas das peças que estão em reserva (Galeria D. Luís) e às quais foram atribuídas números de inventário, acabaram por ser excluídas na etapa da inventariação adiante no presente trabalho, e foi deixado ao critério do PNA decidir o que fazer com os números lançados em maio de 2024.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> A laranja, encontram-se assinalados os números de inventário das peças que não constam na nossa inventariação.

<b>Inventário</b>	<b>Coleção</b>	<b>Designação</b>	<b>Localização</b>
58113	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor das Estátuas, 1ª de frente
58114	Vidros	Armas Reais	Corredor das Estátuas, sobreporta ornamentada
58115	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor das Estátuas, 1ª à direita
58116	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor das Estátuas, 1ª à esquerda
58117	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor das Estátuas, 2ª à direita
58118	Vidros	Vidraça de Janela	Corredor das Estátuas
58119	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor das Estátuas, acesso ao corredor D. Luís
58120	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor D. Luís, junto ao elevador
58121	Vidros	Vidraças de Janela	Corredor D. Luís, junto ao elevador
58122	Vidros	Vidraça de Porta	Passagem do corredor das estátuas ao corredor Largo
58123	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor Largo, porta para o saguão
58124	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor da cozinha dos funcionários
58125	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor Largo, junto à Sala de Jantar
58126	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor Largo, junto à Casa Forte
58127	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor Largo, passagem para o Vestíbulo
58128	Vidros	Vidraça de Porta	Acesso do corredor do Vestíbulo para o Vestíbulo
58129	Vidros	Vidraça de janela e decorativa	Vestíbulo
58130	Vidros	Vidraça de janela e decorativa	Vestíbulo
58131	Vidros	Vidraça de janela e decorativa	Vestíbulo
58132	Vidros	Vidraça de janela e decorativa	Vestíbulo
58133	Vidros	Vidraça de Porta	Vestíbulo – Porta de entrada Nobre
58134	Vidros	Vidraça de janela e decorativa	Vestíbulo
58135	Vidros	Vidraça de janela e decorativa	Vestíbulo
58136	Vidros	Vidraça de janela e decorativa	Vestíbulo
58137	Vidros	Vidraça de janela e decorativa	Vestíbulo
58138	Vidros	Vidraça de Porta	Acesso ao corredor do Oratório da Rainha
58139	Vidros	Porta com Vitral	Porta passagem para o Oratório da Rainha

58140	Vidros	Porta com Vitral	Oratório da Rainha, porta da sacristia
58141	Vidros	Portada de Vitral	Oratório da Rainha
58142	Vidros	Portada de Vitral	Oratório da Rainha
58143	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor do Vestíbulo, acesso à Escadaria Nobre
58144	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor do Vestíbulo, acesso à Sala de Mármore
58145	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor D. Luís, acesso à parte poente, 1ª porta
58146	Vidros	Vidraça de Janela	1º Patamar corredor do Vestíbulo, Escadaria Nobre
58147	Vidros	Vidraça de Janela	1º Patamar corredor do Vestíbulo, Escadaria Nobre
58148	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor D. Luís, parte poente, 2ª porta
58149	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor D. Luís, parte poente, 3ª porta
58150	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor D. Luís, parte poente, 4ª porta
58151	Vidros	Vidraça de Porta	Corredor D. Luís, parte poente, 5ª porta, antigo elevador (já não existe)
58152	Vidros	Vidraças de Janelas	Corredor do elevador do IPM
58153	Vidros	Vidraças de Janelas	Corredor do elevador do IPM
58154	Vidros	Vidraça	Arco/Janelão da Sala Azul para o Gabinete Carvalho
58155	Vidros	Espelho	Toucador da Rainha
58156	Vidros	Bandeira de Porta	Corredor do elevador do IPM
58157	Vidros	Bandeira de Porta	Corredor do elevador do IPM (acesso à escada)
56742	Vidros	Portada de Vitral	Andar Nobre, Biblioteca do Rei
56743	Vidros	Portada de Vitral	Andar Nobre, Biblioteca do Rei
56744	Vidros	Portada de Vitral	Andar Nobre, Biblioteca do Rei
56745	Vidros	Portada de Vitral	Andar Nobre, Biblioteca do Rei
?	Vidros	Vitral muito fragmentado	Reserva temporária, Antiga Capela
65972	Vidros	Vitral restaurado	Reserva temporária, Antiga Capela
3599	Vidros	Vitral circular	Reserva temporária, Antiga Capela
59440		Vitral representando guerreiro	Reserva

Tabela 4. Portas ou janelas com vidraças e vitrais previamente inventariados no PNA.

Fonte: Paula Palma.

<b>Inventário</b>	<b>Designação e breve descrição</b>	<b>Localização</b>	<b>Data</b>
69847	Porta com 2 vidraças pintadas, Armas de Portugal	Sala dos Archeiros, Piso Térreo	29/02/24
69848	Janela com vidraça pintada, Monograma D. Luís I	Escadaria Nobre, Patamar Mezzanine	29/02/24
69849	Janela com vidraça pintada, Monograma de D. Maria Pia	Escadaria Nobre, Patamar Mezzanine	29/02/24
69880	Janela com vidraça pintada, Monograma de D. Luís I	Escadaria Nobre, Patamar Mezzanine	05/07/24
69881	Porta de acesso ao Museu com 11 vidraças	Entrada Museu, Piso Térreo	05/07/24
69882	Porta com 2 vidraças de decoração neoclássica	Sala dos Archeiros, Piso Térreo	05/07/24
69883	Janela composta por 1 vidraça de decoração neoclássica	Escadaria Nobre, Piso térreo	05/05/24
69884	Porta guarda-vento composta por 7 vidraças das quais 4 têm decoração neoclássica	Escadaria Nobre, Patamar Mezzanine	09/05/24
69885	Janela composta por 10 vidraças das quais uma possui pintura das Armas da Casa de Bragança	Escadaria Nobre, Patamar Nobre	09/05/24
69886	Janela composta por 10 vidraças das quais uma possui pintura das Armas de Saxe-Coburgo	Escadaria Nobre, Patamar Nobre	09/05/24
69887	Janela composta por 10 vidraças das quais uma possui pintura das Armas da Casa de Saboia	Escadaria Nobre, Patamar Nobre	09/05/24
69888	Janela composta por 10 vidraças das quais uma possui pintura das Armas de Portugal	Escadaria Nobre, Patamar Nobre	09/05/24
69889	Porta composta por 3 vidraças de decoração neoclássica	Corredor de acesso ao Atelier (1ª porta) Andar Nobre	09/05/24
69890	Porta composta por 3 vidraças de decoração neoclássica	Corredor de acesso ao Atelier (porta esquerda) Andar Nobre	09/05/24
69891	Porta composta por 3 vidraças de decoração neoclássica	Corredor de acesso ao Atelier (porta direita) Andar Nobre	09/05/24
69892	Porta composta por 2 vidraças de decoração neoclássica e com 1 vidraça sem decoração	Corredor de acesso ao Atelier (2ª porta) Andar Nobre	09/05/24
69893	Porta composta por 23 vidraças das quais 22 possuem decoração neoclássica	Antecâmara do quarto de cama do rei, Andar Nobre	09/05/24
69894	Sobreporta composta por 5 vidraças das quais uma possui pintura das Armas Reais	Corredor Beauharnais, acesso ao Corredor das Estufas, Andar Nobre	09/05/24

69895	Porta composta por 4 vidraças das quais 2 possuem decoração neoclássica	Corredor das Estufas, acesso à Antecâmara da Sala Porto Covo	09/05/24
69896	Janela em vidraça com pintura das Armas de Portugal	Escadaria do Cortejo	09/05/24
69897	Janela em vidraça com pintura das Armas de Portugal	Escadaria do Cortejo	09/05/24
69898	Janela em vidraça com pintura das Armas de Portugal	Escadaria do Cortejo	09/05/24
69899- 69901	3 Vidraças azuis com motivos florais	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69902	Grande vidraça retangular com decoração neoclássica	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69903- 69909	Conjunto de 7 pequenas vidraças retangulares com padrão de gregas	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69910	Vidraça triangular com decoração geométrica	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69911	Vidraça triangular com decoração geométrica	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69912 e 69913	2 Vidraças (par) de decoração neoclássica	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69914	Pequena vidraça com decoração neoclássica	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69915	Fragmento de vidraça pintada	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69916 e 69917	Vidraças de janelas de Cascais com arrolamento	Reserva temporária Galeria D. Luís	09/05/24
69918- 69921	Conjunto de 4 vitrais com padrão geométrico colorido	Elevador do Rei	09/05/24
69922 – 69929	Conjunto de 8 pequenos vitrais amarelos com padrão geométrico	Elevador do Rei	09/05/24
69930	Pequeno biombo de vitral	Reserva	09/05/24
70034	Janelas de vidraças com decoração neoclássica	Zona acedida por escada ao fundo do corredor Mezzanine	19/02/25
70035	Janelas de vidraças com decoração neoclássica	Zona acedida por escada ao fundo do corredor Mezzanine	19/02/25

Tabela 5. Peças em vidraça ou vitral inventariados no decorrer do estágio curricular.

Fonte: Paula Palma.

Nos casos que acabámos de observar, previamente inventariados, verificamos a existência de um só número para identificar portas com 3 vidraças. No trabalho a desenvolver, pretende-se individualizar sob a forma de alíneas cada peça de vidro existente, isto é, as vidraças. Desta forma, os números existentes permanecerão inalterados, mas receberão uma alínea por cada vidraça que compõe o conjunto. Dá-se o exemplo:

Porta 58115, Vidraça 58115/1, Vidraça 58115/2 e Vidraça 58115/3.

Tenha-se em a atenção o facto de que muitas das peças em estudo, tanto as que vão ser anexadas ao inventário museológico como as que já se encontravam inventariadas, pertencem simultaneamente à coleção de Vidro e à coleção de Mobiliário. No caso daquelas que são revestidas por uma grande estrutura em carvalho que envolve o conjunto das vidraças, isto é, as portas que separam as divisões e os corredores, as peças são registadas como pertencentes à coleção de Mobiliário. No caso daquelas que são essencialmente um janelão, seja ele composto por uma ou várias vidraças, sendo o vidro aquilo que mais destaca e caracteriza a peça, serão registadas na coleção de Vidro. Evidentemente, o vidro também é um elemento fundamental nas portas envidraçadas; ainda assim, optou-se por considerar que são peças pertencentes à categoria de mobiliário, também pelo carácter funcional e pela utilidade que desempenham, como guarda-ventos, em muitos dos casos.

**Guarda-Vento.** “Reposteiro ou anteparo de madeira colocado dentro das igrejas ou de outros edifícios, junto à porta principal, para os resguardar do vento.”<sup>20</sup>

Para melhor entendimento da distribuição das peças em estudo ao longo do percurso museológico do Palácio e de forma a facilitar o lançamento dos números de inventário, aos quais serão anexadas, num momento seguinte, fichas que as caracterizam e descrevem, desenvolveu-se um guião-roteiro que procura seguir a orientação do percurso que faz o visitante, com as vidraças e vitrais existentes, organizados por tipologia de porta ou janela, por localização (sala, corredor ou escadaria) e algumas especificações, onde serão preenchidos os números de inventário lançados e atribuído um número de ordem. As imprecisões ou lapsos que existem na sequência de números atribuídos, ou as exceções à norma que se poderão verificar em certos pontos deste trabalho, justificam-se com a incompletude do trabalho previamente deixado por Paulo Costa, que se baseou

---

<sup>20</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 188.

apenas no Piso Térreo, com o enorme intervalo de tempo que separa ambos os trabalhos desenvolvidos e com a diferente forma de abordar, visualizar ou organizar a informação disponível, nomeadamente no que diz respeito à ordem pela qual se enumeraram as obras.

### **Roteiro das portas e janelas em vidraça ou vitral, no espaço museológico do PNA**

<b>Nº</b>	<b>Tipologia</b>	<b>Número de vidraças ou vitrais</b>	<b>Notas ou Especificações</b>	<b>Número de Inventário</b>
<b>Piso Térreo</b>				
<b>Acesso ao Museu</b>				
1	Porta 1	11 vidraças	Pintura neoclássica	69881
<b>Sala dos Archeiros</b>				
2	Porta 2	2 vidraças	Foscas armoriadas	69847
3	Porta 4	2 vidraças	Pintura neoclássica	69882
<b>Corredor das Estátuas</b>				
4	Porta 3	3 vidraças	Gravura neoclássica	58113
5	Ornamento 1	1 vidraça	Sobreporta pintada	58114
6	Porta 3	3 vidraças	Gravura neoclássica	58115
7	Porta 3	3 vidraças	Gravura neoclássica	58116
8	Porta 3	3 vidraças	Gravura neoclássica	58117
9	Janela 1	11 vidraças	Gravura neoclássica	58118
10	Porta 3	3 vidraças	Gravura neoclássica	58119
<b>Corredor D. Luís</b>				
11	Porta 3	3 vidraças	Gravura neoclássica	58120
12	Janela 1	11 vidraças	Gravura neoclássica	58121
<b>Corredor D. Luís parte poente (acesso à Salinha dos Príncipes)</b>				
13	Porta 4	2 vidraças	Gravura neoclássica	58148
14	Porta 14	8 vidraças	Gravura neoclássica	58149
15	Porta 10	3 vidraças	Gravura neoclássica	58150
<b>Corredor Largo</b>				
16	Porta 5	31 vidraças	Gravura neoclássica	58122
17	Porta 3	3 vidraças	Gravura neoclássica	58123
18	Porta 5	31 vidraças	Gravura neoclássica	58125
19	Porta 5	31 vidraças	Gravura neoclássica	58126
20	Porta 5	31 vidraças	Gravura neoclássica	58127
<b>Escada de acesso</b>				
21	Porta 7	11 vidraças	Gravura geométrica	58124
<b>Corredor Nobre ou do Vestíbulo</b>				
22	Porta 5	31 vidraças	Gravura neoclássica	58128
23	Porta 5	31 vidraças	Gravura neoclássica	58138
24	Porta 5	31 vidraças	Gravura neoclássica	58143
25	Janela 2	1 vidraça	Gravura neoclássica	58146
26	Janela 2	1 vidraça	Gravura Neoclássica	58147
27	Porta 4	2 vidraças	Gravura neoclássica	58144
28	Porta 4	2 vidraças	Gravura neoclássica	58145
<b>Vestíbulo</b>				
29	Janela 3	1 vidraça	Fosca, pintura armoriada	58135
30	Janela 3	1 vidraça	Fosca, pintura armoriada	58136

31	Janela 3	1 vidraça	Fosca, pintura armoriada	58131
32	Janela 3	1 vidraça	Fosca, pintura armoriada	58130
33	Porta 8	15 vidraças	Gravura neoclássica	58133
34	Janela 3	1 vidraça	Fosca. Moldura	58129
35	Janela 3	1 vidraça	Fosca. Moldura	58132
36	Janela 3	1 vidraça	Fosca. Moldura	58134
37	Janela 3	1 vidraça	Fosca. Moldura	58137
<b>Capela Térrea</b>				
38	Porta 14	2 vitrais	Mosaico geométrico	58139
39	Porta 14	2 vitrais	Mosaico geométrico	58140
40	Janela 7	1 vitral	Mosaico e armoriado	58141
41	Janela 7	1 vitral	Mosaico e armoriado	58142
<b>Escadaria Nobre. Patamar Térreo</b>				
42	Janela 2	1 vidraça	Gravura Neoclássica	69883
<b>Patamar Mezzanine</b>				
43	Janela 4	1 vidraça	Pintura monograma	69848
44	Janela 4	1 vidraça	Pintura monograma	69849
45	Janela 4	1 vidraça	Pintura monograma	69880
46	Porta 8	4 vidraças gravadas	Gravura neoclássica	69884
<b>Patamar Nobre</b>				
47	Janela 5	10 vidraças	Gravada e armoriada	69885
48	Janela 5	10 vidraças	Gravada e armoriada	69886
49	Janela 5	10 vidraças	Gravada e armoriada	69887
50	Janela 5	10 vidraças	Gravada e armoriada	69888
<b>Andar Nobre</b>				
<b>Corredor das Cozinhas</b>				
51	Porta 9	3 vidraças	Gravura neoclássica	69889
52	Porta 11	3 vidraças	Gravura neoclássica	69890
53	Porta 10	3 vidraças	Gravura neoclássica	69891
54	Porta 9	2 vidraças (falta 1)	Gravura neoclássica	69892
<b>Toilette dos últimos quartos do Rei</b>				
55	Porta 13	22 vidraças	Gravura neoclássica	69893
<b>Biblioteca do Rei D. Luís</b>				
56	Porta 15	2 vitrais	Armoriados	56742 e 56743
57	Porta 15	2 vitrais	Armoriados	56744 e 56745
<b>Corredor Beauharnais</b>				
58	Ornamento 2	1 vidraça pintada	Sobreporta armoriada	69894
<b>Corredor das Estufas</b>				
59	Porta 12	2 vidraças gravadas	Gravura neoclássica	69895
<b>Escadaria do Cortejo</b>				
60	Janela 6	1 vidraça	Pintura armoriada	69896
61	Janela 6	1 vidraça	Pintura armoriada	69897
62	Janela 6	1 vidraça	Pintura armoriada	69899
<b>Elevador da Rainha</b>				
63	Ornamentos 3	4 vitrais	Retangular	69918 – 69921
64	8 Ornamentos 4	8 vitrais	Trapézio irregular	69922 – 69929
<b>Zona do Piso Térreo acedida por escada ao fundo do corredor Mezzanine</b>				
65	Janela 1	11 vidraças	Gravura neoclássica	70034

66	Janela 1	11 vidraças	Gravura neoclássica	70035
<b>Reserva</b>				
	<b>Vidraças</b>	<b>19</b>	<b>Variados</b>	
	<b>Vitrais</b>	<b>5</b>	<b>Variados</b>	
	Vitral fragmentado	1	Muito frágil	?
	Vitral com círculos	1	Restaurado	65972
	Vitral circular	1	Mulher	3599
	Vitral retangular	1	Guerreiro	59440
	Vitral pequeno	1	Painel / Biombo	69930
	Vidraças azuis	3	Motivos florais	69899-69901
	Vidraça grande	1	Gravada	69902
	Vidraças pequenas	7	Padrão grego	69903 – 69909
	Fragmentos Vidraça	2	+/- Triangulares	69910 e 69911
	Vidraças grandes par	2	Jarras neoclássicas	69912 e 69913
	Vidraça pequena	1	Jarra neoclássica	69914
	Vidraça pintada	1	Fragmentada	69915
	Vidraças de Cascaes	2	Possuem arrolamento	69916 e 69917

Tabela 6. Roteiro das portas, janelas e ornamentos contendo vidraça ou vitral existentes no PNA, organizadas por tipologia e sala ou corredor onde se encontram.

Fonte: Paula Palma.

### Capítulo III – O Vidro

#### *A História do Vidro: do seu surgimento à valorização patrimonial*

De acordo com o *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, a definição de vidro é: “material sólido, transparente e frágil, que se obtém pela fusão de areia siliciosa com carbonato de sódio ou de potássio e outros ingredientes, como o óxido de chumbo, utilizado na construção devido à sua transparência e permeabilidade à luz, mesmo quando colorido.”<sup>21</sup>

Com alguma regularidade, até ao final do século passado autores e historiadores referiram-se ao vidro como uma área que tardou em ver reconhecido o seu valor patrimonial e o devido merecimento de uma análise e explanação do ponto de vista artístico, da mesma forma que também tardou um pouco a sua industrialização. Não obstante, alguns se dedicaram a estudá-lo, sobretudo a matéria específica do vitral, que conheceu o seu apogeu nos séculos XV e XVI, e que desde sempre despertou muito encanto entre os mais abastados. Para sustentar o breve traçar do panorama histórico do vidro, temos como principais referências José Amado Mendes, autor de *História do Vidro*

<sup>21</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 378.

*e do Cristal em Portugal* (2002), que nos elucida objetivamente acerca da evolução dos contextos epocais e respetivos efeitos na produção e consumo do vidro; Vasco Valente, autor de *O Vidro em Portugal* e Jorge Custódio (“A História do Vidro – Aspetos na sua Produção no Portugal dos séc. XV a XVIII” em *Al-Madan*, nº 2). Servem-nos igualmente algumas outras publicações indispensáveis de estudiosos do século XX, que citaremos em diante.

Desde as épocas da fabricação artesanal à industrialização, a produção do vidro registou um amplo e notável desenvolvimento, cuja origem remontará a tempos tão antigos quanto a Civilização Egípcia, que já dominava as técnicas da sua fabricação. Tratando-se de um material de carácter flexível e adaptável, a sua utilização ao longo da história, as funções a que foi destinado e as formas que assumiu foram bastante variáveis e extensíveis. O vidro serviu em várias sociedades e a diferentes objetivos: desde o propósito utilitário e funcional, enquanto utensílio de uso quotidiano, a elemento imensamente apreciado e utilizado no âmbito das artes ornamentais e decorativas. À semelhança do que se verifica com outras matérias e setores comerciais, os moldes do seu fabrico e a escala do seu consumo sofreram um enorme impacto com o fenómeno da industrialização, ainda que retardado por comparação com outros setores, como, por exemplo, o têxtil – a massificação e maquinização da produção vidreira ocorreu em oitocentos.<sup>22</sup> Se, antes da industrialização, as técnicas e conhecimentos vidreiros eram dominadas por poucos especialistas, geralmente transmitidos de geração em geração e mantidos dentro das mesmas famílias, sendo o vidro produzido numa escala artesanal, para ser consumido pelas populações locais, a industrialização, que impulsionou a produção em série e em grandes quantidades, permitiu a exploração de outras potencialidades do material, isto é, sua aplicabilidade em diferentes campos, como, por exemplo, na edificação e na construção – âmbito a partir do qual surge o grande consumo da vidraça. Historicamente, reforça-o Jorge Custódio em seu estudo acerca da evolução dos fornos em Portugal (1984), o vidro foi sempre “um produto de luxo, [que] era sobretudo procurado pela casa Real, pelos paços senhoriais e pelo mundo eclesiástico.”<sup>23</sup> Acrescenta: “Ao mestre vidreiro, que dominava saberes ocultos, competia (...) extrair da plasticidade de uma massa incandescente, colorida e homogénea, formas que

---

<sup>22</sup> Mendes, *História do vidro e do cristal em Portugal*, 9.

<sup>23</sup> Vários, *Al-Madan - 1ª série, N.º 2*, 67.

solidificadas e translúcidas, iriam estar na mesa dos ricos, nas rosáceas das igrejas ou nas garrafeiras dos senhores.”<sup>24</sup>

José Mendes (2002) esclarece: “Até ao século XIX, o vidro foi produzido em escala reduzida, pelo que também era usado com parcimónia. O uso da vidraça ainda não se tinha generalizado e os recipientes de madeira, cerâmica ou pele eram então as embalagens mais utilizadas.”<sup>25</sup> Sabemos, pois, que a vidraça, apesar de antiga – conhecem-se especialistas vidraceiros e pintores de vidraça do século XV ou até antecedentes – foi um elemento arquitetonicamente explorado e banalizado em oitocentos. É certo que a produção do vidro sofreu um grande impacto e renovação impulsionados pela introdução da produção fabril; este passou, portanto, a ser utilizado por camadas muito mais alargadas da população, para fins muito mais requintados e diversos, ao passo que as técnicas da sua fabricação também se inovaram e complexificaram, em resposta à grande procura dos produtos de vidro. Em paralelo com o aumento do uso do vidro para objetos como embalagens, garrafas, frascos (objetos do uso quotidiano comum), refinou-se a apreciação e o gosto pelo potencial artístico e pela beleza que este material oferecia quando aplicado às artes. Se quisermos sintetizar qual o estado do vidro na modernidade, podemos destacar, e recorrendo às palavras de José Mendes: “a diversificação do seu uso e aplicação a numerosas finalidades; a crescente utilização do vidro na construção civil e em obras arquitetónicas, muitas delas de traço arrojado e de aprimorado gosto estético; uma mais intensa utilização do vidro como arte, em certos casos associado a beleza à funcionalidade; a massificação e a democratização do uso do vidro doméstico.”<sup>26</sup>

É de se destacar como um importante marco da modernidade artística o surgimento do movimento Arte Nova, que apreciava especialmente o vidro e a difusão das noções de valorização e salvaguarda do património cultural, que proporcionaram uma extensão das áreas artísticas protegidas em museus e instituições patrimoniais. Esta nova abrangência procurou incluir e preservar empresas, centros de produção industrial e os próprios conhecimentos, técnicas e meios utilizados, resultando na valorização do próprio vidro e da sua história.

---

<sup>24</sup> Vários, *Al-Madan - 1ª série, N.º 2*, 68.

<sup>25</sup> Mendes, *História do vidro e do cristal em Portugal*, 9.

<sup>26</sup> Mendes, *História do vidro e do cristal em Portugal*, 29.

Sousa Viterbo (1846-1910), frequente e inevitavelmente citado pelos vários estudiosos do Vidro portugueses do Vidro, parece ter introduzido o termo “arqueologia industrial” e é considerado por muitos como o pioneiro no processo de valorização do Património vidreiro em Portugal, matéria na qual teve um papel preponderante, dados os seus estudos e levantamentos sobre as fábricas de vidro portuguesas, suas publicações e consequente consciencialização para a necessidade de melhor considerar e salvaguardar este setor e aquilo que dele conhecemos e herdámos: técnicas, saberes, fornos, estruturas, centros de produção e operários vidreiros, cujos nomes e origens fez questão de divulgar, traçando assim um panorama português desde o século XV ao século XIX, em que viveu.<sup>27</sup>

Pode entender-se a fundação do Museu do Vidro da Marinha Grande como um importante marco na valorização patrimonial do Vidro em Portugal. Entre 1980 e 1990, vários anos antes da inauguração do Museu, realizavam-se já exposições sobre esta temática, de que destacamos:

*A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial* (setembro de 1989 a setembro de 1990), que ocorreu no âmbito da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, e teve lugar no Palácio Stephens, Marinha Grande, atual localização do Museu do Vidro. Outras exposições deste género aconteceram, igualmente promovidas pela APAI – Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial, no âmbito da dita conferência internacional: *O Vidro em Portugal*, já referenciada neste trabalho, que teve lugar no Museu Nacional de Arte Antiga, em 1989, e *A Indústria do Vidro no século XVIII. A Real Fábrica de Vidros de Coima* (1988), na Biblioteca do Municipal do Barreiro.<sup>28</sup> Servem-nos os catálogos de exposição associados aos referidos projetos.

Em jeito de síntese, pode dizer-se que a primeira exposição, na Marinha Grande, abordava a questão dos desafios associados à musealização do Palácio Stephens, projeto que à altura se encontrava pensado, porém longe de ser concretizado, e desenvolve-se em torno dos 3 temas principais: trabalho, fornos e produtos<sup>29</sup>; a segunda, *O Vidro em*

---

<sup>27</sup> Alarcão et al., *O Vidro em Portugal - Exposição no Museu Nacional de Arte Antiga*, 40.

<sup>28</sup> Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, 11.

<sup>29</sup> Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, 11.

*Portugal*, no MNAA, consistiu numa abordagem histórica das várias etapas do vidro artístico em Portugal e na Europa, ao longo das principais eras e contextos históricos de evolução e inovação.

“(...) a APAI, em conjugação com empresas vidreiras, Câmara Municipal da Marinha Grande e sindicatos, procurou criar um espaço de observação, de reflexão e de divulgação do vidro – uma exposição temporária, se assim se pode dizer. Procurou também contribuir para o inventário e classificação de objetos de vidro, ferramentas, instrumentos de trabalho e máquinas, quer da Fábrica-Escola Irmãos Stephens quer de outras empresas vidreiras (...)”<sup>30</sup>

Cronologicamente, definimos como foco principal deste trabalho a conjuntura do setor vidreiro no eclodir e no pós-primeira revolução industrial, uma vez que é esse o contexto histórico em que se insere o universo patrimonial em estudo. Dada a construção em ritmo progressivo e descontinuado do Palácio Nacional da Ajuda, que teve início no século XVIII, mas que só conheceu as principais intervenções e progressos na década de 1800 quando estabelecidos em Portugal os filhos do falecido rei D. João VI, após a morte deste, pode dizer-se que o processo de construção do PNA ocorreu quase em paralelo ao eclodir da revolução industrial em Portugal, tardia por comparação com outras nações europeias mais desenvolvidas economicamente. Esta mecanização da produção estabelece um marco entre duas fases distintas dos demais setores económicos: a pré-industrial, de carácter manual e artesanal, e a pós-industrial, que introduz a exploração massiva e extensiva de todas as potencialidades do vidro.

### *Técnicas de produção vidreiras*

Desde o início da sua prática, no Antigo Egito, até meados do século XV, a produção de vidro não parece ter registado significativas alterações no que diz respeito às técnicas utilizadas, que se traduzem na fusão das matérias componentes (na sua fórmula essencial: sílica, soda e cal, cujas percentagens e qualidades variam naturalmente de caso em caso), em fornos ou em potes aquecidos, a temperaturas superiores a 1700°C para obtenção da massa vítrea em estado líquido, que pode então ser moldada no formato desejado e depois resfriada. No nº 72 da coleção *a Bibliotheca do Povo e das Escolas*,

---

<sup>30</sup> Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, 11.

uma produção lisboeta do século XX que procurava instruir científica e artisticamente acerca dos vários ramos da arte e cujo número referido se dedica exclusivamente a estudar o vidro, os processos do fabrico são assim descritos: “A sílica é o elemento principal da composição do vidro. Com a sílica mistura-se potassa ou soda com cal, para se obter o vidro de vidraça e o de espelhos; ajuntando-se o oxydo de ferro, ter-se-ha o vidro de garrafas; substituindo-se o oxydo de ferro pelo oxydo de chumbo, obteremos o crystal, empregando-se o oxydo de estanho, produzir-se-ha o esmalte.”<sup>31</sup> Efetivamente, a composição das matérias-primas utilizadas na fabricação vão determinar o tipo de vidro que se obtém, que varia imenso de acordo com as quantidades e com a natureza dos materiais.

Apesar das poucas e lentas variações ou evoluções que se conhecem na fabricação do vidro ao longo de vários milénios, sobretudo nas eras pré-industriais, até à descoberta da soflagem mecânica que revolucionou o setor, Jorge Custódio e Luísa Santos, autores dos textos do catálogo da supracitada exposição sobre a Indústria do Vidro, na Marinha Grande, destacam três etapas fundamentais ao longo da História: uma primeira diz respeito sobretudo à Antiguidade e consistia em meios de produção bastante arcaicos e artesanais, à base da tradição cerâmica, do vidro talhado e moldado. Uma segunda etapa na evolução tecnológica entende-se a partir do momento em que é introduzida a técnica do sopro através da cana (vidro soprado), por volta do primeiro século a.C., caracterizada também pela fundição a temperaturas mais altas do que na etapa anterior. “A história do vidro soprado, na qual a genealogia de muitos vidreiros conhecidos se integra, prolonga-se até à atualidade. Corresponde-lhe uma quantidade de instrumentos de trabalho em madeira, refractário, bronze, ferro e alumínio, que constituem a panóplia de ferramentas do vidreiro.”<sup>32</sup> Por fim, em 1826 a mecanização do setor vidreiro veio fundamentalmente destituir as técnicas manuais e humanizadas que haviam previamente pautado toda a evolução.

A técnica do vidro modelado é a mais simples e rudimentar, pois implica apenas a existência de um forno de cerâmica ou de metalurgia para fundição das matérias, sendo que a forma do vidro era conseguida através de moldes, fundamentalmente, que permitiram obter variados objetos do uso comum. Um dos métodos mais utilizados em

---

<sup>31</sup> 72, *O Vidro*, «Bibliotheca do Povo e das Escolas», 15 e 16.

<sup>32</sup> Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, 15.

toda a história da produção do vidro é o da sopragem, método segundo o qual o vidreiro utiliza uma cana de metal, mergulhando uma das suas pontas na massa fundida, e a partir do qual se obtêm recipientes como garrafas e frascos. Este método, que, se acredita, terá tido início no século I a.C. na região da Síria-Palestina, impulsionou imenso a produtividade e o potencial inovador da produção vidreira, que passou a ser consideravelmente mais explorada daqui em diante<sup>33</sup>. Em 1826 o sopro pulmonar viria a ser substituído pelo sopro mecânico, através da bomba Robinet – descoberta feita por um operário em Baccarat. Este foi um primeiro passo no sentido da inovação mecânica do trabalho, que apenas em 1882, após várias décadas de esforços, viu concretizada a introdução de máquinas semiautomáticas, que paulatinamente iam substituindo o trabalho humano.

As máquinas foram gradualmente aperfeiçoadas até se tornarem completamente automáticas. Após a mecanização do sopro, foi estabelecida a ligação mecânica entre os fornos e as máquinas. Foram introduzidas máquinas de sucção e de aspiração, que mediante os seus custos e defeitos faziam com que se aprimorassem e inventassem as soluções ideais. Edward Libbey e Michael Owens foram dois dos principais inventores neste campo, por introduzirem as máquinas automáticas, que dispensam totalmente a participação do homem. Surgem, então, os *feeders*, em 1915, máquinas constituídas por tubo e um pistão que trabalham articuladamente fazendo sair a massa do forno e cortando a quantidade necessária, que cai sobre o molde. Os *feeders* predominam até os dias de hoje, existindo vários modelos e linhas, e são utilizados na Marinha Grande.<sup>34</sup> Prensagem e laminagem são outros métodos famosos na produção vidreira.

### *Oficinas e centros de produção*

De acordo com a *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, cuja publicação do ano de 1906 se dedica exclusivamente a explicar a arte do vidro, esta produção é a primeira alguma vez lançada em Portugal deste género. Reconhece ao Antigo Egito e à região da Síria-Palestina, como anteriormente referido, as principais e primordiais descobertas da fundição básica que origina a matéria e permite a sua moldagem. O então vigoroso

---

<sup>33</sup> Mendes, *História do vidro e do cristal em Portugal*, 9.

<sup>34</sup> Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, 20-23.

Império Romano apreendeu e elaborou estes conhecimentos e técnicas, o que veio eventualmente a tornar Murano e Veneza, em Itália, nos principais centros especializados de produção e exportação vidreira, a partir dos quais irradiaram operários e saberes para toda a Europa, originando outros importantes centros de fabrico: na Boémia, Alemanha, em França e em Inglaterra. Destacou-se esta última pelos seus cristais baratos; Baccarat, em França, ficou conhecida pela superioridade da sua qualidade artística, e a Alemanha pela pintura a esmalte de brasões de armas e simbologia de guerra. As artes sobre o vidro foram-se complexificando, especializando e destoando pelas suas particularidades de região em região.<sup>35</sup> Acrescenta ainda aquela publicação que não há provas físicas de se terem fabricado vidros em Portugal até ao século XVI, uma vez que não se conhecem vestígios da existência de fornos prévios a essa data. Em Portugal, destacam-se a fábrica de Covo, fundada em 1690, a Fábrica da Marinha Grande, o mais proeminente centro de produção vidreiro até aos dias atuais, muito acima mencionado, a fábrica de Coima e a fábrica da Vista-Alegre.

Vasco Valente, antigo diretor do Museu Nacional Sados dos Reis, entre os anos de 1932 e 1950<sup>36</sup>, publicou a obra *O Vidro em Portugal*<sup>37</sup>, uma das mais importantes fontes portuguesas para o estudo desta matéria de que disponibilizamos no nosso país. Nesta, o autor faz uma lista das fábricas de Vidro portuguesas que existiram nos séculos XVIII e XIX, embora, reconhecendo, a margem de falha e de imprecisão na qual pode incorrer por algumas fábricas não terem colaborado a seu favor e terem escapado ao seu estudo. Ainda assim, é bastante útil e merece uma especial atenção:

“As crescentes exigências dos mercados nacionais, o estímulo dado à indústria por João V e, finalmente, as facilidades concedidas pelo padrão pombalino de proteção industrial (...) fizeram com que a indústria vidreira atingisse, no século XVIII, em Portugal, um elevado grau de desenvolvimento. E, assim, no primeiro quartel deste século, D. João V estabeleceu a Real Fábrica de Coima que, transferida depois para a Marinha Grande, foi, afinal, o ponto de partida da constituição do mais importante e duradouro padrão da indústria vidreira do nosso país.”<sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> 72, *O Vidro*, «Bibliotheca do Povo e das Escolas», 8 e 9.

<sup>36</sup> «Organização».

<sup>37</sup> Valente, *O Vidro em Portugal*.

<sup>38</sup> Valente, *O Vidro em Portugal*, 51.

Segue-se uma lista das principais fábricas de Vidro em Portugal nos referidos séculos, mencionadas por Vasco Valente <sup>39</sup>, e acompanhadas das principais datas associadas às suas inaugurações, ou início da construção:

#### Século XVIII

I – Fábrica Real de Coima (1719)

II – Real Fábrica de Vidros da Marinha Grande (1748)

III – Fábrica da Praia do Calvário na Barroca D'Alva (finais do século XVIII)

#### Século XIX

I – Fábrica de Duarte Harper, nas Margens do Douro (cerca de 1805)

II – Fábrica de Vidros de Vilarinho de Furna, na Serra do Gerez (cerca de 1807)

III – Fábrica da Rua das Gaivotas, em Lisboa (1811)

IV – Biester & Filhos e Manuel Emílio, em Lisboa (anterior a 1813)

V – Real Fábrica de Porcelana, Vidro e Processos Chimicos, Vista Alegre (1824)

VI – Fábrica de Paço de Rei (cerca de 1839)

VII – Fábrica Mota Gomes, em Lisboa

VIII – Fábrica da Malhada (1860)

IX – Fábrica de João José Veríssimo, em Lisboa

X – Fábrica de André Michon, em Santo António do Vale da Piedade, em Vila Nova de Gaia (1853)

XI – Fábrica de André Michon, em Buarcos

XII – Fábrica do Cabo Mondego, em Buarcos (1869)

XIII – Fábricas da Marinha Grande (catorze, das quais o autor menciona as mais importantes): Fábrica de Vidraças de Santos Barosa; José Ferreira Custódio; A Central, de José Ferreira Custódio Júnior; Fábrica Nova da Marinha Grande; A Vitrificadora;

---

<sup>39</sup> Valente, *O Vidro em Portugal*, 51–103.

#### XIV – Fábrica na Cava de Viriato, em Viseu (cerca de 1900)

Este autor refere ainda vários nomes dos principais produtores e pintores de vidraça portugueses que se conheciam nos séculos XV, XVI e XVII. No catálogo da exposição já antes referida *O Vidro em Portugal*, no Museu Nacional de Arte Antiga, os autores acrescentam alguns outros centros de fabrico que não haviam sido referidos por Vasco Valente, embora contemporâneos daqueles por si mencionados, a saber:

#### Século XIX

I – Fábrica de Vidros do Bom sucesso (1825)

II – Fábrica de Garrafas da Amora, no Seixal (1890)

III – Fábrica de Braço de Prata (1888)

IV – Fábrica de Bustelo (1897)

#### Século XX

I – Fábrica de «a Boémia» (1902)

II – Fábrica da Pereira (1917)

III – Fábrica do Cercal ou Fábrica de Vidros «Progresso» (1917)

IV – Fábrica de «La-Salette» (1922)

Estes eram os centros de fabrico vidreiro em Portugal que nos interessam constar e relevar; contudo, importa ter a noção de que o avanço tecnológico e financeiro estrangeiro teve sempre uma enorme influência no território português, sobretudo britânica e francesa, sendo a primeira a nacionalidade de William Stephens, o fundador da Fábrica da Marinha Grande<sup>40</sup> e principal responsável pela modernização da indústria que anteriormente se desenvolvia em Coima.

---

<sup>40</sup> Alarcão et al., *O Vidro em Portugal - Exposição no Museu Nacional de Arte Antiga*, 50.

## *O Vidro plano: Vidraça e Vitral*

Tanto a Arqueologia como as fontes documentais – sejam elas escritas ou sob a forma de pinturas e gravuras de variadas épocas e contextos históricos – nos permitem saber de que forma a vidraça e o vitral foram mais ou menos utilizados nos ambientes senhoriais, eclesiásticos, burgueses e nobres. Sabemos que a vidraça foi utilizada pelos romanos nas suas habitações e que servia sobretudo para a obtenção de espelhos e de janelas, mas que a utilização desta eventualmente caiu em desuso, e que na Idade Média se explorou e banalizou bastante a utilização do vitral, especialmente nas edificações religiosas, até que, na transição para a Idade Moderna, se recuperou o hábito da vidraça.

“Na literatura de viagens depara-se aqui e acolá com descrições onde se referem as formas de revestimento das frestas ou janelas em determinados lugares ou cidades, que por si só constituem uma fonte indispensável para analisarmos como, quando e porquê penetrou no mundo urbano e rural a vidraça nas janelas e na construção.”<sup>41</sup> De acordo com os autores de *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, terá sido (apesar da velha existência de artesãos especializados no fabrico da vidraça) nos finais da Idade Média que se tornou a adotar o uso da vidraça na Flandres e na Itália, com a sua conseqüente vulgarização e difusão para os restantes contextos europeus, nos séculos seguintes.

Ao abordar a questão da fabricação e utilização da vidraça e do vitral, deparamo-nos com notórias dissemelhanças entre ambos, que se fazem denotar de forma bastante evidente e que importa realçar: o vitral artístico, como o conhecemos, resulta de uma arte artesanal que foi imensamente apreciada e consumida no Gótico medieval, remontando o seu apogeu aos séculos X-XI, mas cuja produção, encomenda e aquisição se mantinham exclusivas dos mais abastados; no caso da vidraça, ainda que de um produto antigo e rudimentar se trate, veio destacar-se mais tarde graças à sua massificação industrial e natureza funcional, fenómeno proporcionado pela Revolução Industrial do século XVIII, que tornou a vidraça num elemento base da construção urbana moderna, consumido e aplicado em larga escala, banalizada na arquitetura, sendo, portanto, um elemento de carácter essencialmente utilitário, mais do que artístico.

---

<sup>41</sup> Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, 50.

Podemos dizer que, apesar da técnica especializada necessária à produção da vidraça, nem todas as vidraças constituem forçosamente uma peça de arte, já que acessíveis, produzidas em massa e sem qualquer fim decorativo, mas antes utilitário. Já por vitral se deduz uma obra de arte, ainda que tardiamente o tenha sido reconhecido. Nas palavras de Jorge Custódio, autor do texto *A Problemática do Fabrico da Vidraça em Portugal entre os Séculos XV e XIX*, em “O Vitral. História, Conservação e Restauro” (2000), fonte bibliográfica imprescindível a este trabalho: “a natureza artística do vitral tornava-o uma vidraça especial, muito mais cara que qualquer revestimento de vidraças e simultaneamente um modo decorativo específico das grandes janelas dos edifícios, por isso mesmo considerados obras de arte, motivo de reconhecimento e atração.”<sup>42</sup> A distinção passa também pelas designações daqueles que trabalham o vidro: por “vidreiro” entende-se aquele que produz vidro; por “vidraceiro” o que fabrica vidraças; “vitalista” diz respeito àquele que faz vitrais. Nem sempre houve uma distinção entre vidreiro e vidraceiro; isto é, até ao século XV, altura em que em Portugal se especializaram as vidraças e se destacou o vidraceiro como uma profissão reconhecível, vidreiro e vidraceiro diziam respeito à mesma função (o vidreiro fazia as vidraças).

Dentro do campo «vidraça» importa-nos estudar e analisar aquelas que de peças artísticas se tratam. Refere Jorge Custódio que, devido à sua natureza técnico-industrial, não artística, à sua simples função de matéria-prima (até para a produção do vitral) e ao conseqüente “pouco valor artístico” reconhecido na vidraça, levantaram-se entraves históricos à respetiva valorização patrimonial da vidraça. O autor refere a vidraça como uma solução alternativa ao vitral. Outras diferenças significativas se denotam no que diz respeito às suas técnicas de produção, totalmente distintas, como explanaremos em diante.

O mesmo autor sugere ainda uma reflexão às perspetivas civilizacional e mental inerentes à normalização da vidraça nas habitações, que proporciona transparência e estabelece uma certa intimidade e contacto entre os interiores e os exteriores; embora, por outro lado, resulte numa menor sensação de privacidade e, simultaneamente, oferece uma melhor resistência a fatores climáticos. A questão ligada à menor privacidade que a transparência provoca é um problema praticamente atual, para o qual se desenvolveram soluções tais como a aplicação de películas translúcidas ou a foscagem das vidraças, uma vez que a vidraça fosca permite entrar (menos) claridade e iluminar os interiores, sem que

---

<sup>42</sup> Redol et al., *O vitral*, 100.

estes sejam visíveis a partir do exterior. A utilização de vidraças foscas cria ambientes mais amenos e acolhedores, tal como se verifica em muitos espaços do Palácio Nacional da Ajuda, na maioria das vidraças ornamentadas em estudo. A generalização do uso da vidraça e o consumo crescente da mesma terá em certa medida revolucionado este setor de produção, uma vez que desencadeou “um novo surto de unidades laborais com fornos de vidro, relacionados com o mercado urbano”<sup>43</sup>, bem como a formação de novos especialistas vidraceiros, à medida que o fenómeno da vidraça se expandia e acompanhava o próprio fenómeno de crescimento das cidades na Europa.

**Vidraça.** “Lâmina de vidro homogéneo e transparente, de faces paralelas e polidas.”<sup>44</sup>

Os métodos que se utilizavam na base da produção da vidraça, antes de se automatizarem os meios de produção e se introduzir o método da estiragem, eram o da vidraça em coroa (*crown glass* em Inglaterra, ou *vitres à plateaux* em França), também por vezes designado de olho-de-boi ou em prato; o da vidraça em mangas ou cilindros; a vidraça estendida, prensada ou moldada à pressão.<sup>45</sup> Analisemos, seguidamente, cada um destes métodos.

O método da vidraça dita em coroa, em prato ou olho-de-boi, foi muito utilizado entre os séculos XVI e XIX nas regiões acima mencionadas, e também em Portugal, sendo praticado por mestres ingleses que trabalharam nas nossas fábricas.<sup>46</sup> Recorria ao sopro humano para obtenção de uma chapa de vidro circular, que depois era cortada no tamanho e formato pretendido, e finalmente aplicada em janelas. Foi provavelmente o processo mais utilizado e o que levou a vidraça ao seu apogeu, existindo vários registos das etapas:

---

<sup>43</sup> Redol et al., *O vitral*, 95.

<sup>44</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 378.

<sup>45</sup> Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, 49.

<sup>46</sup> Redol et al., *O vitral*, 98.

MASSA VÍTREA	FERRAMENTAS	FORNOS
preparação da massa		forno de potes
colheita da massa	cana de soprar	
alisamento da massa	banca ou marma	
formação da pêra	cana de soprar	caldear no forno
formação da bola	idem	idem
criação de uma garganta		
junto à cana	rolamento da cana sobre haste	
formação do sino		caldear no forno
achatamento do fundo	colocação de um pontel no fundo/libertação da cana	
abertura da garganta	auxílio com uma tábua	caldear no forno
centrifugação	rolamento do pontel	caldear no forno
obtenção da chapa		
colocação sobre cinzas	libertação do pontel	
recozimento	forquilha	arca de tempero

Figura 20. Etapas do processo de fabrico da vidraça em coroa.

Fonte: Jorge Custódio em *O vitral: história, conservação e restauro*, 2000.

A vidraça por mangas ou cilindros (*procédé des manchons* em França) utilizava igualmente o processo de sopro como forma de formar um grande cilindro, que depois era cortado e estendido sobre uma mesa (estenderia), obtendo-se a forma final de chapa de vidro.<sup>47</sup> Esta técnica serviu imenso para a produção de espelhos em Veneza na época Média e Moderna, tendo sido posteriormente adaptada à produção de vidraça e difundida pela Europa a partir da Boémia. “Este processo entra em Portugal na segunda metade do século XVIII, ganhando um importante relevo no fornecimento de vidraças de novas medidas para a reconstrução pombalina de Lisboa, bem como de outras cidades portuguesas do mesmo período (...) O século XIX foi o período áureo da vidraça de manga.”<sup>48</sup> Este foi o século em que, através do referido método, as vidraças até aqui relativamente pequenas, assumiram proporções maiores, e se introduziu a inovação da soflagem mecânica.

A técnica do vidro estendido, ou do vidro fundido, baseada em estender e moldar o vidro por cima de uma mesa, já havia sido antes explorada pelos romanos e foi redescoberta em 1691 por Abraham Thevart em Luis Lucas de Nehou.<sup>49</sup> José Amado

<sup>47</sup> Mendes, *História do vidro e do cristal em Portugal*, 26 e 27.

<sup>48</sup> Alarcão et al., *O Vidro em Portugal - Exposição no Museu Nacional de Arte Antiga*, 99.

<sup>49</sup> Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro, *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*, 49–50.

Mendes refere-se a esta técnica, na sua obra *História do Vidro e do Cristal*, como uma importante técnica que ressurgiu como forma de dar resposta ao imenso consumo que se fazia do vidro para espelhos, vidraças e lustres nas casas dos séculos XVIII e XIX. Consistia em fundir o vidro dentro de um pote incandescente que ia ao forno; quando fundido, era retirado e vertido com a ajuda de uma pinça, estendido por um rolo até reduzir a massa a uma lâmina de espessura regular.<sup>50</sup> “Este processo foi largamente utilizado nos Estados Unidos da América, desde meados do século XIX, permitindo, posteriormente (nas primeiras décadas do séc. XX), fazer face à intensa procura de vidraça para os arranha-céus que então foram construídos, alguns deles com mais de 5500 janelas.”<sup>51</sup> Em meados do século XVIII o panorama é finalmente revolucionado pela introdução dos sistemas de fabrico semiautomáticos e no século XX temos a produção contínua e em larga escala da vidraça.

MASSA VÍTREA	FERRAMENTAS	FORNOS
colheita do vidro fundido	colher ou cadinho mecânico	forno de potes
vazamento do vidro	mesa de bronze ou ferro	
alisamento da massa	cilindro metálico deslizando sobre a mesa	
recozimento da chapa		grande arca de tempero

Figura 21. Processo de fabrico da vidraça estendida.

Fonte: Jorge Custódio em *O vitral: história, conservação e restauro*, 2000.

**Vitral.** “Decoração transparente formada por fragmentos de vidro pintado, fixados numa rede de chumbo.”<sup>52</sup>

“O que é o Vitral? É, no fundo, uma vidraça segmentada ou fragmentada em múltiplos elementos, fabricados e organizados a partir de cartão pintado por um artista, cartão cuja função consiste no ordenamento da imaginária para ser aplicada num espaço (...)”<sup>53</sup>

<sup>50</sup> Mendes, *História do vidro e do cristal em Portugal*, 27.

<sup>51</sup> Mendes, *História do vidro e do cristal em Portugal*, 27.

<sup>52</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 380.

<sup>53</sup> Redol et al., *O vitral*, 100.

O vitral, embora tendo ocupado uma função de tremenda importância na Arquitetura medieval europeia, sobretudo nas construções religiosas cristãs, viu o seu valor patrimonial subestimado e tardiamente reconhecido, um pouco à semelhança do que aconteceu com a vidraça. Sobretudo se o compararmos com outras formas de arte, como a Escultura e a Pintura, entendemos que o vitral foi um elemento habitualmente relegado para a categoria de estrutura complementar e utilitária, visto pela sua funcionalidade, ainda que decorativo, não representativo de uma arte autónoma ou digno de um estudo particular e de valorização patrimonial. Deve-se este facto à lacuna e deficiência na documentação a respeito dos produtores, do próprio fabrico da peça, e à própria natureza do vitral, que é imóvel, frágil e, por isso, facilmente perdido, fatores que dificultaram o seu estudo ao longo dos tempos. Tal como a vidraça e a arte em vidro, em geral, o seu reconhecimento como obra de arte foi um tanto tardia (finais do século XIX e século XX), por comparação com outras artes, desde sempre apreciadas.

Como referido anteriormente, a arte do vitral remonta à Antiguidade, embora tenha adquirido todo o seu esplendor e importância durante a Idade Média, devido à sua forte utilização e sofisticação nas igrejas e catedrais góticas europeias, e devido à sua função educativa, uma vez que a sua iconografia propunha passar mensagens religiosas e contar histórias bíblicas. Virgolino Jorge, professor jubilado de Arquitetura em Évora, dedicou-se a estudar o *Vitral Medieval* e traçou uma síntese histórica a este respeito, escrevendo:

“Por documentos escritos, sabemos que o uso de vitrais é uma tradição muito antiga. Numerosos textos dos primeiros Doutores da Igreja – por exemplo, Lactâncio (antes de 330) (...) – comportam referências a vitrais nas basílicas cristãs, ou considerações morais e simbólicas sobre a luz transmitida pelas janelas vidradas das igrejas. (...) Com a descoberta de uma armação de vitral, de chumbo, em Séry-les-Mézières (Aisne, França) parecendo pertencer ao século IX, conjectura-se que é desde a época carolíngia que se fixa o princípio definitivo da técnica do vitral medieval.”<sup>54</sup>

Nas suas palavras, o vitral, em todo o seu esplendor, é um fenómeno da Arte europeia e de mérito francês.<sup>55</sup> A fabricação do vitral sofreu várias alterações ao longo da evolução histórica do seu aperfeiçoamento. Uma das principais diferenças do vitral

---

<sup>54</sup> Jorge, *Vitral Medieval - História, Técnica e Estética*, 7.

<sup>55</sup> Jorge, *Vitral Medieval - História, Técnica e Estética*, 8.

medieval para o vitral moderno é a técnica de fabrico: a utilização de massa vítrea colorida, obtida por meio da alteração da composição química na massa de vidro que dava origem a cores variadas, foi gradualmente substituída pela técnica da pintura a esmalte da base de vidro transparente ou translúcida, o que proporcionava uma variedade maior de cores e também um maior grau de realismo. Os vitrais pintados a esmaltes coloridos foram os que predominaram na Idade Moderna, antes do vitral cair em desuso, para apenas ser recuperado o gosto pela sua utilização em oitocentos, época em que se intensificaram o estudo e a apreciação do vitral medieval e de suas técnicas antigas, que foram alvo de intervenções de restauro e de tentativas de recriação. “Depois de negligenciado durante os séculos XVII e XVIII, durante todo o século XIX, assistiu-se a um processo de renascimento do vitral (...) uma profícua investigação conduziu ao abandono progressivo dos esmaltes, à redescoberta e consequente utilização do vidro corado na massa, à ênfase cada vez maior do papel das calhas de chumbo e ao domínio da tradicional pintura a grisalha, acabando o vitral por adquirir finalmente as propriedades do vitral antigo.”<sup>56</sup> Adiante, aprofundaremos em maior detalhe as questões da pintura e da iconografia vitralista.

A técnica de fabrico mais utilizada para a obtenção do vidro plano na produção do vitral parece ter sido a do vidro em manga ou em cilindro. A esfera de vidro era moldada até se tornar um grande cilindro, que depois de aberto e estendido horizontalmente, se tornava numa grande placa de vidro. Virgolino Jorge enumera, em seu estudo sobre o vitral medieval, as seis etapas que compunham o processo da obtenção do vitral, e salienta, tal como todos os outros autores, que as várias tarefas eram partilhadas e realizadas, quase individualmente, por cada um dos seus intervenientes em cada uma das etapas: desenho do modelo; preparação e fabrico do vidro; recorte dos fragmentos de vidro coloridos; pintura de superfície; cozimento da pintura de superfície e armação, chumbamento e instalação no local.<sup>57</sup> O vidreiro e o pintor de vidraça seriam os intervenientes indispensáveis ao fabrico do vitral.

“Nessa organização heterogénea participavam diversos artífices organizados pela encomenda, tais como fabricantes de vidro (...), os vidraceiros, os pintores (o que fazia o cartão e o que pintava sobre a vidraça) e o picheleiro, aquele que tratava da colocação dos

---

<sup>56</sup> Vieira, «Para a História do Vitral em Portugal no Século XX - As principais oficinas e o papel dos artistas plásticos», 15.

<sup>57</sup> Jorge, *Vitral Medieval - História, Técnica e Estética*, 23.

diversos fragmentos nas eivas de chumbo e nos caixilhos exteriores, segundo o plano estabelecido, de modo a configurar o vitral propriamente dito”.<sup>58</sup>

Por certo que as ferramentas e as tecnologias disponíveis foram aprimoradas ao longo dos tempos, mas a fórmula base no processo de montagem de um vitral manteve-se, que passamos a resumir: depois de obtido o vidro plano, colorido ou incolor, este é cortado em pequenos fragmentos à medida da parcela que cada um irá ocupar na obra, de acordo com o esboço inicial. Os vidros são pintados e cozidos para selar a pintura. Finalmente, os vários vidros podem ser conectados: dispostos sobre uma superfície, habitualmente de madeira, e por cima do desenho inicial, para que cada um ocupe rigorosamente o seu lugar no esquema, os vários vidros vão sendo encaixados dentro da armação/suporte, e chumbados entre si:

“consiste em ligar entre si por hastes de chumbo flexíveis os bocados de vidro coloridos (...) A rede de chumbo constitui a verdadeira estrutura do desenho e actua como linha de separação entre as diferentes cores. O papel da armadura de chumbo não se confina, portanto, a manter somente nos respetivos lugares os fragmentos vítreos; pelo traçado formado, estas hastes servem ainda para acentuar a silhueta das personagens, os traços da figura, os pormenores do vestuário.”<sup>59</sup>

Enquadrando cronologicamente os vitrais que estão em estudo neste trabalho, os que estão expostos e são património aplicado e integrado na arquitetura do edifício do Palácio Nacional da Ajuda (observáveis na Capela Térrea ou Oratório da Rainha, no Piso Térreo, e na Biblioteca do Rei D. Luís no Piso Nobre) são do final do século XIX e fruto de encomendas a casas estrangeiras, uma vez que, de acordo com as fichas de inventário museológico, elaboradas pela Dra. Maria João Burnay, citando Pedro Redol:

“não havia fabricantes desta especialidade em Portugal. (...) Por outro lado as características formais e construtivas das obras em questão aproximam-nos do conjunto de portas [da Biblioteca do Rei, do Palácio da Ajuda] com o monograma da Rainha D. Maria Pia (...). Trata-se sem dúvida de encomenda feita no estrangeiro ou que implicaram a vinda de um ou mais artistas de fora do país, tal como se verifica ter acontecido com outros conjuntos de vitrais oitocentistas existentes em Portugal”.<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Redol et al., *O vitral*, 100.

<sup>59</sup> Jorge, *Vitral Medieval - História, Técnica e Estética*, 27.

<sup>60</sup> Maria João Burnay, Palácio Nacional da Ajuda, «Vitral».

## Capítulo IV – A Arte no Vidro: casos de estudo

*Técnicas: coloração, pintura, foscagem, gravura*

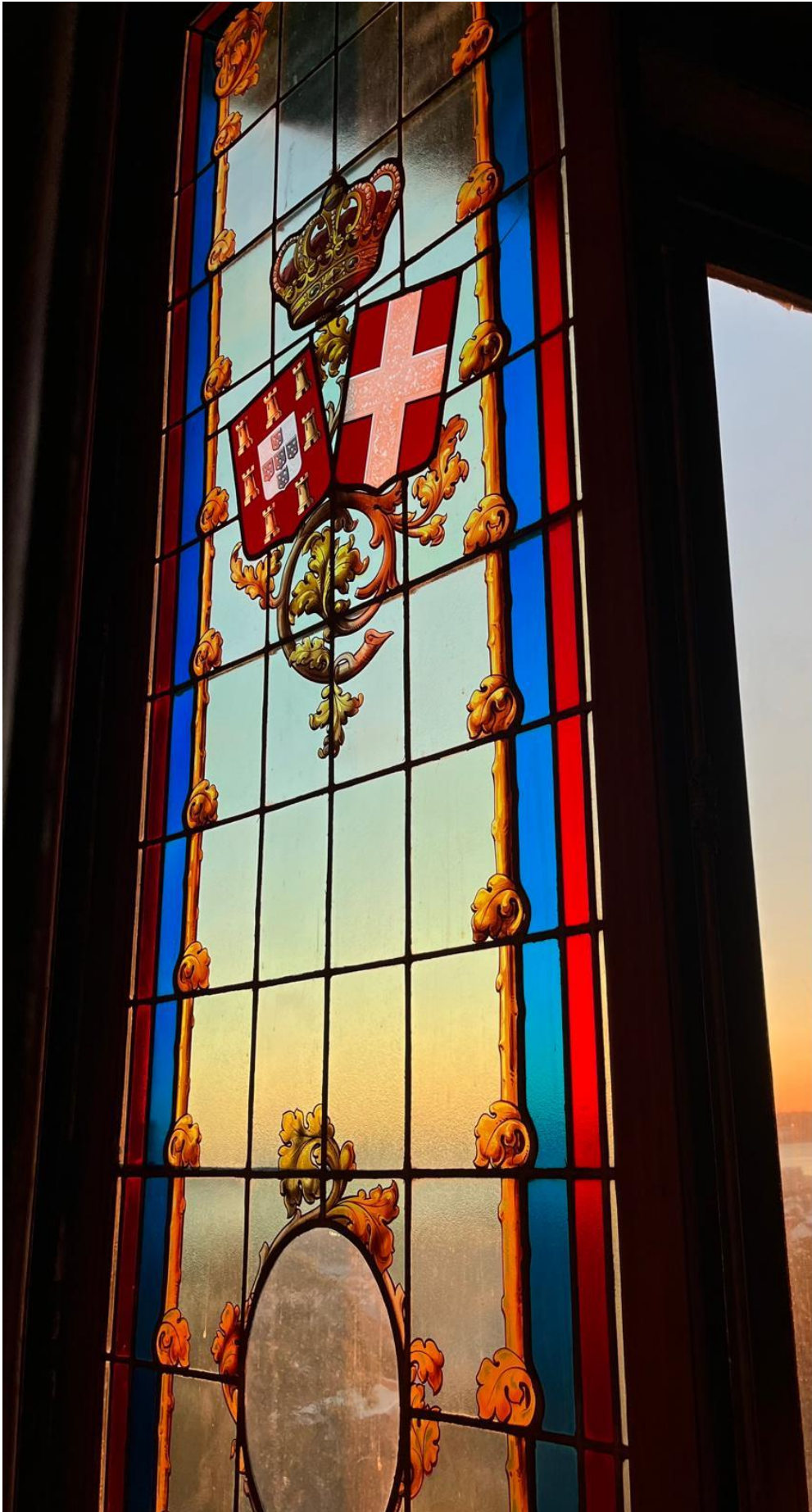
Os vitrais da Idade Média eram pintados, mas com o objetivo principal de realçar os pormenores mais minuciosos e dar detalhe às figuras: linhas, contornos, sombreados e traços mais realistas eram pintados a grisalha, em várias camadas. A pintura a grisalha: “foi a primeira decoração pintada alguma vez utilizada em vitrais. Esta tinta era aplicada para retratar em vidro colorido e transparente figuras, motivos ou outros detalhes em linha grossa e opaca, conhecida como *grisaille à contourner*, ou em linha fina, conhecida como *grisaille à modeler*.”<sup>61</sup> Na Idade Moderna, a simplicidade iconográfica é substituída por um maior grau de sofisticação e de realismo das imagens. No que diz respeito aos temas retratados, a arte em vitral moderno acompanhou as outras artes, inspirando-se, por exemplo, nos temas renascentistas da Pintura. Os vitrais medievais apresentavam uma iconografia simples e minimalista, devido ao carácter mais primitivo e arcaico desta arte, detalhe que era compensado pela forte utilização de cores vibrantes, que quando conjugadas com a luz criavam ambientes místicos em espaços sacros, principal funcionalidade dos vitrais religiosos.

O vitral do século XIX caracterizou-se pela assemelhação com algumas das características do vitral medieval, nomeadamente, na recuperação do coloração da massa vítrea e a forte utilização da grisalha ou *grisaille*. Não obstante o uso de vidro colorido na massa, manteve-se a pintura com esmaltes coloridos e a refinação das tecnologias utilizadas amplificaram tanto o leque cromático como o grau de detalhe iconográfico obtido.

Os casos de estudo em exposição no percurso museológico do PNA correspondem, no entanto, a exemplares de vitrais com pouco grau de pormenor iconográfico, nos quais sobressai um padrão geométrico simples na sua base e uma figura armoriada ao centro (além destes, o PNA possui outros vitrais em reserva incorporados por transferência de outros palácios). Os brasões de armas são, com elevado grau de certeza e nos vários casos existentes, esmaltados. Vejamos o seguinte exemplo, dos vitrais nº 56742, 56743, 56744 e 56745 nas janelas da Biblioteca do rei D. Luís.

---

<sup>61</sup> Machado, «Historical Stained Glass Painting Techniques: Technology and preservation», 7. Tradução livre.





Figuras 22 e 23. Vitrais compostos por vidro incolor, sobreposto de camadas coloridas (vidro em *flash*); com ornatos de troncos e folhas em voluta, escudo de Armas e insígnia pintados provavelmente a esmalte e a grisalha. © Paula Palma.

Outros processos de coloração de um vitral artístico existem. No caso que acabámos de ver, é possível que se tenha utilizado o processo de coloração do vidro em flash, o que significa que várias camadas compõem a obra final, sendo que a diferença de coloração entre ambas ou a sobreposição destas pode dar resultados cromáticos específicos. Neste caso, sobre a camada de vidro incolor, ter-se-á dado uma nova camada de coloração vermelha e azul, de acordo com Cláudia Amaral, a autora do seu registo de inventário.<sup>62</sup>

Em outros casos, verifica-se a técnica da texturização do vidro (que dá origem ao vidro texturado), obtida através do processo de foscagem do vidro. A foscagem podia ser química, através de ácido fluorídrico, ou obtida por meio de pós abrasivos, recorrendo à utilização de jato de areia. A substância corrosiva desgasta a superfície do vidro a um certo ponto, originando assim a textura e conseguindo imprimir-lhe uma decoração. No século XIX, este processo era feito com o auxílio de musselinas (tecidos), de películas ou camadas de verniz/cera que protegiam a parte que deveria permanecer intacta. Era aplicada sobre a superfície uma camada intermediária, com o desenho que se pretendia imprimir ao vidro – deixando a descoberto somente as áreas a foscar; então era aplicado o ácido e obtinha-se a gravura. A área protegida pela película permanece inalterada, opaca ou transparente, e a área que entrou em contacto com o ácido ou com o jato de areia passa a apresentar uma textura despolida e por isso fosca, muitas vezes de tom leitoso. Esta técnica tinha fins decorativos, mas também o de reduzir a intensidade da luz. O vidro fosco foi muito utilizado, tanto para vitrais, como em vidraças de portas e janelas, dos quais existem dezenas de exemplares no PNA. Sobre a base foscada, em alguns casos, foram feitas pinturas a verniz e/ou a esmalte.

“O ácido fluorídrico (HF) tem uma propriedade muito singular: a capacidade de reagir quimicamente com a sílica e dissolver o vidro. A sua acção sobre o vidro caracteriza-se pelo desgaste da superfície, em função da concentração do ácido e do tempo de actuação (...) confere-lhe uma superfície rugosa. Por sua vez, a mistura deste ácido com uma certa quantidade de ácido sulfúrico, confere ao vidro uma superfície polida. Existem várias técnicas de gravação a ácido”.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> Cláudia Amaral, Palácio Nacional da Ajuda, «Vitral».

<sup>63</sup> Libana, *Arte da Gravura em Vidro*, 8.

Tomemos como exemplo a porta de tipologia nº5 – de acordo com a tipificação elaborada no Capítulo II do presente relatório – da qual existem 7 exemplares, dispostos ao longo do corredor Largo e no corredor do Vestíbulo, do Piso Térreo. Cada obra contém 31 vidraças instaladas, nas portas e sobreportas.

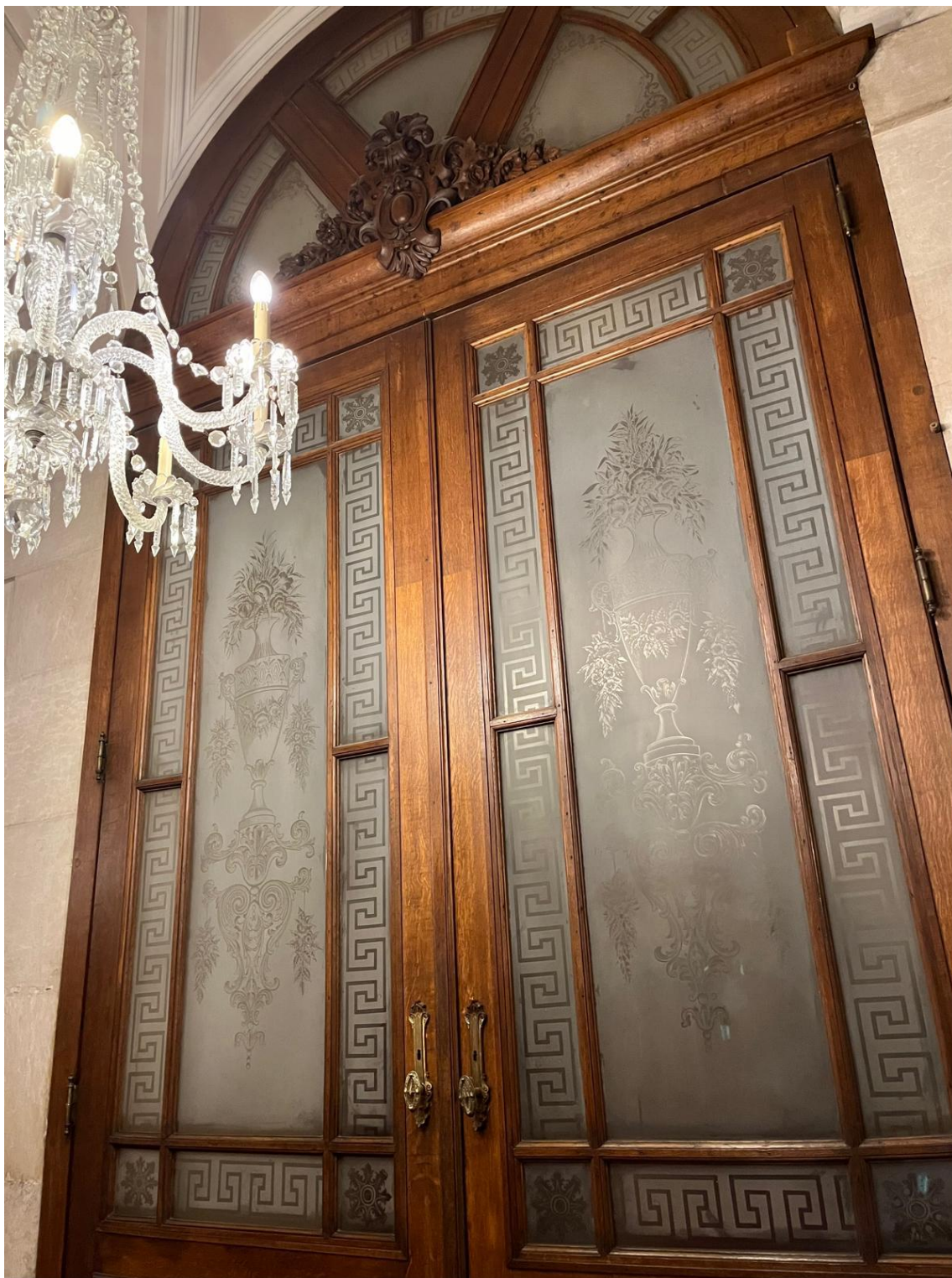


Figura 24. Vidraças foscas pela técnica da foscagem a ácido fluorídrico. © Paula Palma

Vejamos, agora, o caso dos vitrais aplicados nas portas da Capela Térrea, ou Oratório da Rainha, do Piso Térreo. Neste caso, além da técnica do vidro flash (duas camadas sobrepostas em que apenas a mais fina é colorida) o vidro é texturado – portanto, foi foscado, provavelmente ácido fluorídrico – e por fim pintado a esmalte. De acordo com a Dra. Maria João Burnay, verifica-se a técnica do vidro laminado, isto é: as camadas estão unidas/coladas entre si por uma camada intermediária (que previne que os estilhaços se soltem e se desagreguem caso o vidro se parta).

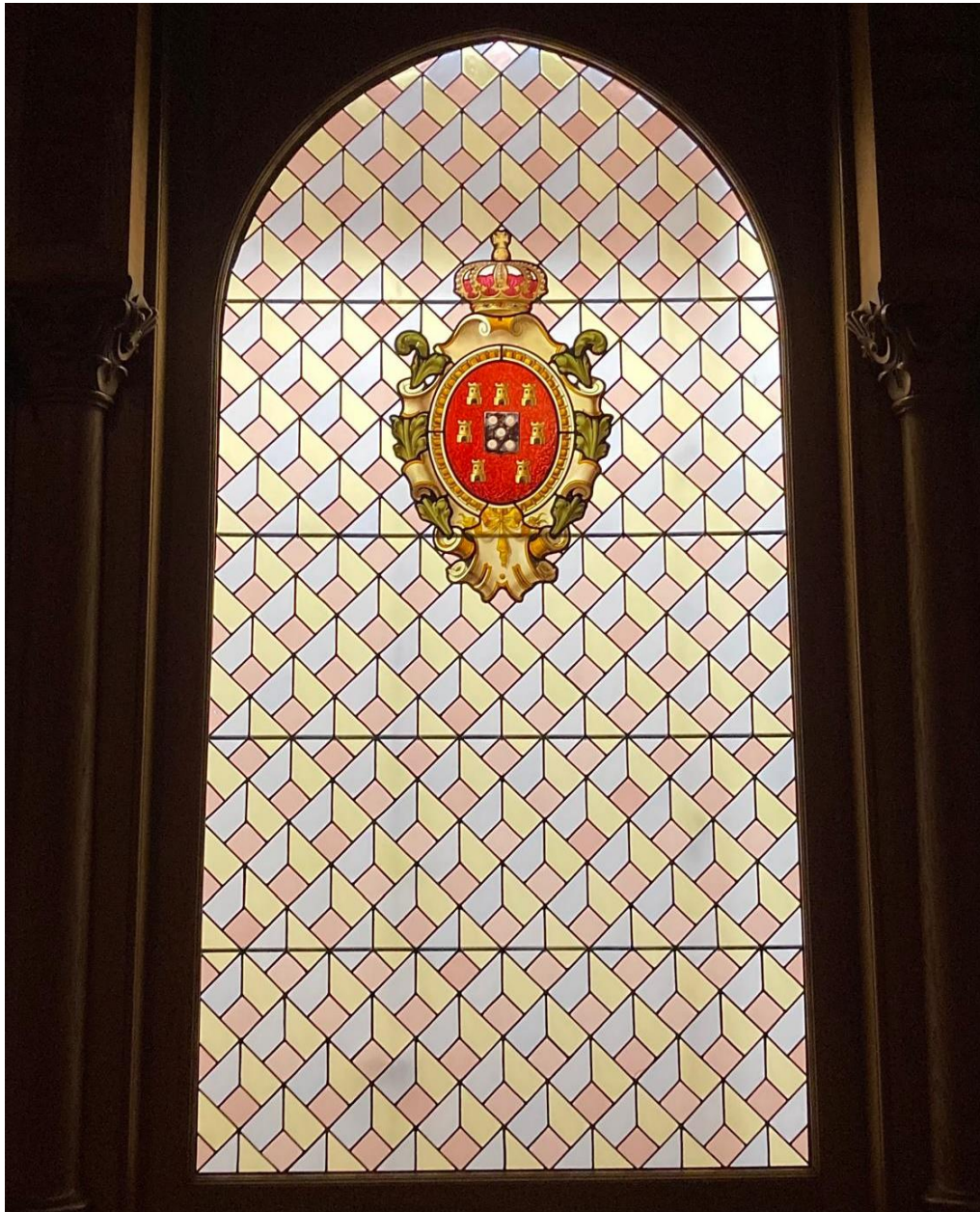


Figura 25. Vitral produzido segundo a técnica do vidro flash laminado. Os vidros são texturados e o brasão é pintado a esmalte e grisalha. © Paula Palma.

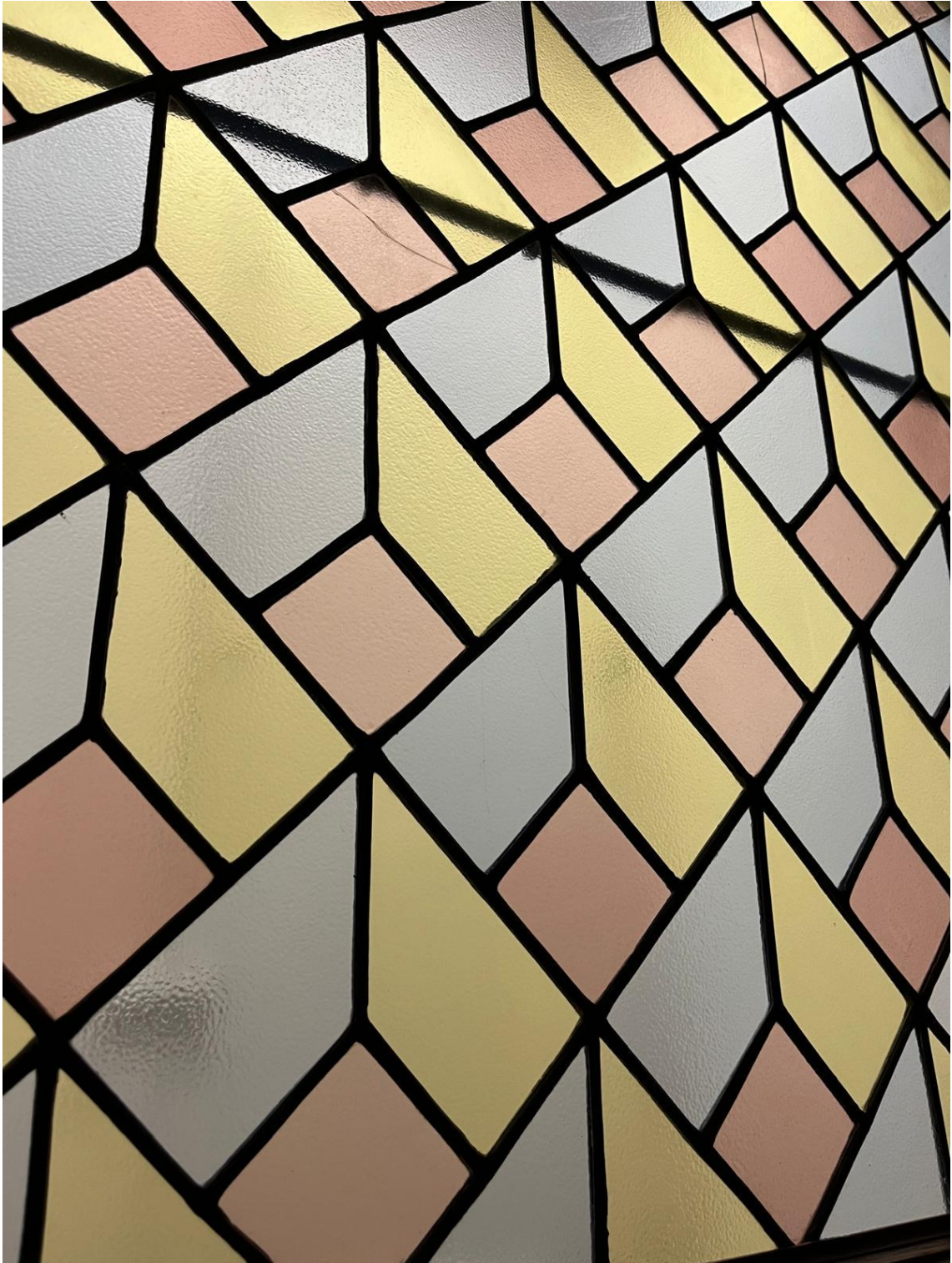


Figura 26. Vidro texturado em resultado da reação química ao ácido fluorídrico. © Paula Palma.

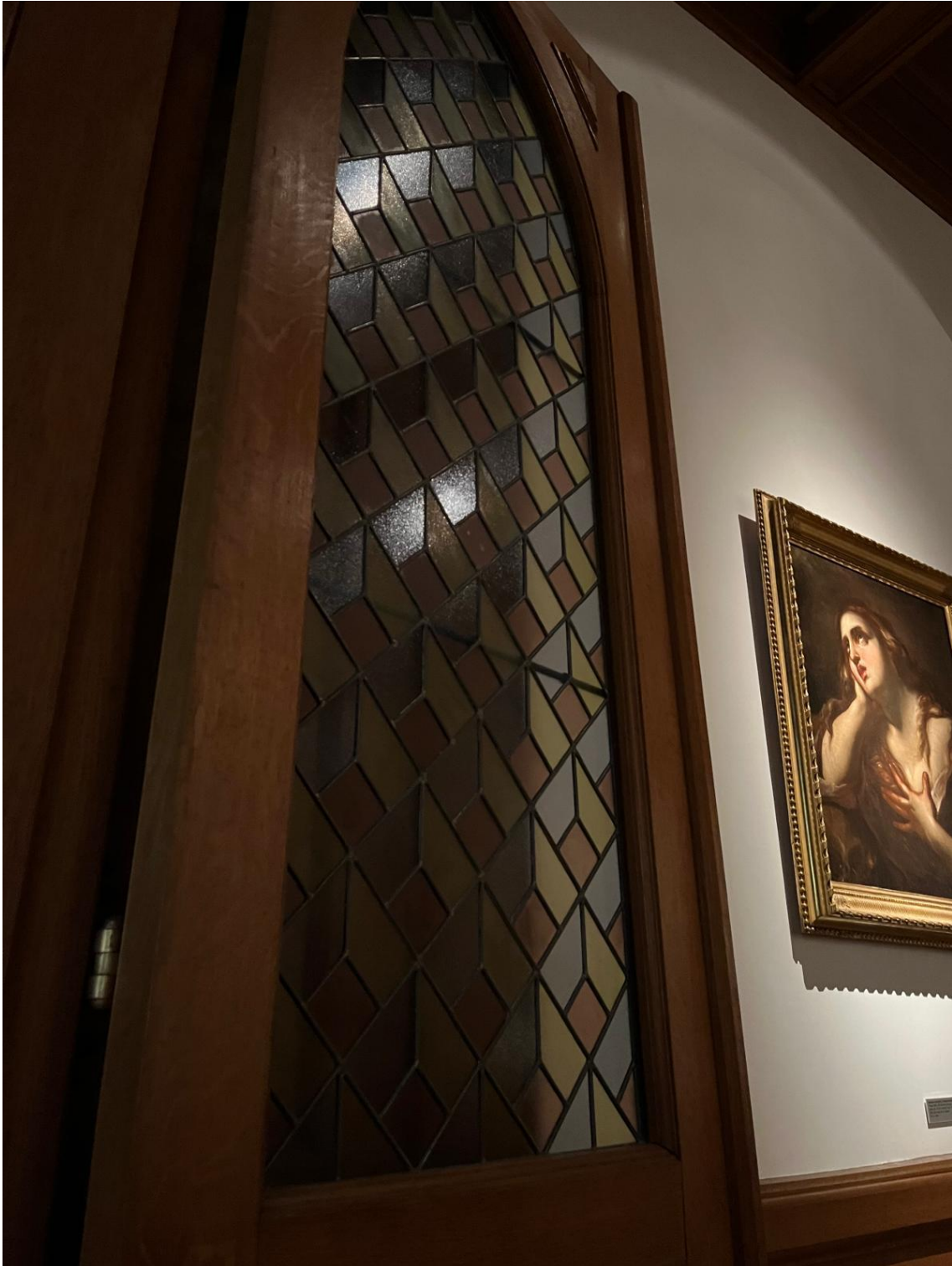


Figura 27. Vidro texturado em vitrais de porta na Capela Térrea, no Piso Térreo. © Paula Palma.

Em Portugal, a produção de vidraça colorida de qualidade destacou-se na Marinha Grande e na Fábrica de Buarcos. Dá-nos a saber Jorge Custódio, que a grande procura de vidros coloridos às casas estrangeiras no século XIX, despoletada pelo movimento das Artes Decorativas, pressionou a necessidade de especialização deste setor na produção nacional. As inovações industriais permitiram expandir e explorar as possibilidades associadas à aplicação de vidraças, que se fabricavam coloridas, incolores, transparentes, foscas e pintadas.

“podiam ser de uma só cor, de várias cores e cortes, formando desenhos geométricos, integrando o vidro incolor e o fosco, recebendo ou não pintura e/ou gravura sobre a vidraça. (...) A variedade de vidraça fosca e gravada a ácido e a jato de areia, de carácter ornamental, potenciou as aplicações realizadas no âmbito das vidraças coloridas.”<sup>64</sup>

O fenómeno da vidraça pintada como elemento decorativo de interiores habitacionais resulta dos dois fatores principais «*boom* fabril» e «*boom* das artes decorativas» do século XIX. A vidraça pintada à mão, que em território nacional ganhou relevância na Marinha Grande e no Cabo Mondego, geralmente era produzida na própria fábrica por artistas que lá se deslocavam para o mesmo efeito.

Os vários estudos apontam para que as tintas mais utilizadas na pintura de vitral e vidraça no século e contexto em análise tenham sido a grisalha, o verniz vitrificável e os esmaltes (como exemplo, o vermelho sanguíneo e os esmaltes azuis – em inglês *sanguine red* e *blue enamels*), embora com algum grau de imprecisão se determine, ao estudar os casos individualmente, uma vez que as técnicas parecem sido alvo constante de inovações, experiências e avanços ao longo dos tempos, e dada a escassez de fontes e bibliografia específica. Concluir com exatidão que tintas foram usadas para pintar os brasões de armas das vidraças do Palácio Nacional da Ajuda coloca algumas dificuldades, sobretudo quando o conhecimento prévio e a formação académica de quem investiga se distancia do tema da investigação. Importa relevar que este é um projeto de Museologia e Museografia que propõe, através do devido enquadramento histórico, fazer valorizar as peças dentro da instituição museológica que as possui; dar-lhes um título e um registo; portanto, vinculá-las ao acervo através da inventariação. Apesar dos esforços empreendidos, o objeto em estudo (o vidro) é de natureza muito própria e complexa; esta

---

<sup>64</sup> Redol et al., *O vitral*, 111.

é uma matéria que se desdobra em muitas particularidades e camadas, pelo que determinar e caracterizar as peças com absoluto rigor sem um conhecimento sólido e bastante aprofundado do tema, coloca bastantes desafios.

Os esmaltes, cuja variação de cor era obtida alterando a composição química da tinta fabricada (isto é, adicionando mais ou menos quantidades de certos óxidos) eram vitrificáveis, o que quer dizer que eles próprios eram compostos por massa vítrea na sua base, incolor, acrescentada das substâncias necessárias à sua coloração. Depois de esmaltada a superfície de vidro, este era levado ao forno e a pintura secava vitrificando, tornando a pintura parte da própria peça, altamente resistente e duradoura na sua manutenção, raramente desgastando ou descascando.

“Um esmalte pode ser definido como um vidro que derrete a uma temperatura mais baixa do que o vidro ao qual este está a ser aplicado (...). É geralmente aplicado na face frontal do painel de vitral. É composto por uma base vítrea, um agente corante e um aglutinante. Ambos a base de vidro e o agente corante são misturados e derretidos a altas temperaturas (...) Depois de cozer a pintura, a temperaturas entre 600 °C e 700 °C, o resultado é uma camada homogénea de esmalte sobre o vidro que pode ser opaca ou mais translúcida.”<sup>65</sup>

Segundo Andreia Machado, cujo doutoramento dedicou a estudar as tintas utilizadas na arte do vitral, o vermelho sanguíneo, à base de goma-arábica e de óleos, era também submetido a uma alta temperatura num processo de cozimento e muito utilizado na Arte Heráldica e na representação de traços arquitetónicos.<sup>66</sup> Quando de amarelos e castanhos se trata, há uma alta chance de se ter utilizado a grisalha e o amarelo prata (*yellow silver staining*).<sup>67</sup> A grisalha, de coloração sépia ou acastanhada, de intensidade e opacidade controlável, foi amplamente utilizada desde a Idade Média e serviu sobretudo para pintar contornos, sombreamentos, dar profundidade às figuras e conferir-lhes algum detalhe.

Um maior leque cromático se foi desenvolvendo e no século XIX, sobretudo a partir dos avanços químicos, da mistura entre tintas e da manipulação de cada receita na

---

<sup>65</sup> Machado, «Historical Stained Glass Painting Techniques: Technology and preservation», 11. Tradução livre.

<sup>66</sup> Machado, «Historical Stained Glass Painting Techniques: Technology and preservation», 11. Tradução livre.

<sup>67</sup> Machado, «Historical Stained Glass Painting Techniques: Technology and preservation», 20.

base da produção de esmaltes ou verniz, amplificaram-se as opções da coloração: por exemplo, as quantidades aplicadas de cada óxido-componente na base do esmalte azul, poderiam originar tons mais verdes, mais arroxeados, ou acinzentados, além dos vários tons de azul.<sup>68</sup> Da mesma forma, através do vermelho sanguíneo se obtinham laranjas e castanhos, manipulando as quantidades de óleos e resinas aplicados – *arabic gum* e óleo de lavanda eram os principais componentes.

A melhor maneira de distinguir, imaginemos, se um brasão de armas vermelho foi pintado a verniz sanguíneo, ou foi selado e cozido com esmalte vermelho, é considerando o facto de que o esmalte raramente apresenta sinais de degradação, parece mais robusto e compacto, como elemento ele próprio integrante da própria peça, e pode possuir um certo relevo. Em contrapartida, do verniz vermelho que é uma camada superficial, espera-se que seja menos opaco (embora possa sê-lo também), mais brilhante, menos espesso e mais facilmente desgastado, como se de uma camada fina e frágil se tratasse.

#### *Estilos e temas: Rococó, Neoclassicismo e Império*

Do ponto de vista iconográfico, os vitrais do Palácio Nacional da Ajuda são relativamente simples, isto é, não possuem uma grande quantidade de informação visual a interpretar – pelo menos, quando comparados com vitrais de outras épocas ou palácios. Possuem ornamentos heráldicos, monogramas reais e alguns, poucos, complementos decorativos vegetalistas. Já a decoração nas vidraças é complexa do ponto de vista iconográfico e estilisticamente congregam vários contributos – desde o Rococó, ao Neoclassicismo de inspiração greco-romana, ao ilustre estilo Império.

Nos finais do século XVIII e inícios do século XIX, os interiores decorativos portugueses manifestavam o gosto pelo Rococó (*Rocaille*) francês: um estilo que evoluiu do Barroco e se diferenciou deste pela introdução de uma estética mais leve, elegante e feminina, contrastando com o típico dramatismo e traços exagerados. O Rococó adotou a simplicidade e a delicadeza dos ornamentos, procurando criar ambientes esteticamente prazerosos, graciosos e confortáveis, demarcando-se da exuberância e da imponência que marcava a Arte Barroca. Ao passo que o primeiro procurava reforçar temas como a grandiosidade religiosa e expressar artisticamente a intensidade associada ao poder

---

<sup>68</sup> Machado, «Historical Stained Glass Painting Techniques: Technology and preservation», 57.

absoluto da Igreja Católica e da Monarquia, o Rococó surge como mais liberal e descontraído, prezando pela sofisticação e pela harmonia. Características do estilo Rococó estão bastante presentes no recheio decorativa do PNA, ao qual não são exceção as vidraças ornamentadas.

Em termos estilísticos e decorativos, a arte manifestada nas vidraças do PNA reflete as tendências do panorama artístico mais geral à sua época: o gosto historicista se verifica, na recriação e recuperação de traços antigos. Por se tratar de uma época de transição histórica e de sucessão entre correntes artísticas – que se sobrepunham e se complementavam, como evoluções ou aprimoramentos umas das outras – o caso do Palácio Nacional da Ajuda é um dos casos característicos do século XIX, em que os artistas e/ou artesãos, muitas vezes, mesclaram e combinaram harmoniosamente diferentes estilos, resultando num produto final inovador e excepcional. Pode, por isso, dizer-se que, em termos arquitetónicos e ao nível dos interiores, o Palácio Nacional da Ajuda manifesta o ecletismo típico do seu tempo.

O estilo Império não se destaca pela originalidade, ou pelo poder inovador e criador, mas antes ordenador: recupera conceitos pré-existentes e confere-lhes uma nova proporção, ajusta-os ao seu contexto social de imperialismo, impulsionado por Napoleão Bonaparte e revive-os. Os tão admirados traços clássicos recebem uma nova dimensão de grandeza e de poder, neste neoimperialismo que corresponde ao período napoleónico, e vêem-se envolvidos em composições ecléticas, onde há fusão de influências e de temas. Fortemente influenciado pela realidade expansionista napoleónica e pautado pelo fascínio pelas terras antigas, no estilo Império é comum ver-se a incorporação de elementos como esfinges e figuras mitológicas, além de adornos e elementos típicos das civilizações antigas.

O Rococó e o estilo Império primaram pela simetria rigorosa das suas composições, altamente centradas e equilibradas. O Rococó, de traços finos, curvilíneos e dourados, “visava a graça, a elegância, o requinte, a alegria, o brincar; e também o bizarro, o fantástico, o exótico, o pitoresco, o afetado, o exuberante.”<sup>69</sup> Também ele irradiou a partir de França e difundiu-se pelos interiores decorativos palacianos europeus do século XVIII, até ao Neoclassicismo – enfatizado no estilo Império – praticamente o substituir. Dizemos «praticamente», pois o que se verifica no caso em estudo é antes uma

---

<sup>69</sup> Conti, *Como Reconhecer a Arte Rococó*, 3.

fusão – quase uma aglomeração de estilos – do que uma substituição. Algumas variações do Rococó tornaram-se importantes subcategorias do mesmo, como é o caso dos famosos estilos Luís XIV, Luís XV e Luís XVI.

De matriz vincadamente neoclássica, na arte decorativa do PNA denota-se a forte utilização de arabescos e volutas, de ornamentos curvilíneos e arredondados que transmitem a sensação de movimento e dinâmica, entrelaçados nos motivos florais e botânicos, tão abundantes. A tendência historicista e a admiração pela Antiguidade refletem-se nos balaústres, nas colunas e nas alarradas ou jarrões, nos florões, festões ou grinaldas, e nos padrões geométricos tipicamente gregos (meandras), que compõem os ambientes.



Figura 28. Simetria rigorosa na composição de motivos neoclássicos em sobreporta. © Paula Palma.

Elementos decorativos vegetalistas característicos da Arte greco-romana, como as folhas de acanto, foram elementos bastante apreciados e revividos nestas novas tendências. Tal como mencionado no *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, a folha de acanto foi “usada em muitos detalhes arquitetónicos (até às decorações do ecletismo do séc. XIX e XX). (...) também no Barroco e no rococó (...) aparece muitas vezes em volutas enroladas.”<sup>70</sup> Existem deste ornato diversas variações, desde a grega à romana, bizantinas, góticas, renascentistas, barrocas e do rococó. Assim se verifica nas molduras que envolvem os brasões de armas que decoram as vidraças e os vitrais, ao estilo Rococó, manifestado na generalidade dos casos armoriados. Exemplo disto é a janela envidraçada com o nº de Inventário 69888:



Figura 29. Folhas de acanto estilo Luís XV em moldura tipicamente Rococó, envolvendo brasão de armas.  
© Paula Palma.

---

<sup>70</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 14.

De contornos curvilíneos, a moldura dourada que envolve as Armas de Portugal e seus semelhantes, são estilizadas com motivos botânicos, mais precisamente, folhas do estilo Luís XV, de acordo com o *Dictionnaire de motifs décoratifs anciens et modernes, classés par style. Détails et ensembles* de Albert de Korsak (1883). Este tipo de ornamento aparece em inúmeros exemplares do PNA. É, portanto, comum a decoração com florões e festões – no primeiro caso trata-se de um elemento de flores central, ao passo que segundo é um ornato alongado, como que estendido e preso pelas extremidades; rosetas e rosáceas – motivos geométricos em forma de flor, umas de 4 e outras de 5 pontas; e outros elementos orgânicos, como a flor de lis e a hera, que exploraremos adiante.

O estilo Luís XV, expressão particular do Rococó, tornou-se uma tendência arquitetônica e decorativa irresistível dos séculos XVIII e XIX, graças aos trabalhos de François-Antoine Vassé e Gilles Marie Oppenord. Tornou-se marcante em vários ambientes palacianos da época:

“A sua expressão maior será a curva, propícia às combinações lineares: contracurvas, arabescos, espirais, entrançados. Estas ondulações, cada vez mais livres, vão invadir o quadro arquitetônico, não sem contaminar três elementos plásticos essenciais: o escudo de armas, o troféu e a concha.”<sup>71</sup>

Algo que se verifica abundantemente nos casos armoriados, concretamente nas molduras que envolvem os escudos, mas também um pouco pelas gravuras de estilo Neoclássico, são os temas e as características típicas do Luís XV:

“os pingentes, os escudos de armas, os medalhões impõem as suas curvas e as suas douraduras (...) Os escudos de armas vêem as suas espirais em C adossadas complicarem-se em curvas e contracurvas. Mais delgadas, mais móveis, a palma, a folha de acanto, a *feuille d'eau* gravitam em torno dos motivos principais”<sup>72</sup>

Para correta caracterização destes conceitos, recorreremos à consulta de dicionários como o *de termos de Arte e Arquitectura* (2005):

**Acanto.** “Planta cuja folhagem é usada na decoração arquitectural (...) aparece muitas vezes em volutas enroladas.”<sup>73</sup>

---

<sup>71</sup> Barrielle, *O Estilo Luís XV*, 12–13.

<sup>72</sup> Barrielle, *O Estilo Luís XV*, 14–15.

<sup>73</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 14.

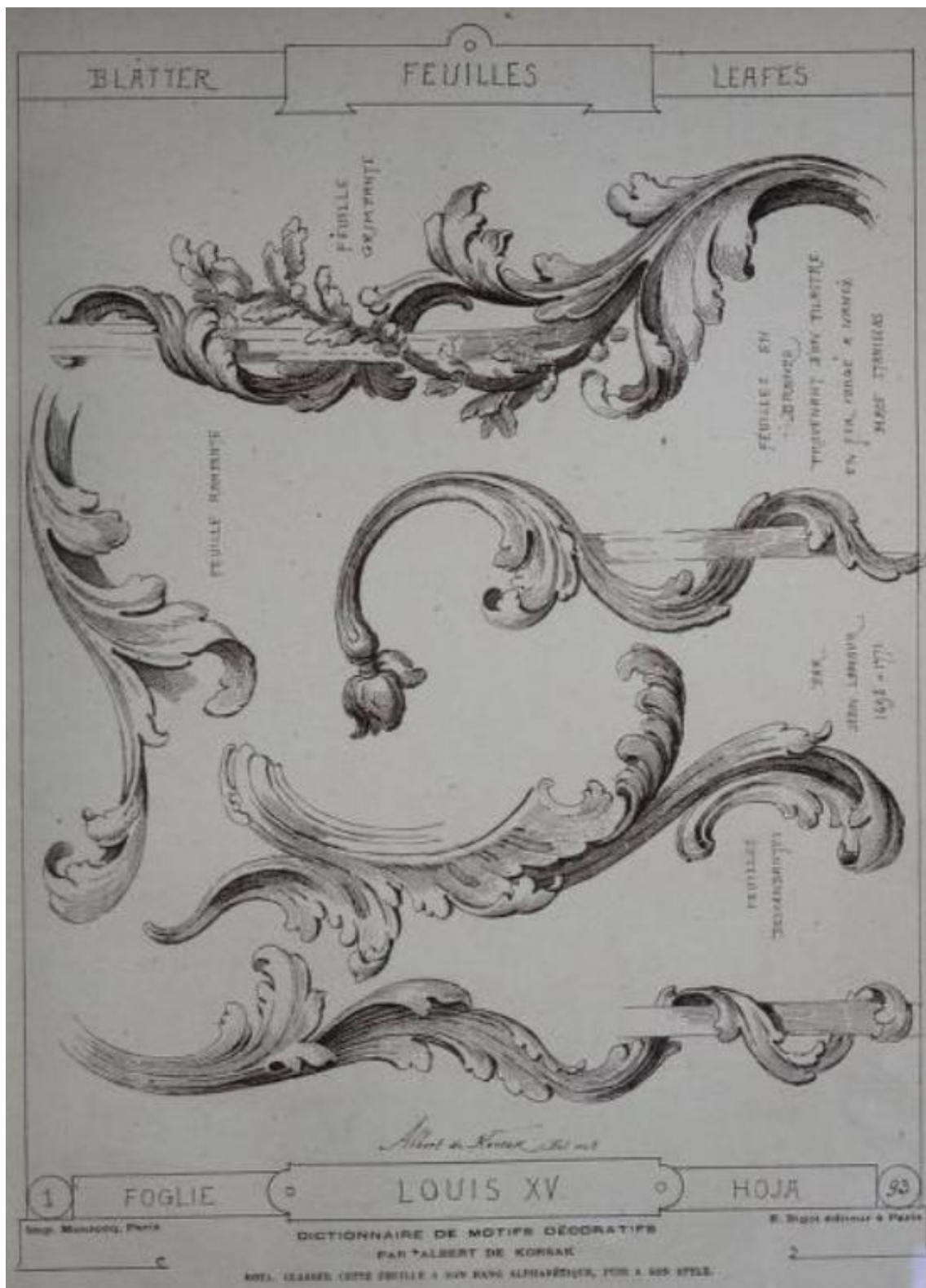


Figura 30. Folha estilo Luís XV, Rococó Francês.

Fonte: Albert de Korsak, *Dictionnaire de motifs décoratifs anciens et modernes, classés par style. Détails et ensembles*, 1883.

Outro elemento normativamente presente na decoração em vidraça do PNA são os arabescos, eles próprios compostos por ramagens e folhagens, localizados sobretudo nas extremidades da peça e ao redor da figura principal que se localiza sempre ao centro da vidraça, formando uma composição rigorosamente simétrica.

**Arabesco.** “Ornamentos à maneira árabe, quer dizer, onde não há figuras humanas, simples combinações de linhas geométricas e de formas vegetais, susceptíveis, aliás, de uma variedade infinita.”<sup>74</sup>

Exemplo desta iconografia são as três janelas retangulares, de vidraça fosca e estilo Neoclássico, que se situam no corredor Nobre, ou corredor do vestíbulo, e no patamar térreo da Escadaria Nobre:

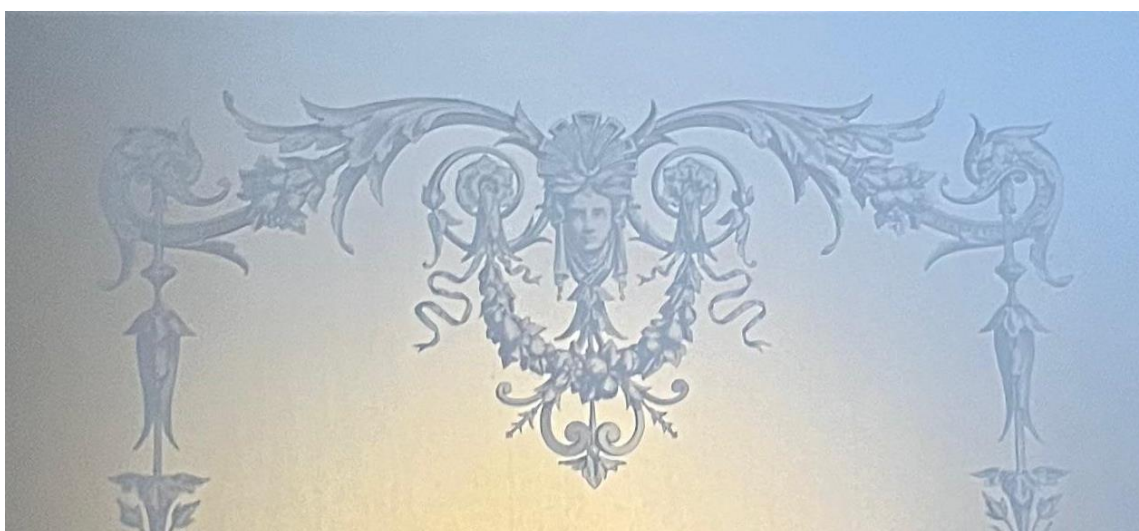


Figura 31. Folhas de acanto do estilo Luís XV em arabesco, cabeça mitológica, guirlanda e volutas.

© Paula Palma.

Outro exemplo são as janelas de tipologia nº 1, compostas por 11 vidraças – uma grande, central – das quais identificámos 4 exemplares: uma no corredor das Estátuas, outra no corredor D. Luís, ao lado do elevador, e outras duas, também no Piso 0, mas na zona que atualmente corresponde aos serviços administrativos da MMP, a que acede o corredor de gabinetes do Piso Mezzanine. Estas duas janelas encontram-se ao descer das escadas e uma delas possui a vidraça central partida. Nestas, os arabescos botanicamente estilizados situam-se nas extremidades laterais, inferior e superior, complementando a vidraça central, de ornato geométrico simples.

---

<sup>74</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 34.



Figura 32. Arabescos de ramagens e flores na iconografia de janela composta por vidraças. © Paula Palma.

Quando analisamos os estilos decorativos do PNA, denotamos que o Neoclassicismo se manifesta tanto nos traços arquitetónicos como na decoração dos seus interiores. Os ornatos, um pouco por todas as coleções, mas muito notoriamente no Mobiliário e na Pintura, atestam a culminação desta corrente artística no estilo Império, que o integrou e o estilizou ao seu próprio jeito, conferindo-lhe uma nova imagem imperial e de propaganda. Como tal, os motivos iconográficos de inspiração greco-romana são transversais às várias coleções.

O que verificamos na generalidade das vidraças ornamentadas do estilo Neoclássico do PNA é a gravura, a ácido fluorídrico (e, portanto, contrastando com a vidraça fosca na qual se insere) de uma imagem principal, ao centro da composição – esta costuma ser uma alarrada ou uma coluna abalaustrada; nos casos armoriados, o brasão de armas – que se encontram estilizadas por elementos secundários de ramagens e folhas de palmeira, festões ou guirlandas e flores de lis, volutas e outros detalhes que se complementam simetricamente e conferem à obra um agradável equilíbrio. Vejamos os

exemplos mais comuns e respetivas definições, de acordo com o *Dicionário de termos de Arte e Architectura* (2005):

**Albarrada.** “Vaso com flores para ornato”.<sup>75</sup>

**Meandro.** “Ornamento corrente, composto de linhas entrecruzadas ou quebradas como as gregas”.<sup>76</sup>

**Gregas.** “Ornamento corrente estritamente geométrico, composto de uma fita plana que se dobra em ângulo recto de modo a formar uma série de porções de quadrados ou de rectângulos não fechados, ligados entre si pelas linhas rectas.”<sup>77</sup>

**Voluta.** “Ornato em espiral que é dos mais utilizados na architectura (...) enrolamento em espiral formado de várias circunvoluções”.<sup>78</sup>

O que constatamos nos casos gravados de janelas e portas do PNA, é a repetição dos mesmos modelos de imagem ou de representação em vários exemplares, agrupados por zonas ou até pisos, pelo que deduzimos que a mesma película ou musselina terá sido, provavelmente, utilizada para imprimir a mesma imagem em várias obras.

---

<sup>75</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 20.

<sup>76</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 233.

<sup>77</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 186.

<sup>78</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 382.



Figura 33. Albarradas estilizadas com volutas, flores e folhas de acanto, em porta com vidraças. © Paula Palma.



Figura 34. Albarradas estilizadas com folhas de acanto, guirlandas, flores e volutas; nas extremidades, meandra grega e rosáceas, em porta com vidraças. © Paula Palma.

**Balaústre.** “Colunelo baixo ou pequeno pilar, geralmente mais grosso a meio do fuste”.<sup>79</sup>

**Anel.** “Moldura circular, dividindo horizontalmente o fuste das colunas”.<sup>80</sup>

**Coluna.** “Suporte com função igual à do pilar, mas de secção cilíndrica (...). Elemento estrutural de sustentação vertical”.<sup>81</sup>

**Capitel.** “Zona superior de coluna (...) que sobrepuja o fuste e suporta o entablamento.”<sup>82</sup>

**Grinalda.** “Ornato usado na decoração de edifícios, formado de flores, folhagens e frutos entrelaçados com fitas. Coroa ou festão de flores.”<sup>83</sup>

**Festão.** “Ornato composto de folhagem, de flores ou de frutos entrelaçados e suspensos em grinaldas”.<sup>84</sup>

**Roseta.** “Adorno que consiste na figura de uma rosa ou flor mais ou menos caprichosa, circular ou ovalada, grande e isolada.”<sup>85</sup>

**Palma.** “Folha estilizada de certas palmáceas usadas na decoração arquitetónica”.<sup>86</sup>

**Palmeta.** “Motivo ornamental formado de pequenas palmas”.<sup>87</sup>

Em alguns casos, dentro da composição botânica que adorna a figura central (tomando como exemplo a seguinte imagem, observamos a coluna abalaustrada no centro) reconhecemos flores que lembram campainhas ou sinos, estilizadas, e se enquadram na descrição que alguns autores fizeram do papel que estas assumiram na Arte Clássica. Publicado pela empresa londrina *Nicholas Wells Antiques*<sup>88</sup>: “Grinaldas de campainhas ou faixas penduradas adornavam geralmente as pernas de cadeiras e mesas, ou a circunferência de molduras de espelhos antigos. Como uma pequena planta trepadora que cresce perto do solo e forma grupos de flores de caule comprido, o motivo do sino era perfeito para decorações de correntes florais”. No nosso caso, referimo-nos às correntes presas nas volutas laterais e que acompanham verticalmente o balaústre:

---

<sup>79</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 52.

<sup>80</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 28.

<sup>81</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 102.

<sup>82</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 77.

<sup>83</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 187.

<sup>84</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 164.

<sup>85</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 322.

<sup>86</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 272.

<sup>87</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Architectura*, 272.

<sup>88</sup> Raybould, «Botanical Imagery», 29 de setembro de 2023. Tradução livre.



Figura 35. Coluna abalaustrada, com anéis, estilizada com volutas, palmas, rosetas, folhas de acanto e outros motivos florais, encimada por palmeta, em porta com vidraças. © Paula Palma.



Figura 36. Decoração simétrica com uma roseta central, palmas, folhas de acanto e outros motivos botânicos. Nas 4 extremidades, a vidraça possui rosetas. © Paula Palma.



Figura 37. Decoração simétrica e delicada composta por bouquet de flores ao cima, cartucho e festão central, interligados por grades, volutas, arabescos e diferentes festões. © Paula Palma.

A vidraça anterior, que faz parte de uma dupla de vidraças que integram uma das portas da Sala dos Archeiros, no Piso Térreo, apresenta uma composição iconográfica de linhas mais finas e delicadas, e diferente das restantes que se observam repetidamente nos corredores que se seguem. Possuindo elementos que lembram grades, e plantas um pouco diferentes, a sua iconografia apresenta traços sutis de Exotismo, e remete para a leitura da seguinte passagem na obra *Oriente e Ocidente nos interiores em Portugal*, que descreve o gosto pelo exótico nas pinturas e decorações dos interiores portugueses do respetivo século:

“Em casos por vezes menos eruditos aparecem reminiscências dum exotismo naturalista ao tratar as paredes com pinturas de florestas tropicais, em gosto tardio pela transposição dos limites envolventes. (...) plantas equatoriais, vistas longínquas, misturam-se com grades, balaustradas e vasos de flores, lembrando tendas e cabanas das Índias e Áfricas. Ligada ao francês Pillement, que tanto em Lisboa como no Porto pintou inúmeras salas em palácios e quintas, criando vários discípulos, esta escola perdura um gosto Luís XVI requintado e feminino que, apesar de neoclássico nos temas, se mantém afastado do gosto dito mais arquitetónico dos finais do séc. XVIII e do princípio do séc. XIX.”<sup>89</sup>

Na iconografia das vidraças de inspiração neoclássica, é comum a representação de figuras mitológicas da Antiguidade, remetendo para divindades greco-romanas ou para figuras fantásticas, como é o caso do trio das já mencionadas janelas, com os Inventários nº 58146, 58147 e 69883. Noutros casos, ao centro das composições botânicas perfeitamente simétricas, veremos representadas andorinhas – um dos elementos naturalistas integrantes deste espólio decorativo.

**Grifo.** “Animal fabuloso que tinha cabeça, asas de águia e corpo de leão. (...) Motivo decorativo originário da Antiguidade (...) frequente no Renascimento e que reaparece no fim da época Luís XVI”.<sup>90</sup>

---

<sup>89</sup> Carita e Cardoso, *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*, 202.

<sup>90</sup> Silva e Calado, *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*, 187.



Figura 38. Arabesco estilizado de folhas de acanto, vasos de flores, dois grifos simétricos, um candelabro e um grilho entre volutas. © Paula Palma.



Figura 39. Vidraças de porta contendo ornatos de folhas, volutas e figura em forma de sino invertido, andorinhas, motivos florais e figuras geométricas. © Paula Palma.



Figura 40. Andorinha dentro de elemento circular no centro de composição decorativa simétrica. © Paula Palma.

Noutras tipologias de portas em vidraça contempladas na coleção do PNA, entre as várias expressões imagéticas botânicas que existem, algumas plantas e flores são facilmente reconhecíveis, algo que foi possível graças ao auxílio de dicionários ilustrados de iconografia botânica. Contudo, o grau de certeza com que podemos afirmar ter conseguido identificar corretamente uma planta nunca é absoluto, devido à similaridade entre algumas espécies de plantas e à estilização que a iconografia apresenta. Ainda assim,

o contexto histórico e artístico da sua produção, bem como os simbolismos e significados que assumiam certas representações, por exemplo, na Arte Heráldica, permitem fazer uma identificação provável: a flor de lis e a hera são dois exemplos. A flor de lis, é uma representação estilizada de um lírio, representado com 3 pétalas abertas em leque.



Figura 41. Ornato de flor de lis, pintado em extremidades de vidraça neoclássica e armoriada. © Paula Palma.



Figura 42. Ornatos de heras a decorar as extremidades de vidraça armoriada. © Paula Palma.



Figura 43. Ornatos de heras em vidraças foscas de porta guarda-vento neoclássica. © Paula Palma.

“A representação das plantas na arte é feita com uma intenção simbólica, narrativa ou simplesmente decorativa, com um elevado grau de liberdade e subjetividade.”<sup>91</sup> Estas representações desde sempre assumiram significados profundamente ligados à espiritualidade e à Arte cristã, que variaram e evoluíram de acordo com a época e o contexto artístico. Nos séculos XVIII e XIX, representações artísticas de certas plantas adquiriram novos significados além dos primordiais, associados às suas origens medieval ou cristã, derivada à circulação e divulgação científica de estudos herbanários e não só: “Criam-se então novas leituras morais, complexificando e até por vezes subvertendo os significados tradicionalmente atribuídos a algumas espécies, aumentando ainda mais este reportório.” Não obstante, a flor de lis aparece imensamente associada à afirmação do poder da realeza, e a hera “é uma metáfora de fidelidade e ligações perpétuas (...) desde sempre associada à incorruptibilidade e à imortalidade”<sup>92</sup>



Figura 44. Festão ou guirlanda: ornato de flores em coroa. © Paula Palma.

---

<sup>91</sup> Mesquita, «O Processo de Identificação Botânica das Plantas Representadas na Coleção do MNAA», 15.

<sup>92</sup> Carvalho, «Um Itinerário pela Iconografia Botânica», 50.

### *Arte Heráldica, Armoriais e Monogramas*

A Arte Heráldica é, entre toda a que observamos em diversidade nas vidraças e nos vitrais artísticos do PNA, a que assume um maior grau de impacto e de sumptuosidade, devido à vivacidade dos seus esmaltes e à sua simbologia cativante. Estas, em contrapartida com as anteriormente analisadas, que servem sobretudo a função de guarda-ventos e divisoras de zonas, estão estrategicamente localizadas em zonas de receção nobre, dada a intenção de exaltação da identidade e do poder real que a sua arte transmite. Ao contrário das demais vidraças que integram maioritariamente portas, os exemplares armoriados são peças essencialmente decorativas, raras vezes designadas com o propósito de funcionalidade, pelo que servem antes para ostentar e afirmar, através da imagem heráldica, a grandeza dos títulos reais e nobiliárquicos. Os monogramas reais, embora não se possam considerar armoriais, estão profundamente ligados à Heráldica, no sentido em que as insígnias sempre foram importantes símbolos da identidade dinástica, distintivos sociais através dos quais os seus titulares eram recordados e remetidos para as suas origens. Semelhantemente aos brasões de armas (mas não obrigatoriamente) as insígnias reais apresentam-se dentro de molduras douradas estilizadas com volutas e folhas de acanto, encimadas pela coroa real fechada com cruz.

Os brasões de armas que encontramos no PNA, maioritariamente em janelões, mas também, em menor número, em portas ou sobreportas, são os seguintes: Armas do Reino de Portugal; Armas da Casa de Bragança; Armas da Casa de Saboia e Armas da Casa de Saxe-Coburgo. As representações dos brasões apresentam variações, ou diferentes modalidades, de caso para caso. Trata-se, ao todo, de 24 obras em vidraça ou vitral que possuem representações heráldicas ou monogramas reais – 6 vitrais e 18 vidraças – num total de 31 representações desta natureza.

O brasão das Armas do Reino de Portugal (alguns autores chamaram-lhe Armas da Casa Real Portuguesa) é o que encontramos em maior número. Aquilo que representa é mais abrangente do que os restantes, que simbolizam as Casas de origem e a pertença a determinadas linhagens: a Casa italiana de Saboia está representada por ser a origem da rainha Maria Pia; a Casa de Bragança representa a Dinastia de Bragança, última de Portugal e então figurada no rei D. Luís I; a Casa de Saxe-Coburgo está representada por ser a origem nobiliárquica do anterior rei consorte D. Fernando II (pai de D. Luís), que casou com a rainha portuguesa D. Maria II, da Casa de Bragança, estabelecendo-se assim a aliança entre as Casas de Bragança e de Saxe-Coburgo-Gota (alemã).



Figura 45. Janelas decorativas com Armas do Reino de Portugal em Escadaria do Cortejo. © Paula Palma.



Figura 46. Janelas decorativas com Armas do Reino de Portugal e Armas de Saboia em Escadaria Nobre.  
© Paula Palma.

Efetivamente, a simbologia heráldica reforça os valores de pertença, de herança, de legado e poder de uma determinada casa nobiliárquica. Serviu, também, para afirmar certas alianças entre casas, como é o caso do brasão de Armas da aliança entre Portugal Saboia, representado nos vitrais das janelas da Biblioteca do Rei D. Luís. Em Portugal, trata-se de uma prática europeia antiga, de raízes e tradição medievais, intimamente ligada ao sistema feudal e às disputas de cavalaria que se travavam comumente entre diferentes casas. Surgidos a partir da necessidade de identificar graficamente a casa a que se pertencia, os brasões de armas vieram a tornar-se num símbolo fortíssimo de prestígio, de distinção e de nobreza, que acompanhou o desenvolvimento das sociedades por toda a Idade Média até à formação do sistema monárquico dos reinos. De acordo com o sistema dos feudos medievais, os títulos de reconhecimento eram atribuídos na lógica do mérito e do merecimento, por meio de batalhas, de atitudes heroicas, de serviços prestados ou até por descendência na linhagem. A Heráldica anda, pois, intimamente associada à genealogia. No século XIX, permaneceu como uma simbologia de ostentação, de afirmação da autoridade e grandiosidade associados à nobreza.



Figura 47. Armas da aliança entre o Reino de Portugal e a Casa de Saboia, vitrais da Biblioteca do Rei D. Luís. © Paula Palma.

A tabela seguinte assinala as localizações dos diferentes brasões de armas nas salas e escadarias no PNA:

<b>Localização</b>	Brasão Armas Reino Portugal	Brasão Armas Bragança	Brasão Armas Casa Savoia	Brasão Armas Saxe- Coburgo	Monograma D. Luís I	Monograma D. Maria Pia
Sala dos Archeiros	2 (uma porta)					
Corredor das Estátuas	1 (sobreporta)					
Vestíbulo	1 (janela)	1 (janela)	1 (janela)	1 (janela)		
Capela	1 (vitral)		1 (vitral)			
Escadaria Nobre	1 (janela)	1 (janela)	1 (janela)	1 (janela)	2 (janelas)	1 (janela)
Biblioteca do Rei D. Luís	4 (vitrais)		4 (vitrais)			3 (vitrais)
Corredor Beauharnais	1 (sobreporta)					
Escadaria do Cortejo	3 (janelas)					

Tabela 7. Localização e contagem numérica dos brasões de armas e monogramas reais no PNA.

Fonte: Paula Palma.

“A Armaria é a parte científica da Heráldica, com todas as suas regras. A Heráldica propriamente dita é o lado artístico com ligação à Estética.”<sup>93</sup> Embora, como foi dito, o mesmo brasão de armas possa assumir diferentes variações, de formato, de cor ou de metal em alguns casos, os elementos gráficos – isto é, os componentes heráldicos que o integram – mantêm-se, em regra, os mesmos, podendo estar mais ou menos simplificados. Exemplo disto é o escudo de Armas da Casa de Savoia, que geralmente é de vermelho, mas em certos exemplares surge pintado de ouro. Em certos casos vê-lo-emos em escudo oval, noutros casos em escudo francês. Por vezes, a moldura que envolve o brasão também pode variar. Atentemos as seguintes leituras e descrições heráldicas dos Armoriais expostos no percurso do Museu do Palácio da Ajuda:

<sup>93</sup> Norton, *A Heráldica em Portugal - Raízes, Simbologias e Expressões Histórico-Culturais*, I, 18.

Brasão de Armas do Reino de Portugal: escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz (ou santor), cada um carregado por cinco besantes de prata em aspa; bordadura de vermelho carregada por sete castelos de ouro (ou bordadura castelada). Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.<sup>94</sup>



Figura 48. Brasão de Armas do Reino de Portugal em pintura a esmalte, amarelo de prata e grisalha.

© Paula Palma.

---

<sup>94</sup> Alguns autores referem-se a este como o brasão de Armas da Casa Real, como Manuel de Lucena, em sua exposição *Casas e Famílias Nobres Portuguesas: pintura e tapeçaria de Manuel de Lucena - exposição de Heráldica*, 21.

Manuel Artur Norton (2004) ressalta, na sua obra *A Heráldica em Portugal*, a ideia de que a origem do escudo de armas português remonta aos primórdios da fundação do condado portugalense, e sugere que a escolha pelos elementos gráficos, tanto como as cores, estiveram simbolicamente ligadas ao papel da cavalaria portuguesa nas Cruzadas e na reconquista cristã de Portugal aos muçulmanos, no século XII – motivo da disposição em cruz dos escudetes e dos besantes. O autor assinala o conde D. Henrique – Henrique de Borgonha, pai do rei fundador D. Afonso Henriques – como o responsável pela escolha dos tons azul e prata no escudo de armas português e as suas origens francesas como o motivo desta escolha. Nas suas palavras, “azul/prata eram cores da família dos reis de França. Desta família real passa para diversas grandes casas (...) Não seria de admirar que o conde D. Henrique usasse o azul e branco, tintas da sua família.”<sup>95</sup>

Atendendo às definições estabelecidas em *Vocabulário Heráldico* (1985):

**Escudo.** “Na Armaria é a parte essencial do Brasão, onde se gravam as insígnias da Nobreza. (...) Todos os heraldistas consideram o Escudo como a parte mais importante das Armas, porque nele figuram as peças demonstrativas da ascendência do portador do Brasão (...) ou as peças que simbolizam a posse, domínio, ou actividade (...) A forma do Escudo varia”<sup>96</sup>

**Escudete.** “É uma peça do feitio do Escudo, mas de menores dimensões. (...) Nas armas de domínio significa, em regra a aquisição de novo território”<sup>97</sup>

**Besante.** “Peça circular (...) Parece que a origem dos besantes, era as moedas, de ouro ou de prata (...) Segundo alguns autores o uso de besantes generalizou-se em França e em outros países que mais contribuíram para as cruzadas, como alusão ao nome de Bysâncio, que então se dava a Constantinopla. Era memória do resgate, que se dava para comprar a liberdade dos cruzados, ou então. Como sinal de ter estado na Palestina pois puzeram-se besantes no Escudo dos cruzados que foram à Terra Santa e lá derramaram seu sangue.”<sup>98</sup>

---

<sup>95</sup> Norton, *A Heráldica em Portugal - Raízes, Simbologias e Expressões Histórico-Culturais*, I, 299.

<sup>96</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 108.

<sup>97</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 107.

<sup>98</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 51.

**Bordadura.** “Peça heráldica, que guarnece todo o contorno do Escudo e interiormente é limitada por uma linha paralela a ele (...) A bordadura, pode ser: lisa, carregada, debruada, etc.”<sup>99</sup>

**Castelo.** “Móvel da Armaria que representa uma espécie de torre redonda ou quadrada (...) na Armaria Portuguesa é somente uma obra de fortificação militar (...) Nos brasões portugueses, concedidos no decurso da 2ª dinastia, são sempre alusivos a feitos de armas praticados no ataque ou defesa das praças de guerra do norte de África e outras conquistas (...) Significa: nobreza antiga, grandeza, asilo, salvaguarda e magnanimidade.”<sup>100</sup>

---

<sup>99</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 54.

<sup>100</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 67.

Brasão de Armas da Casa de Bragança: Escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em aspa dourada, cada um carregado de cinco besantes de prata, também eles postos em aspa. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.



Figura 49. Brasão de Armas da Casa de Bragança em pintura a esmalte, amarelo de prata e grisalha.

© Paula Palma.

Escudo de Armas da Casa de Saxe-Coburgo: Escudo francês faixado de ouro e negro, de dez peças, com crancelim de verde, brocante em banda. <sup>101</sup> Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.



Figura 50. Brasão de Armas da Casa de Saxe-Coburgo em pintura a esmalte, amarelo de prata e grisalha.

© Paula Palma.

---

<sup>101</sup> Carneiro, *D. Fernando de Saxe Coburgo-Gotha*, 22.

**Faixa.** “Peça que atravessa horizontalmente o Escudo, de um a outro flanco (...) com o campo preenchido por um esmalte diferente do campo do Escudo. (...) Segundo alguns autores a faixa representa a vitória da batalha singular do cavaleiro e são inscritas no Escudo, tantas quantas as vitórias alcançadas por este. Os alemães deram princípio ao uso das faixas, enchendo delas os Escudos, com diversas cores”<sup>102</sup>

**Crancelim.** “porção de coroas de flores, postas em banda, terminando nas duas extremidades do Escudo”<sup>103</sup>

**Cruz.** “Segundo os vários autores, a Cruz teve princípio, no tempo do Constantino, Imperador dos Romanos, o qual depois de lhe aparecer o sinal da Cruz, no Céu, antes de se dar a batalha de Maxêncio, como presságio da vitória (...) Depois desta aparição, mandou pintar a Cruz nas suas bandeiras e nos Escudos”<sup>104</sup>

---

<sup>102</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 121.

<sup>103</sup> *Vocabulário heráldico*, 86.

<sup>104</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 88.

Brasão de Armas da Casa de Saboia: Escudo de damas (ou oval) de vermelho, com uma cruz de prata firmada. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

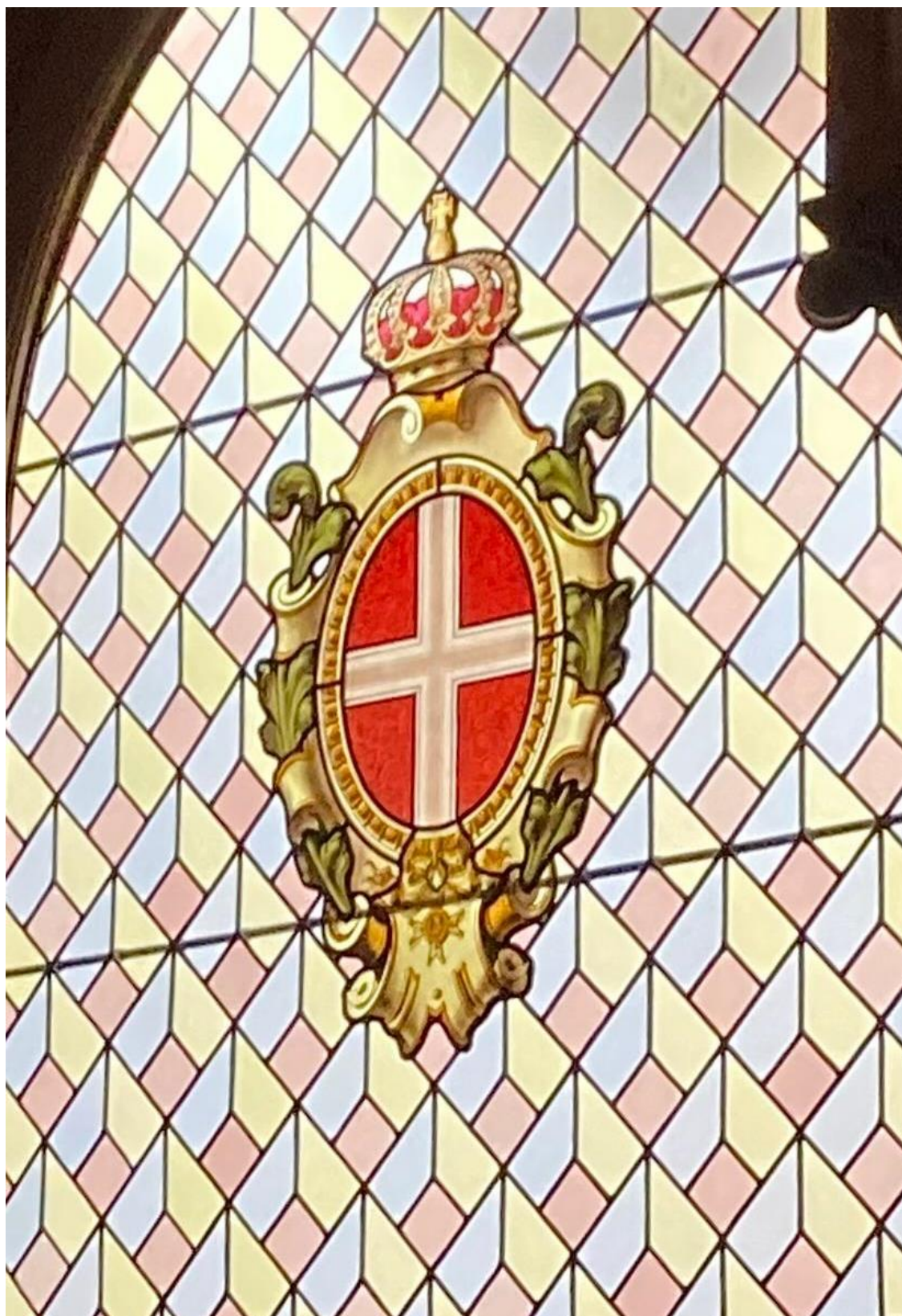


Figura 51. Brasão de Armas da Casa de Saboia em pintura a esmalte, amarelo de prata e grisalha. © Paula Palma.

De igual forma têm as cores e os metais de que são pintados os elementos nos brasões bastante significado, na Arte e na Ciência Heráldica. Comumente, às cores empregues chama-se de esmaltes, e os principais utilizados dividem-se em metais, cores ou ferros – podendo ser as cores: azul, vermelho, púrpura, verde e negro. Dizem os heraldistas que estas tonalidades estarão associadas a cores de pedras preciosas: azul para a safira, vermelho para o rubi, púrpura para a ametista, verde para a esmeralda. Parece, no entanto, que o valor atribuído à simbologia e aos significados dos esmaltes tem vindo a perder peso para os heraldistas mais modernos.

A prata significando esperança, pureza, eloquência, limpeza, inocência, humildade, riqueza, castidade, entre outros;<sup>105</sup> o dourado significando fé, nobreza, força, firmeza, sabedoria, vigor, poder, fidelidade, potência, riqueza, tolerância e sofrimento, sobretudo.<sup>106</sup> O vermelho, encarnado, ou sanguinho, é associado a vitória, guerra, valentia, bravura, fortaleza, ousadia, esforço e a grandeza.<sup>107</sup>

---

<sup>105</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 188.

<sup>106</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 175.

<sup>107</sup> Bandeira et al., *Vocabulário heráldico*, 214.

## Capítulo V – Investigação documental e arquivística

Ao pesquisar em documentação da época e em estudos bibliográficos elaborados sobre as vidraças, procurando informações relativas ao momento em que poderão ter sido fabricadas, pintadas ou instaladas, percebemos facilmente que estas, por serem elementos integrantes da estrutura arquitetónica do edifício e desempenharem funções de divisória entre salas ou zonas, não foram tão valorizadas ou consideradas como as restantes peças decorativas que fizeram parte das coleções da Casa Real.

O Arrolamento Judicial dos Paços Reais foi uma medida inventariante levada a cabo pelo regime republicano, mais concretamente pelo Ministério das Finanças do Governo provisório em outubro de 1910 – esta ação visou elaborar um levantamento descritivo dos recheios dos Palácios da Ajuda e das Necessidades. Neste documento, disponível para consulta nos Arquivos Nacionais Torre do Tombo (também em suporte digital na *DigitArq*) e no Museu do PNA, os vitrais da Capela e as vidraças de vários corredores são mencionados, mas apenas como um meio de orientar geograficamente o leitor na passagem entre zonas do palácio. Já às peças de outras coleções foram atribuídos números de arrolamento. Dá-se o seguinte exemplo, referente às portas com os números de Inventário 58145, 58144 e 58148, localizadas no corredor do Vestíbulo, dando acesso para a Sala de Mármore. Atualmente, a porta de número 58145 já não possui as vidraças foscas e gravadas, tendo estas sido substituídas por vidros transparentes sem decoração (possivelmente, as vidraças partiram-se e foram colocadas em reserva).

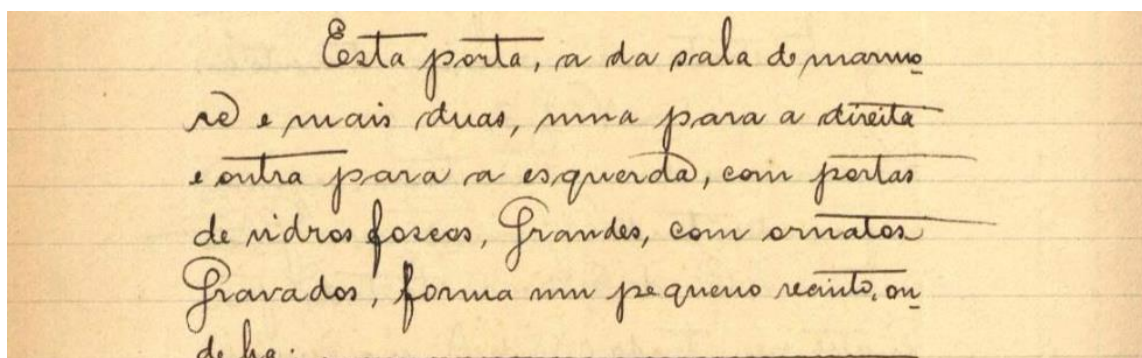


Figura 52. Referência a portas de vidros foscos, grandes, com ornatos gravados.

Fonte: Direção Geral da Fazenda Pública, «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda» Volume 3, Auto 88, 1911.

Para infortúnio da nossa investigação, não foi possível localizar o trabalho elaborado por Paulo Santos Costa, do início dos anos 2000, que apenas existia em formato físico nos arquivos do PNA. Foi possível, apenas, localizar as fichas das peças

inventariadas no ficheiro-mãe do Museu. Como é recorrente ao nível de várias coleções, nem sempre as fichas elaboradas – e sobretudo aquelas que são mais antigas – se encontram inseridas em suporte digital e/ou publicadas para livre acesso. Isto significa que, por vezes, os técnicos do Museu têm acesso restrito a certas inventariações digitais que nunca chegaram a ser publicadas, por variados motivos (inconclusividade poderá ser um deles).

No estudo levado a cabo por Paulo Santos Costa, o autor afirma que John Lindsay Lucas foi o vidreiro gravador das vidraças foscas por si inventariadas no piso térreo. Contudo, não tendo acesso à fonte que confirma a sua veracidade, a única informação da qual disponibilizamos a respeito deste nome é de que foi um reconhecido pintor de retratos britânico – podendo não se tratar da mesma pessoa; podendo o pintor ter desenhado os modelos utilizados para gravar os vidros no local; ou pode o pintor, em algum momento da sua vida, ter-se dedicado à atividade de vidreiro gravador.

As restantes pesquisas conduzidas na Torre do Tombo centraram-se em procurar, em documentos relativos ao pagamento de serviços prestados por diversos trabalhadores nas obras de construção e decoração do PNA, por informações sobre a instalação ou decoração de vidraças. Não foi localizado algum reconhecimento da função fixa e específica de pintor ou gravador de vidraça nas folhas gerais de trabalhadores. Foram apenas localizados dois documentos que, individualmente, tratam o pagamento de uma instalação de vidros e da pintura de dois brasões. O pagamento foi feito pelo engenheiro José António Abreu, que sabemos ter sido diretor das obras levadas a cabo no Palácio entre os anos de 1865 a 1867, dos quais datam os documentos. Sobre estas mesmas obras existe uma importante fonte historiográfica da época, a *Descrição das Novas Salas no Real Palácio da Ajuda. Obras mandadas executar por Sua Magestade a Rainha A Senhora D. Maria Pia de Sabóia nos Seus Reaes Aposentos*, elaborada por Joaquim Possidónio Narciso da Silva (1865), o arquiteto decorador. Esta obra relata em grande descrição os adornos e decorações que receberam algumas salas, como a Sala de Mármore e a Sala Azul. Pode, muito provavelmente, enquadrar-se neste âmbito a instalação de alguns vidros e a pintura de outros. Segundo o autor, anteriormente a estas obras, o Palácio encontrava-se despido e despojado de decorações.

Como se sabe, a instalação ou pintura de vidros não é algo que tivesse sido tão digno de reconhecimento e registo, como o eram a pintura de tetos, de paredes, ou a

instalação de têxteis, de talhas e de mármore – principais intervenções registadas por Narciso da Silva.

Um dos documentos localizados, assinado por Antonio Januario Corrêa – encontra-se dentro de um caderno referente às “Obras no R[eal] Palacio d’Ajuda” e datado de 30 de janeiro de 1866 – é, muito possivelmente, respeitante à pintura das Armas Reais na sobreporta envidraçada com o número de Inventário 69894, que se encontra no Corredor Beauharnais, também por vezes designado de Galeria Beauharnais, e faz ligação com o Corredor das Estufas, que assiste a Sala dos Jantares Grandes. O trabalhador assina a seguinte declaração:

“Recebi do (...) Exmo. Senhor José Antonio de Abreu a quantia de dezoito mil Reis pela pintura de dois Brasões das Armas Reaes, em vidro, na Galleria do andar nobre do Real Palacio d’Ajuda. Lisboa 30 de Janeiro de 1866”<sup>108</sup>

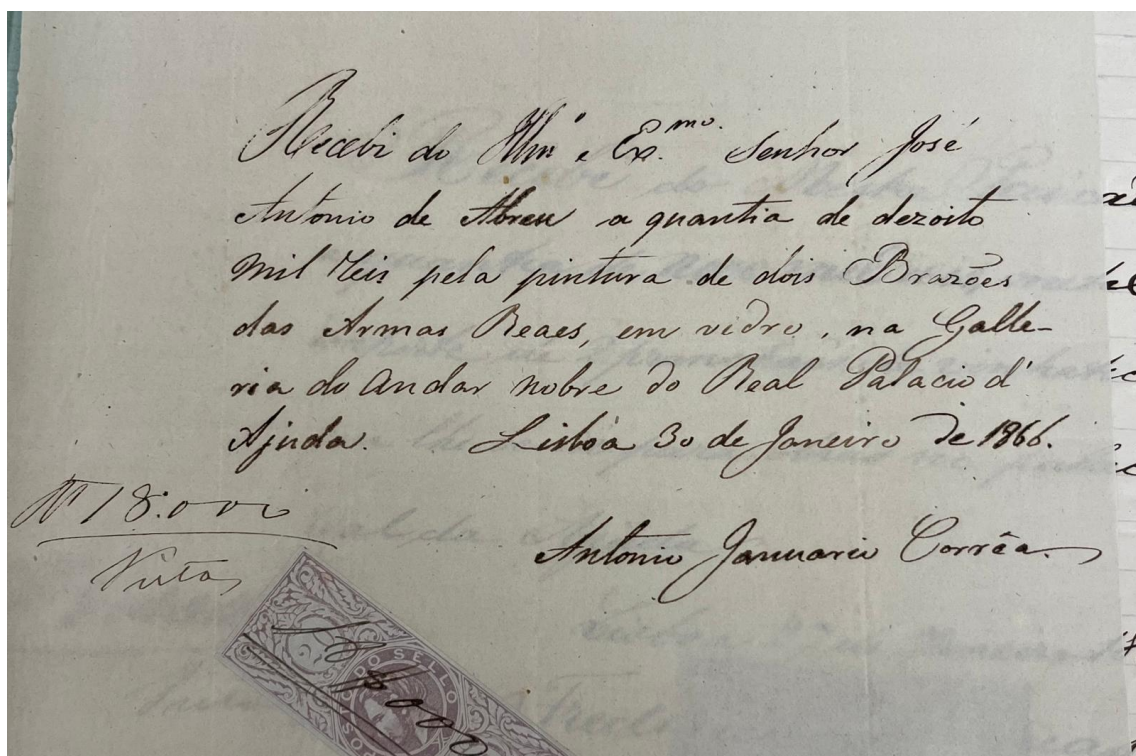


Figura 53. Registo do pagamento de 18 mil réis a Antonio Januario Corrêa pela pintura de Brasões das Armas Reais, em vidro, na Galeria do Andar Nobre.

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixa 4798, documento 154 (1866) – fotografia da autora.

<sup>108</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, «Documento 154 - Obras no R Palacio d’Ajuda».

Folha dos Operários que trabalharam nas obras gerais do Real Paço da Ajuda em janeiro de 1866

Classes	Nomes	Dias	Gravos	Lucros
Cozinheiros	Antonio Manoel Bairão	6	700	42200
"	Antonio Bidos	5	650	32250
"	Antonio P.º Alexandrino	5	"	32250
"	Antonio Martins	5	"	32250
"	Manoel de Lemos	5	"	32250
"	Pere' Avelhe	5	600	32000
"	Pere' Pere' da Costa Bairão	5	"	32000
"	Antonio Pere'	5	"	32000
"	Pere' Xavier	5	"	32000
Cantores	Antonio Pere'	5	"	32000
Tribalhadores	Antonio das Neves	5	360	18800
"	Demétrio Francisco	5	"	18800
Decanatos de	Antonio Sampaio Corio	"	"	188000
Pere' de	Federico Darypias	"	"	22100
Soma de				622800

Ante a mim <sup>Campeão Mestre</sup> Sr.º Conselho Agostinho da Silva, Thesoureiro da Casa Real, a quantia de seiscenta e dois mil e oito-centos reis, importância desta folha.

Ajuda 27 de Janeiro de 1866  
 O Mestre  
 Antonio da Bairão Cruz

Figura 54. Folha dos operários que trabalharam nas obras gerais do Real Paço da Ajuda em janeiro de 1866, na qual se insere o documento de Antonio Januario Corrêa.

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixa 4798, documento 154 (1866) – fotografia da autora.



Figura 55. Armas Reais pintadas em vidraça de sobreporta.<sup>109</sup> © Paula Palma

---

<sup>109</sup> Outra porta igual a esta existe, no mesmo corredor. Porém, já não possui a vidraça central com as armas pintadas, da qual se desconhece o paradeiro.



Figura 56. Em falta, a vidraça que possui pintura das Armas Reais, em porta igual à de número 69894. © Paula Palma.

Embora não consigamos determinar com exatidão a que vidros se refere, devido à designação pouco esclarecedora do local em questão, outro documento merece atenção: diz este respeito à instalação de vidros no “2º vestíbulo do Corredor da Caza da Meza no Pavimento do Andar Nobre do Real Pallaçio da Ajuda por Direção do (...) Engenheiro Joze Antonio de Abreu em 30 de Dezembro de 1865”.<sup>110</sup> Não é possível afirmar, com exatidão, que a localização mencionada no presente documento se refere ao Corredor das Estufas, corredor que fez e faz assistência aos eventos que decorrem na Sala dos Jantares Grandes. O mesmo documento menciona a quantidade de vidros instalados e pode, perfeitamente, referir-se a vidros não ornamentados.

Conta dos vidros que pus no 2.º Vestibulo, do Corredor da Caza da Meza no Pavimento do Andar Nobre do Real Pallaçio de Ajuda por Direção do Sr. Engenheiro Joze Antonio de Abreu em 30 de Dezembro de 1865 a saber

Dezembro 25	12 chapas meia grossura	a 1440	17.280
" "	7 vidros mais pequenos	a 700	4.900
" 28	1 vidro mais para o centro de	Soma	22.180
" "	uma lã de um vestibulo		180
			<u>Somathotal</u> 22.360

Recebi do Sr. Manoel Afonso Ferreira a quantia de vinte e dois mil trezentos e quarenta Reiz em pagamento desta conta Lisboa 9 de Fevereiro de 1866

Manoel Afonso Ferreira

Figura 57. Conta dos vidros que colocou Manoel Afonso Ferreira no Andar Nobre do PNA.

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixa 4798, documento 176 (1865-1866) – fotografia da autora.

<sup>110</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, «Documento 176 - Folha dos Operarios que trabalharao nas Obras geraes do Real Paço de Ajuda na semana finda em 10 de Fevereiro de 1866».

(Docum. n.º 176)

Folha dos Operários que trabalharam nas Obras Geraes do Real Paço da Ajuda na semana finda em 10 de fevereiro de 1866

Classes	Nomes	Dias	Salario	Total
Carpinteiros	Antonio Marcos Cairão	6	700	4200
"	Antonio Pedro	6	650	3900
"	Antonio D. Alexandrino	6	"	3900
"	Antonio Martins	6	"	3900
"	Pae Antonio Lobo	6	"	3900
"	Pae Azeite	6	600	3600
"	Pae Pae da Costa Cairão	6	"	3600
"	Antonio Pae	6	"	3600
"	Pae Xavier	6	"	3600
Bedeiros	Alexandre Gomes	6	"	3600
Cantins	Cristiano Pae	6	"	3600
Trabalhadores	José Francisco	6	360	2160
"	Pae Domingos	6	280	1680
Instrumentos de	Marcos Frans Ferreira	"	"	22310
Pena	José Joaquim Bysidonio da Silva	"	"	4800
<u>Summa Pais</u>				<u>714620</u>

Recibido de J. M. e C. <sup>com</sup> Lda, Lda, Conselho Agostinho da Silva, Agostinho da Silva, a quantia de Setenta e um mil seis-centos e vinte reis, importância desta folha.

Ajuda 10 de Fevereiro de 1866

O Mestre

Antonio da Cairão Cruz

1866 - Fevereiro

Figura 58. Folha dos operários que trabalharam nas Obras Geraes do Real Paço da Ajuda na semana finda em 10 de fevereiro de 1866.

Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixa 4798, documento 176 (1865-1866) – fotografia da autora.

## **Considerações finais**

Apesar dos esforços empreendidos, o tema de investigação sobre o qual assentou o nosso estágio académico no Palácio Nacional da Ajuda-Museu colocou algumas dificuldades à obtenção de respostas às questões elencadas à partida: a complexidade, bem como a extensão do universo em estudo e o seu desdobramento em vários subtemas e camadas de conhecimento, não permitiram um maior aprofundamento de cada tópico definido na sua estrutura. Por outras palavras, a grande quantidade de vidraças e vitrais em estudo, bem como a diversidade de tipologias e variáveis estilísticas, aliadas à limitação da extensão temporal e formal do presente relatório, não possibilitaram um maior grau de detalhe no apuramento e registo individual de cada peça. Com vista a atender e a enquadrar, no projeto final, todas as particularidades e qualidades presentes no tipo de arte em estudo – a arte em vidro e as suas propriedades, os motivos decorativos do Rococó, o Neoclassicismo e o estilo Império, a Heráldica – a abordagem a cada um destes temas precisou de ser relativamente superficial.

Do ponto de vista investigativo, deve salientar-se o insucesso das pesquisas arquivísticas levadas a cabo, no que diz respeito à conclusão dos objetivos iniciais, que eram determinar – ainda que se soubesse, de partida, ser muito difícil – a autoria, a origem da produção, o momento da encomenda e da instalação das peças no Palácio da Ajuda.

Outras limitações à validação científica das conclusões extraídas da observação se verificaram: não obstante a leitura de bibliografia respeitante à arte em vidro, e os esforços desenvolvidos em tentar determinar «a olho» que tintas foram utilizadas em cada caso de vidraça pintada (se esmalte, se verniz), só poderíamos determinar e afirmar, com exatidão e rigor absolutos, se fossem feitos testes químicos aos exemplares em estudo. Semelhante dificuldade se aplica à distinção entre foscagem a ácido fluorídrico e a foscagem a jato de areia. Não obstante, e reconhecendo que o conhecimento completo deste universo patrimonial dependerá das diligências laboratoriais descritas, esta é uma vertente da investigação não enquadrável no âmbito do nosso estágio.

Do ponto de vista prático, também o tratamento das peças levantou alguns obstáculos: se, inicialmente, se pensou em inventariar todas as vidraças que se encontram em reserva – sendo que estas, em muitos dos casos, se encontram partidas e correspondem, na realidade, a fragmentos desagregados de vidraças – numa fase mais avançada, acabou por se decidir excluir estas da etapa da inventariação. O principal

motivo foi a forma como estão acondicionadas as peças em reserva, empilhadas e por baixo de peças maiores, o que tornou bastante difícil a sua identificação, a sua análise e o seu manuseamento. Os números de inventário previamente atribuídos a estas peças foram excluídos do presente relatório, uma vez tomada a decisão final, e maior atenção foi dedicada aos exemplares expostos.

Ainda relativamente às adversidades ao preenchimento de todos os campos da ficha de inventário, além de autoria e centro de produção, por vezes foi-nos impossível fazer a medição exata e completa das peças, sobretudo das mais elevadas ou de maior dimensão. Nas fichas que elaborámos, focámo-nos apenas em caracterizar a componente do vidro presente em cada elemento estrutural, uma vez que era esse o nosso objeto em estudo, desprezando as outras componentes integrantes como, por exemplo, a estrutura de carvalho e a maçaneta de bronze, numa porta. Porém, reforçamos a importância de se considerar a peça museológica no seu todo, prestando igual atenção e valorização às várias partes que a compõem. Na prática, esta problemática traduz-se na necessidade de, futuramente, se atribuir uma alínea aos elementos relegados desta inventariação, retomando as fichas que foram neste âmbito elaboradas, com foco no vidro. Reconhecendo esta necessidade, não nos foi possível, contudo, dedicar igual esforço a todos os elementos componentes das peças compósitas.

Posto isto, entende-se que o presente trabalho poderá servir como um importante ponto de partida para eventuais futuros projetos, que se queiram dedicar a estudar, ou a aprofundar, o tema desenvolvido. Pode este estudo, levantamento e inventariação auxiliar futuros autores e académicos que o queiram consultar ou retomar, e que procurem elaborar ou preencher as fichas, com os requisitos que, lamentavelmente, nos ficaram em falta.

## Identificação

**Inv.: 69847**

Título/Denominação: Porta de vidraças  
com Escudo das Armas de Portugal

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta de duas portadas, composta por duas vidraças foscas, aproximadamente retangulares de extremidades arredondadas, decoradas com pintura de Brasões das Armas do Reino de Portugal, ornatos vegetalistas e florais, e motivo geométrico nas extremidades.

A peça compósita 69847 é composta pelas vidraças 69847/a e 69847/b.

## Representação

Heráldica:

Brasão de Armas do Reino de Portugal: escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz (ou santor), cada um carregado por cinco besantes de prata em aspa; bordadura de vermelho carregada por sete castelos de ouro. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

Moldura dourada, de estilo Rococó e traços curvilíneos, ornamentada com volutas e uma folha de acanto na extremidade inferior.

Inferiormente ao Escudo, este possui uma guirlanda presa pelas extremidades. Nas suas laterais, ornato enfaixado de 3 pequenas heras estilizadas, ligadas por esferas. No rebordo das vidraças, estas apresentam uma moldura geométrica simples em formato aproximadamente retangular, que interliga os ornatos de folhas de Lis estilizadas nas 4 extremidades.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Porta de carvalho, com vidraças sobre as quais foram aplicadas a técnica da foscagem a ácido fluorídrico e pintura a esmaltes (ou verniz), amarelo de prata e grisalha.

**Dimensões aproximadas das vidraças:** 2.20m de altura x 0.60m de largura

**Conservação:** De modo geral ambas as vidraças se encontram bem conservadas; contudo, denota-se algum desgaste num dos escudos das armas de Portugal e na pintura geométrica retangular que envolve os brasões.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição na Sala dos Archeiros do Piso Térreo do Piso Térreo do Palácio Nacional da Ajuda







Vidraça 69847/a



Vidraça 69847/b com marcas de desgaste na pintura.

## Identificação

**Inv.: 69848**

Título/Denominação: Janela em vidraça  
com pintura de monograma de D. Luís I

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita, com vidraça fosca contendo pintura de monograma do rei D. Luís I a vermelho e gravura vegetalista.

## Representação

Insígnia/Monograma do rei D. Luís I:

Símbolo composto pelas letras “L” (de Luís) e “I” de 1º, representados sob aparência vegetalista, remetendo para ramos e folhas entrelaçados – sob escudo francês de vermelho. O escudo possui uma moldura dourada de estilo Rococó, ornamentada com folhas de acanto e arabescos. Ao cimo, coroa real fechada de dourado encimada por esfera e cruz.

Na zona circundante ao Escudo com o Monograma, observam-se ornamentos florais e vegetalistas que se entrelaçam e trespassam o próprio Escudo: folhas de acanto Luís XV nas laterais; ramagens em arco de volta perfeita ao cimo; volutas e flores de Lis nas extremidades inferiores.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Moldura em carvalho; vidraça gravada sob a técnica da foscagem a ácido fluorídrico e com pintura a esmaltes, a amarelo de prata e a grisalha.

**Dimensões da vidraça:** 2m de altura x 1.12m de largura

## Conservação

Ótimo estado de conservação: todos os elementos artísticos e decorativos são bem visíveis e as cores mantêm-se inalteradas.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição no patamar Mezzanine da Escadaria Nobre do Palácio Nacional da Ajuda. Janela da esquerda.

Janela mencionada no Arrolamento dos Paços de 1911: “entra-se no 3º patamar da escada dos espelhos, com trez janellas para oeste, com vidros foscos, tendo os dois dos lados dois LL entrelaçados e o algarismo 1 ao meio, n’um escudo de fundo encarnado, encimado por uma corôa, e do centro (...) sendo identico sobre fundo azul, o monograma e corôa, da smª D. Maria Pia”<sup>111</sup>

### **Bibliografia**

Direção Geral da Fazenda Pública, «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda» Volume 3, Auto 192, 1911.



<sup>111</sup> Direção Geral da Fazenda Pública, «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda», 1911.





## Identificação

**Inv.: 69849**

Título/Denominação: Janela em vidraça  
com pintura de monograma de D. Maria Pia

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita com vidraça fosca contendo pintura de monograma da rainha D. Maria Pia a verde e gravura vegetalista.

## Representação

Insígnia/Monograma rainha D. Maria Pia:

Símbolo composto pelas letras “M” (de Maria) e “P” (de Pia) – representados sob aparência vegetalista, remetendo para ramos com folhas entrelaçados - sobre escudo francês de verde. O escudo possui uma moldura dourada de estilo Rococó, ornamentada com folhas de acanto e arabescos. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. Ao cimo, coroa real fechada de dourado encimada por esfera e cruz.

Na zona circundante ao Escudo com o Monograma, observam-se ornamentos florais e vegetalistas que se entrelaçam e trespassam o próprio Escudo: folhas de acanto Luís XV nas laterais; ramagens em arco de volta perfeita ao cimo; volutas e flores de Lis nas extremidades inferiores.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Moldura em carvalho; vidraça gravada sob a técnica da foscagem a ácido fluorídrico e com pintura a esmaltes, a amarelo de prata e a grisalha.

**Dimensões:** 2m de altura x 1.12m de largura

## Conservação

Estado Médio: Ambas a pintura e a gravura apresentam sinais evidentes de degradação. Sabemos por meio da consulta do arrolamento judicial do PNA que este Escudo era pintado de azul:

Janela mencionada no Arrolamento dos Paços de 1911: “entra-se no 3º patamar da escada dos espelhos, com trez janellas para oeste, com vidros foscas, tendo os dois dos lados dois LL entrelaçados e o algarismo 1 ao meio, n’um escudo de fundo encarnado, encimado por uma corôa, e do centro (...) sendo identico sobre fundo azul, o monograma e corôa, da smª D. Maria Pia”<sup>112</sup>

Concluimos que houve alteração cromática, possivelmente devido à exposição a fatores ambientais como luz solar (raios UV) que proporcionaram a reação química dos esmaltes. Parte das gravuras estão bastante degradadas e praticamente invisíveis (na lateral esquerda).

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição na Escadaria Nobre (patamar Mezzanine) do Palácio Nacional da Ajuda. Janela do centro.

### **Bibliografia**

Direção Geral da Fazenda Pública, «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda» Volume 3, Auto 192, 1911.

---

<sup>112</sup> Direção Geral da Fazenda Pública, «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda», 1911.





## Identificação

**Inv.: 69880**

Título/Denominação: Janela em vidraça

com pintura de monograma de D. D. Luís I

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita com vidraça fosca contendo pintura de monograma do rei D. Luís I a vermelho e gravura vegetalista.

## Representação

Insígnia/Monograma do rei D. Luís I:

Símbolo composto pelas letras “L” (de Luís) e “I” de 1º, representados sob aparência vegetalista, remetendo para ramos e folhas entrelaçados – sob escudo francês de vermelho. O escudo possui uma moldura dourada de estilo Rococó, ornamentada com folhas de acanto e arabescos. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. Ao cimo, coroa real fechada de dourado encimada por esfera e cruz.

Na zona circundante ao Escudo com o Monograma, observam-se ornamentos florais e vegetalistas que se entrelaçam e trespassam o próprio Escudo: folhas de acanto Luís XV nas laterais; ramagens em arco de volta perfeita ao cimo; volutas e flores de Lis nas extremidades inferiores.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Moldura em carvalho; vidraça gravada sob a técnica da foscagem a ácido fluorídrico e com pintura a esmaltes, a amarelo de prata e a grisalha.

**Dimensões** 2m de altura x 1.12m de largura

## Conservação

O Monograma encontra-se razoavelmente bem conservado, apesar de o esmalte vermelho apresentar sinais de degradação, bem como parte da moldura dourada. Alguns ornamentos vegetalistas gravados a ácido fluorídrico (principalmente na zona inferior) encontram-se

bastante degradados e pouco visíveis. Os ornamentos gravados junto à coroa, nas laterais que envolvem o Escudo e a coroa encontram-se em ótimo estado de conservação.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição permanente na Escadaria Nobre (patamar Mezzanine) do Palácio Nacional da Ajuda. Janela da direita.

Janela mencionada no Arrolamento dos Paços de 1911: “entra-se no 3º patamar da escada dos espelhos, com trez janellas para oeste, com vidros foscas, tendo os dois dos lados dois LL entrelaçados e o algarismo 1 ao meio, n’um escudo de fundo encarnado, encimado por uma corôa, e do centro (...) sendo identico sobre fundo azul, o monograma e corôa, da smª D. Maria Pia”<sup>113</sup>

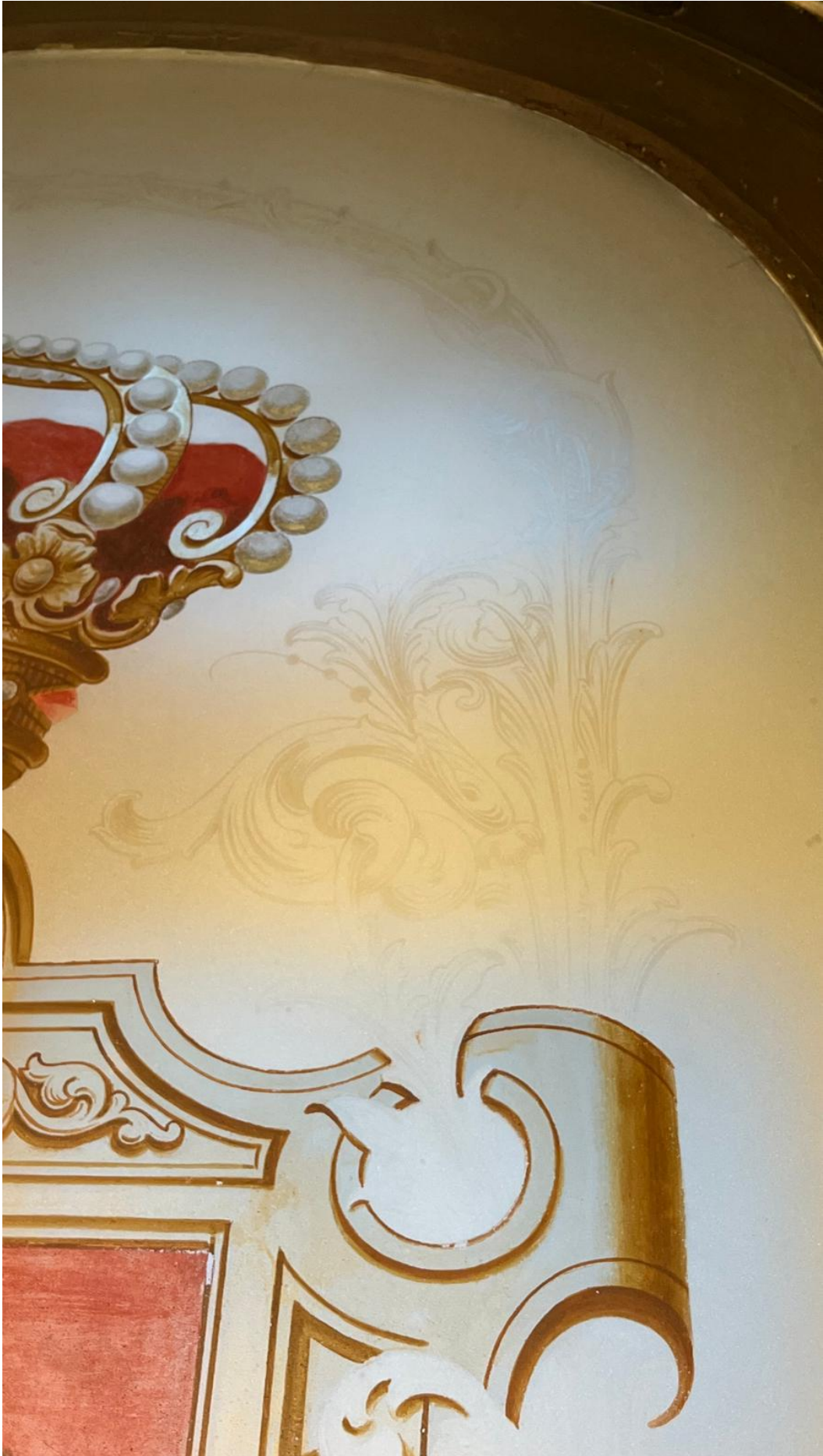
### **Bibliografia**

Direção Geral da Fazenda Pública, «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda» Volume 3, Auto 192, 1911.

---

<sup>113</sup> Direção Geral da Fazenda Pública, «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda», 1911.





## Identificação

**Inv.: 69881**

Título/Denominação: Porta de acesso ao Museu  
com vidraças de decoração neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta composta por estrutura de carvalho e 11 vidraças foscas e pintadas com decoração neoclássica, aplicadas nas duas portadas e nas duas sobreportas: uma primeira sobreporta retangular e uma sobreporta superior com acabamento em arco de volta perfeita.

As portadas possuem 4 vidraças aproximadamente retangulares de extremidades arredondadas; a primeira sobreporta 3 vidraças (2 de formato aproximadamente quadrangular e 1 retangular, no centro); e a sobreporta mais elevada possui 4 vidraças de diferentes formatos, 3 que se assemelham a trapézios e 1 em formato semicircular. Todas as vidraças apresentam as extremidades arredondadas.

A peça compósita 69881 é composta pelas vidraças 69881/a – 69881/k.

## Representação

Ornamentação de motivos neoclássicos: volutas, folhas de acanto, jarra com bouquet de flores, de traços bastante finos e curvilíneos. Na vidraça central na sobreporta, possui um ornato de festão preso pelas extremidades. Nas vidraças das extremidades esquerda e direita, verificam-se ornatos de flor de lis entre volutas de formato semelhante a coração.

Todas as vidraças possuem um ornamento simples geométrico, como uma moldura nas suas extremidades acompanhando o próprio formato do vidro.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Grande porta de carvalho entalhada, com 11 vidraças foscas pelo método da foscagem a ácido fluorídrico ou jato de areia, e pintadas a verniz ou esmalte branco.

**Dimensões aproximadas**

Porta: 6m de altura x 4m de largura

Vidraças 69881/i e 69881/j: 2.75m de altura x 0.70m de largura

Vidraças 69881/h e 69881/k: 2.75m de altura x 0.40m de largura

**Conservação**

Mau estado de conservação da camada de pintura. Devido ao desgaste do tempo e à exposição desta porta a fatores climatéricos, uma vez que em contacto com o exterior, a maior parte da pintura está bastante desgastada e os ornamentos são pouco visíveis.

É possível identificar e interpretar os elementos decorativos pelas vidraças 69881/e, 69881/f, 69881/g (primeiro nível da sobreporta), 69881/j e 69881/k (portadas à direita).

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição permanente na porta de entrada para o Museu do Palácio Nacional da Ajuda (Piso Térreo, acesso exterior).







## Identificação

**Inv.: 69882**

Título/Denominação: Porta com 2 vidraças de decoração neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta composta por duas vidraças retangulares foscas, de decoração neoclássica: pintura a verniz ou esmalte de vasos de flores e outros motivos botânicos, volutas e ornatos geométricos.

A peça compósita 69882 é composta pelas vidraças 69882/a e 69882/b.

## Representação

Decoração simétrica e delicada composta por: bouquet de flores ao cimo, que assenta num elemento geométrico lembrando pequeno gradeamento, que envolve uma espécie de cartucho. Nas laterais, possui ornatos de flores pendurados. Dois sinos (flor) ligam esta a outra grade, composta por volutas e estilizada com flores espigadas e folhas de acanto. Preso pelas extremidades às laterais da grade, cai um grande festão de rosas, que liga a um ornato de palma, ao cimo, e a uma voluta, por baixo que envolve uma flor de Lis e outros elementos botânicos. Nas extremidades das vidraças, há um adorno de moldura geométrica retangular, que liga com outros ornamentos de flor de Lis estilizados nos 4 cantos das vidraças.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

## Informação Técnica

Grande porta de carvalho entalhada, com 11 vidraças foscas pelo método da foscagem a ácido fluorídrico ou jato de areia. Apesar de serem foscadas, a decoração presente nas vidraças aparenta ser pintada a verniz ou a esmalte esbranquiçado.

**Dimensões da vidraça:** 1.65m de altura x 0.43m de largura

## Conservação

Muito bom estado de conservação, com apenas algum desgaste na pintura do motivo geométrico retangular na extremidade de ambas as vidraças.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição permanente na Sala dos Archeiros, no Piso Térreo do Palácio Nacional da Ajuda.





Vidraça 69882/a



Vidraça 69882/b.



Vidraça 69882/a.



Vidraça 69882/a.

## Identificação

**Inv.: 69883**

Título/Denominação:

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela retangular composta por uma moldura de carvalho e uma vidraça fosca com gravura de decoração neoclássica simétrica: motivos vegetalistas e mitológicos.

É igual às janelas com os números de Inventário 58146 e 58147, localizadas no Corredor Nobre, ou do Vestíbulo.

## Representação

Composição simétrica de motivos neoclássicos:

na parte superior, um grande arabesco de folhas de acanto do estilo Luís XV; ao centro deste, uma cabeça mitológica de cariz greco-romano, da qual partem duas volutas que terminam em rosetas – destas saem fitas decorativas e as extremidades de uma guirlanda central, ornamentada por outras volutas e motivos florais.

Nas laterais, partindo de cada uma das extremidades do arabesco superior, pende uma flor que lembra uma tulipa estilizada invertida, que dá origem a uma nova composição de motivos florais e vegetalistas que caem em faixa, interligando a composição de cima à de baixo da vidraça: observam-se ornatos de hera, um vaso com plantas, adornado por uma fita, uma pinha invertida, volutas, uma base de castiçal com pingentes, e outras flores entrelaçadas em ramos, uma das quais a flor de lis.

Esta composição liga à parte inferior, que é composta por volutas nas extremidades e ao centro, ligado por folhas de acanto, se encontram dois grifos voltados para o centro: um candelabro encimado por volutas, também estilizadas por folhas de acanto e espigas, que envolvem um grilho (cabeça) alado ao centro.

Envolvendo toda a composição, um motivo geométrico linear em formato retangular acompanha toda a extremidade da vidraça.

**Autoria:** Desconhecida.

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX (com possibilidade de ser do século XX)

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Moldura de carvalho com vidraça fosca, com gravura a ácido fluorídrico.

**Dimensões da vidraça:** 1.90m de altura x 1.31m de largura

**Conservação**

Encontra-se bem conservada, com todos os seus elementos iconográficos visíveis.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** em exposição no primeiro patamar da Escadaria Nobre do Palácio Nacional da Ajuda.



## Identificação

**Inv.: 69884**

Título/Denominação: Porta guarda-vento com vidraças de decoração neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta de carvalho composta por 7 vidraças foscas, das quais 4 possuem gravura decoração neoclássica.

Peça compósita composta pelas vidraças 69884/a – 69884/g.

## Representação

As duas vidraças do centro contêm, simetricamente, a mesma composição disposta verticalmente, com a seguinte ornamentação: uma pequena coluna abalaustrada, canelada ou com nervuras; ao cimo, o capitel estilizado como se de um vaso de flores se tratasse, do qual saem plantas simetricamente pendentes e curvilíneas; um ornato de palma invertido que liga com uma pequena esfera, na base de uma grande flor de lis estilizada em folhas de acanto. Ao cimo, repetição dos mesmos ornatos florais e uma outra palma superior, da qual saem volutas que terminam numa nova e mais pequena palma.

Lateralmente ao pequeno balaústre, e penduradas nas duas volutas (à esquerda e à direita) que o encimam, partem duas faixas pendentes de ornatos florais.

Na parte inferior da coluna esta possui dois anéis, e junto à base contém uma meandra grega. A base é estilizada, remetendo para uma estilização da flor de lis, da qual partem dois ramos floreados simétricos e uma flor central.

Na zona mais inferior da composição, existe ao centro uma roseta dentro um elemento circular, e dois ornatos de palma simétricos – um à esquerda e outro à direita desta. Este elemento circular assenta numa flor de lis invertida, estilizada como folha de acanto, ornamentada por mais uns ramos de folhas, semelhante à folha de louro.

Nas quatro vidraças decoradas, encontram-se ornatos de rosetas geométricas em cada uma das quatro extremidades, que são interligadas por uma moldura decorativa geométrica que interliga as quatro.

**Autoria:** Desconhecida (a confirmar: John Lindsay Lucas).

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

### **Informação Técnica**

Porta de carvalho com vidraças foscas com gravura através do método da foscagem por ácido fluorídrico.

### **Dimensões das vidraças:**

69884/a e 69884/d: 1.70m de altura x 0.37m de largura

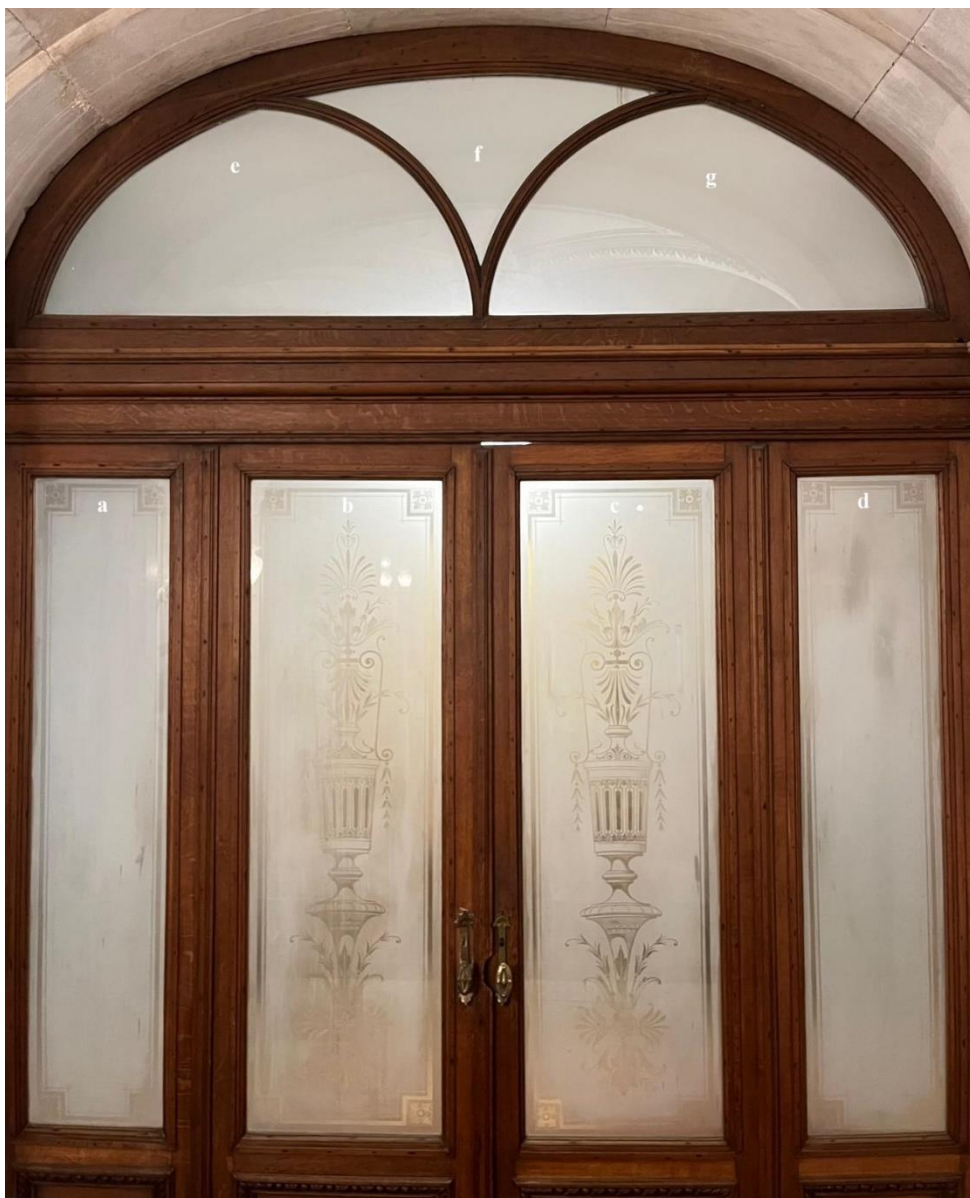
69884/b e 69884/c: 1.70m de altura 0.52m de largura

Sobreporta (69884/e, 698847g e 69884/f juntas): 0.90m de altura x 2.70m de largura

**Conservação:** Muito bom estado de conservação de todos os elementos iconográficos gravados.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição permanente no patamar Mezzanine da Escadaria Nobre do Palácio Nacional da Ajuda.





**Inv.: 69885**

Título/Denominação: Janela de vidraças com

Escudo de Armas da Casa de Bragança

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



### **Descrição**

Janela em arco de volta perfeita, composta por 10 vidraças de diferentes formatos, aplicadas numa armação de ferro. As vidraças são foscas com gravuras vegetalistas e pintura armoriada do Escudo de Armas da Casa de Bragança.

A peça compósita 69886 é composta pelas vidraças 69885/a – 69885/j.

É semelhante e faz conjunto com as janelas 69886, 69887 e 69888.

### **Representação**

As vidraças circundantes (69885/b – 69885/j) possuem ornatos de heras. A vidraça central (69885/a) contem representação heráldica.

Heráldica: Escudo de Armas da Casa de Bragança: Escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em aspa dourada, cada um carregado de cinco besantes de prata, também eles postos em aspa. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

Moldura dourada, de estilo Rococó, com traços curvilíneos e ornamentada por folhas de acanto e arabescos de ramagens. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. O acabamento inferior da moldura é composto por um grande arabesco de folhas de acanto do estilo Luís XV e volutas simétricas ao centro.

Exteriormente ao Escudo de Armas, observam-se ornamentos florais e vegetalistas que contornam e trespassam o próprio Escudo: folhas de acanto Luís XV nas laterais; ramagens em arco de volta perfeita ao cimo; flores de Lis nas duas extremidades inferiores.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica:** Moldura de carvalho, armação de ferro e vidraças foscas, gravadas segundo o método da foscagem com ácido fluorídrico. Pintura a esmaltes e possivelmente a grisalha.

### **Dimensões aproximadas**

Janela: 2.70m de altura x 1.40m de largura

Vidraças 69885/h e 69885/j: 0.16m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69885/d, 69885/e, 69885/f e 69885/g: 0.94x de altura x 0.16m de largura

Vidraça 69885/a: 2.40m de altura x 1.02m de largura

### **Conservação**

Bom estado de conservação. Todos os elementos iconográficos se mantêm bastante perceptíveis, com um ligeiro desgaste dos esmaltes e das gravuras que circundam. É possível que tenha ocorrido uma ligeira alteração dos tons cromáticos originais. Contrariamente às suas semelhantes, esta vidraça mantêm perceptíveis os ornatos de flor de lis gravados na zona inferior ao Escudo.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição na Escadaria Nobre (terceiro patamar) do Palácio Nacional da Ajuda.





## Identificação

**Inv.: 69886**

Título/Denominação: Janela de vidraças com

Escudo de Armas da Casa de Saxe-Coburgo

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita, composta por 10 vidraças de diferentes formatos, aplicadas numa armação de ferro. As vidraças são foscas com gravuras vegetalistas e pintura armoriada do Escudo de Armas da Casa de Saxe-Coburgo.

A peça compósita 69886 é composta pelas vidraças 69886/a – 69886/j.

É semelhante / faz conjunto com as janelas 69885, 69887 e 69888.

## Representação

As vidraças circundantes (69886/b – 69886/j) possuem ornatos de heras. A vidraça central (69886/a) contem representação heráldica.

Heráldica: Escudo de Armas da Casa de Saxe-Coburgo: Escudo francês faixado de ouro e negro, de dez peças, com crancelim de verde, brocante em banda. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

Moldura dourada, de estilo Rococó, com traços curvilíneos e ornamentada por folhas de acanto e arabescos de ramagens. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. O acabamento inferior da moldura é composto por um grande arabesco de folhas de acanto do estilo Luís XV e volutas simétricas ao centro.

Exteriormente ao Escudo de Armas, observam-se ornamentos florais e vegetalistas que contornam e trespassam o próprio Escudo: folhas de acanto Luís XV nas laterais; ramagens em arco de volta perfeita ao cimo; flores de Lis nas duas extremidades inferiores.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica:** Moldura de carvalho, armação de ferro e vidraças foscas, gravadas segundo o método da foscagem com ácido fluorídrico. Pintura a esmaltes e possivelmente a grisalha.

### **Dimensões aproximadas**

Janela: 2.70m de altura x 1.40m de largura

Vidraças 69886/h e 69886/j: 0.16m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69886/d, 69886/e, 69886/f e 69886/g: 0.94x de altura x 0.16m de largura

Vidraça 69886/a: 2.40m de altura x 1.02m de largura

### **Conservação**

Bom estado de conservação da pintura, que apresenta apenas um ligeiro desgaste dos esmaltes. Em geral, os elementos iconográficos mantêm-se perceptíveis, com a exceção dos ornatos de flor de lis das extremidades inferiores ao Brasão, que praticamente se perderam. É possível que tenha ocorrido uma ligeira alteração dos tons cromáticos originais – a coroa, agora amarelada, seria vermelha.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição na Escadaria Nobre (terceiro patamar) do Palácio Nacional da Ajuda.



## Identificação

**Inv.: 69887**

Título/Denominação: Janela de vidraças com

Escudo de Armas da Casa de Saboia

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita, composta por 10 vidraças de diferentes formatos, aplicadas numa armação de ferro. As vidraças são foscas com gravuras vegetalistas e pintura armoriada do Escudo de Armas da Casa de Saboia.

A peça compósita 69887 é composta pelas vidraças 69887/a – 69887/j.

É semelhante / faz conjunto com as janelas 69885, 69886 e 69888.

## Representação

As vidraças circundantes (69887/b – 69887/j) possuem ornatos de heras. A vidraça central (69887/a) contém representação heráldica.

Heráldica: Escudo de Armas da Casa de Saboia: Escudo francês de ouro, com uma cruz de prata firmada. Bordadura de azul. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

Moldura dourada, de estilo Rococó, com traços curvilíneos e ornamentada por folhas de acanto e arabescos de ramagens. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. O acabamento inferior da moldura é composto por um grande arabesco de folhas de acanto do estilo Luís XV e volutas simétricas ao centro.

Exteriormente ao Escudo de Armas, observam-se ornamentos florais e vegetalistas que contornam e trespassam o próprio Escudo: folhas de acanto Luís XV nas laterais; ramagens em arco de volta perfeita ao cimo; flores de Lis nas duas extremidades inferiores.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica:** Moldura de carvalho, armação de ferro e vidraças foscas, gravadas segundo o método da foscagem com ácido fluorídrico. Pintura a esmaltes e possivelmente a grisalha.

### **Dimensões aproximadas**

Janela: 2.70m de altura x 1.40m de largura

Vidraças 69887/h e 69887/j: 0.16m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69887/d, 69887/e, 69887/f e 69887/g: 0.94x de altura x 0.16m de largura

Vidraça 69887/a: 2.40m de altura x 1.02m de largura

### **Conservação**

Médio estado de conservação. Os esmaltes encontram-se bastante degradados, e grande parte das gravuras estão desgastadas ao ponto de serem praticamente impercetíveis, sobretudo na zona inferior ao Escudo.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição na Escadaria Nobre (terceiro patamar) do Palácio Nacional da Ajuda.





## Identificação

**Inv.: 69888**

Título/Denominação: Janela de vidraças com

Escudo de Armas do Reino de Portugal

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita, composta por 10 vidraças de diferentes formatos, aplicadas numa armação de ferro. As vidraças são foscas com gravuras vegetalistas e pintura armoriada do Escudo de Armas do Reino de Portugal.

A peça compósita 69888 é composta pelas vidraças 69888/a – 69888/j.

É semelhante / faz conjunto com as janelas 69885, 69886 e 69887.

## Representação

As vidraças circundantes (69888/b – 69888/j) possuem ornatos de heras. A vidraça central (69888/a) contém representação heráldica.

Heráldica: Brasão de Armas do Reino de Portugal: escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz (ou santor), cada um carregado por cinco besantes de prata em aspa; bordadura de vermelho carregada por sete castelos de ouro. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

Moldura dourada, de estilo Rococó, com traços curvilíneos e ornamentada por folhas de acanto e arabescos de ramagens. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. O acabamento inferior da moldura é composto por um grande arabesco de folhas de acanto do estilo Luís XV e volutas simétricas ao centro.

Exteriormente ao Escudo de Armas, observam-se ornamentos florais e vegetalistas que contornam e trespassam o próprio Escudo: folhas de acanto Luís XV nas laterais; ramagens em arco de volta perfeita ao cimo; flores de Lis nas duas extremidades inferiores.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica:** Moldura de carvalho, armação de ferro e vidraças foscas, gravadas segundo o método da foscagem com ácido fluorídrico. Pintura a esmaltes e possivelmente a grisalha.

**Dimensões aproximadas**

Janela: 2.70m de altura x 1.40m de largura

Vidraças 69888/h e 69888/j: 0.16m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69888/d, 69888/e, 69888/f e 69888/g: 0.94x de altura x 0.16m de largura

Vidraça 69885/a: 2.40m de altura x 1.02m de largura

**Conservação:** Bom estado de conservação, apesar dos esmaltes do Escudo, sobretudo o vermelho, apresentarem sinais evidentes de degradação. É possível que tenha havido alguma alteração cromática dos tons iniciais. As gravuras apresentam-se em bom estado, com exceção das extremidades inferiores da vidraça central.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição na Escadaria Nobre (terceiro patamar) do Palácio Nacional da Ajuda.



## Identificação

**Inv.: 69889**

Título/Denominação: Porta composta por 3 vidraças de decoração Neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta composta por 3 vidraças foscas e gravadas com decoração neoclássica, pela técnica da gravação a ácido fluorídrico: 2 vidraças retangulares nas portadas e 1 vidraça oval aplicada na sobreporta retangular.

A peça compósita 69889 é composta pelas vidraças 69889/a, 69889/b e 69889/c.

**Representação** (semelhante às das portas 69890, 69891, 69892 e 69893):

Na vidraça 69889/a, da sobreporta, encontra-se representado um arabesco em folhas de acanto, encimado ao centro por um ornato de olha de palma, e terminando as suas duas extremidades rosetas dentro de elementos circulares. Ao centro do arabesco, este possui um ornato circular, e por baixo deste observa-se um ornato de flor de lis estilizado sob aparência de folha de acanto. Outras, menores, representações botânicas compõem o arabesco.

As duas vidraças das portadas, semelhantes e simétricas, contêm uma composição vertical que contem as seguintes representações, lidas de cima para baixo: ornato de palma no topo e volutas envolvendo flor de lis estilizada com pequenos ramos de folhas. Estas volutas, fechadas ao cimo em formato de coração, dão continuidade ao elemento decorativo linear que se estende lateralmente à composição principal e que a envolve, assemelhando-se a uma grade, ou até às asas de uma albarrada, com as extremidades encurvadas em caracol. Dentro desta «grade» observa-se a repetição, numa sucessão de níveis ou camadas, dos ornatos estilizados de palma, flores de Lis e folhas de acanto.

No centro, um grande círculo contém uma andorinha que transmite a ideia de voo ou movimento – apesar da simetria entre as duas vidraças 69889/b e 69889/c, as representações das andorinhas são distintas. Este ornato circular assenta numa base de ornatos vegetalistas e novas volutas que, por sua vez, assentam num ornato semelhante a um sino invertido, cujo acabamento inferior são folhas de acanto. Por baixo do sino, uma roseta central possui dois ornatos de palma à sua esquerda e à direita, separada por novo elemento em «grade» – de extremidades em volutas ornamentadas com faixas botânicas penduradas – de um outro motivo floral, seguido de dois ornatos de palma.

Em cada uma das 4 extremidades de ambas as vidraças, estas contêm ornatos florais dentro de quadrados, ligados pela mesma linha que forma uma moldura no rebordo geométrico.

**Autoria:** Desconhecida (a confirmar: John Lindsay Lucas).

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Porta de carvalho com vidraças aplicadas: foscas e gravadas pelo método da foscagem a ácido fluorídrico.

**Dimensões aproximadas**

Vidraças 69889/b e 69889/c: 2.18m de altura x 0.55m de largura

**Conservação:** Elementos iconográficos muito bem preservados e perceptíveis.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição no Corredor das Cozinhas do Andar Nobre do Palácio Nacional da Ajuda.





## Identificação

**Inv.: 69890**

Título/Denominação: Porta composta por vidraças de decoração Neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta composta por 3 vidraças foscas, das quais as duas das portadas são gravadas com decoração neoclássica, pela técnica da gravação a ácido fluorídrico: 2 vidraças retangulares nas portadas e 1 vidraça em formato de meio círculo na sobreporta em arco de volta perfeita.

A peça compósita 69890 é composta pelas vidraças 69890/a, 69890/b e 69890/c.

**Representação** (Semelhante às das portas 69889, 69891, 69892 e 69893):

As duas vidraças das portadas, semelhantes e simétricas, contêm uma composição vertical que contem as seguintes representações, lidas de cima para baixo: ornato de palma no topo e volutas envolvendo flor de lis estilizada com pequenos ramos de folhas. Estas volutas, fechadas ao cimo em formato de coração, dão continuidade ao elemento decorativo linear que se estende lateralmente à composição principal e que a envolve, assemelhando-se a uma grade, ou até às asas de uma albarrada, com as extremidades encurvadas em caracol. Dentro desta «grade» observa-se a repetição, numa sucessão de vários níveis ou camadas, de ornatos estilizados de palma, flores de Lis e folhas de acanto.

No centro, um grande círculo contém uma andorinha que transmite a ideia de voo ou movimento. Este ornato circular assenta numa base de ornatos vegetalistas e novas volutas que, por sua vez, assentam num ornato semelhante a um sino invertido, cujo acabamento inferior são folhas de acanto. Por baixo do sino, uma roseta central possui dois ornatos de palma à sua esquerda e à direita, separada por novo elemento em «grade» – de extremidades em volutas ornamentadas com faixas botânicas penduradas – de um outro motivo floral, seguido de dois ornatos de palma.

Em cada uma das 4 extremidades de ambas as vidraças, estas contêm ornatos florais dentro de quadrados, ligados pela mesma linha que forma uma moldura no rebordo geométrico.

**Autoria:** Desconhecida (a confirmar: John Lindsay Lucas).

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Porta de carvalho com vidraças aplicadas: foscas e gravadas pelo método da foscagem a ácido fluorídrico

**Dimensões aproximadas**

Vidraças 69890/b e 69890/c: 2.45m de altura x 0.57m de largura

**Conservação:** Muito bom estado de conservação. Elementos iconográficos perfeitamente mantidos.

**Origem/Historial**

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição no Corredor das Cozinhas do Andar Nobre do Palácio Nacional da Ajuda.







## Identificação

**Inv.: 69891**

Título/Denominação:

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta composta por 3 vidraças aproximadamente retangulares, de extremidades arredondadas, foscas, de decoração neoclássica: uma em cada portada e uma na sobreporta.

A peça compósita 69891 é composta pelas vidraças 69891/a, 69891/b e 69891/c.

**Representação** (semelhante às das portas 69889, 69890, 69892 e 69893):

As duas vidraças das portadas, semelhantes e simétricas, contêm uma composição vertical que contem as seguintes representações, lidas de cima para baixo: ornato de palma no topo e volutas envolvendo flor de lis estilizada com pequenos ramos de folhas. Estas volutas, fechadas ao cimo em formato de coração, dão continuidade ao elemento decorativo linear que se estende lateralmente à composição principal e que a envolve, assemelhando-se a uma grade, ou até às asas de uma albarrada, com as extremidades encurvadas em caracol. Dentro desta «grade» observa-se a repetição, numa sucessão de vários níveis ou camadas, de ornatos estilizados de palma, flores de Lis e folhas de acanto.

No centro, um grande círculo contém uma andorinha que transmite a ideia de voo ou movimento. Este ornato circular assenta numa base de ornatos vegetalistas e novas volutas que, por sua vez, assentam num ornato semelhante a um sino invertido, cujo acabamento inferior são folhas de acanto. Por baixo do sino, uma roseta central possui dois ornatos de palma à sua esquerda e à direita, separada por novo elemento em «grade» – de extremidades em volutas ornamentadas com faixas botânicas penduradas – de um outro motivo floral, seguido de dois ornatos de palma.

Ao invés de possuir um ornamento quadrangular simples no rebordo de toda a vidraça, como as suas semelhantes, as vidraças desta porta possuem uma moldura geométrica retalhada que faz vários ângulos ao longo das extremidades superior e inferior das vidraças.

Quanto à vidraça 69891/a, na sobreporta, apesar de muito dificilmente perceptível, é possível que na sua iconografia seja igual à vidraça 69889/a: arabesco em folhas de acanto, encimado ao centro por um ornato de olha de palma, e terminando as suas duas extremidades rosetas dentro de elementos circulares. Ao centro do arabesco, este possui um ornato circular, e por baixo deste observa-se um ornato de flor de lis estilizado sob aparência de folha de acanto.

**Autoria:** Desconhecida (a confirmar: John Lindsay Lucas).

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Porta de carvalho e vidraças foscas, gravadas segundo o método da foscagem a ácido fluorídrico.

**Dimensões aproximadas**

Vidraças 69891/b e 69891/c: 2.04m de altura x 0.43m de largura

**Conservação**

Mau estado de conservação. A porta encontra-se muito suja e – por estar em maior contacto com o fator da luminosidade natural exterior – as suas gravuras encontram-se bem mais desgastadas e, conseqüentemente, pouco perceptíveis, em comparação com as suas semelhantes, aplicadas em zonas mais resguardadas.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição permanente no Corredor das Cozinhas do Andar Nobre do Palácio Nacional da Ajuda.





## Identificação

**Inv.: 69892**

Título/Denominação: Porta composta por vidraças de decoração neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta composta por 3 vidraças, duas retangulares nas portadas e uma oval na sobreporta. Uma das vidraças, a da portada esquerda, estava em falta e foi colocada no seu lugar uma vidraça simples fosca. As vidraças da portada direita e da sobreporta contêm gravura, a ácido fluorídrico, de motivos ornamentais neoclássicos.

A peça compósita 69892 é composta pelas vidraças 69892/a, 69892/b e 69892/c.

**Representação** (semelhante às das portas 69889, 69890, 69891 e 69893):

Apesar de muito degradada, conhece-se a iconografia que possuíam as vidraças desta porta, por ser exatamente igual à porta 69889.

Na vidraça 69892/a, da sobreporta, encontra-se representado um arabesco em folhas de acanto, encimado ao centro por um ornato de olha de palma, e terminando as suas duas extremidades rosetas dentro de elementos circulares. Ao centro do arabesco, este possui um ornato circular, e por baixo deste observa-se um ornato de flor de lis estilizado sob aparência de folha de acanto. Outras, menores, representações botânicas compõem o arabesco.

A vidraça 69892/c contém uma composição vertical com as seguintes representações, lidas de cima para baixo: ornato de palma no topo e volutas envolvendo flor de lis estilizada com pequenos ramos de folhas. Estas volutas, fechadas ao cimo em formato de coração, dão continuidade ao elemento decorativo linear que se estende lateralmente à composição principal e que a envolve, assemelhando-se a uma grade, ou até às asas de uma albarrada, com as extremidades encurvadas em caracol. Dentro desta «grade» observa-se a repetição, numa sucessão de níveis ou camadas, dos ornatos estilizados de palma, flores de Lis e folhas de acanto.

No centro, um grande círculo contém uma andorinha que transmite a ideia de voo ou movimento. Este ornato circular assenta numa base de ornatos vegetalistas e novas volutas que, por sua vez, assentam num ornato semelhante a um sino invertido, cujo acabamento inferior são folhas de acanto. Por baixo do sino, uma roseta central possui dois ornatos de palma à sua esquerda e à direita, separada por novo elemento em «grade» – de extremidades em volutas ornamentadas com faixas botânicas penduradas – de um outro motivo floral, seguido de dois ornatos de palma.

Em cada uma das 4 extremidades da vidraça, contém ornatos florais dentro de quadrados, ligados pela mesma linha que forma uma moldura no rebordo geométrico.

**Autoria:** Desconhecida (a confirmar: John Lindsay Lucas).

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Porta de carvalho com vidraças aplicadas: foscas e gravadas pelo método da foscagem a ácido fluorídrico.

**Dimensões aproximadas**

Vidraças 69892/b e 69892/c: 2.18m de altura x 0.55m de largura

**Conservação:** Vidraças em muito mau estado de conservação. A vidraça original da portada esquerda está em falta, e na vidraça 69892/b os motivos ornamentais são dificilmente perceptíveis, devido ao desgaste das gravuras.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição no Corredor das Cozinhas do Andar Nobre do Palácio Nacional da Ajuda.





## Identificação

**Inv.: 69893**

Título/Denominação: Porta composta por vidraças de decoração neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta composta por 23 vidraças foscas: 11 em cada portada retangular e 1 vidraça em formato semicircular na sobreporta em arco de volta perfeita. Cada portada possui uma grande vidraça central retangular, e 10 vidraças menores de formato quadrangular ou retangular em volta. À exceção da vidraça da sobreporta, todas as vidraças contêm gravura de decoração neoclássica.

A peça compósita 69893 é composta pelas vidraças 69893/a – 69893/x.

**Representação** (É semelhante às das portas 69889, 69890, 69891 e 69892):

As vidraças 69893/f e 69893/q (vidraças centrais de cada portada) contêm as seguintes ornamentações, lidas de cima para baixo: ornato de palma no topo e volutas envolvendo flor de lis, estilizada com pequenos ramos de folhas. Estas volutas, fechadas ao cimo em formato de coração, dão continuidade ao elemento decorativo linear que se estende lateralmente à composição principal e que a envolve, assemelhando-se a uma grade, ou até às asas de uma albarrada, com as extremidades encurvadas em caracol. Dentro desta «grade» observa-se a repetição, numa sucessão de vários níveis ou camadas, de ornatos estilizados de palma, flores de Lis e folhas de acanto.

No centro, um grande círculo contém uma andorinha que transmite a ideia de voo ou movimento. Este ornato circular assenta numa base de ornatos vegetalistas e novas volutas que, por sua vez, assentam num ornato semelhante a um sino invertido, cujo acabamento inferior são folhas de acanto. Por baixo do sino, uma roseta central possui dois ornatos de palma à sua esquerda e à direita, separada por novo elemento em «grade» – de extremidades em volutas ornamentadas com faixas botânicas penduradas – de um outro motivo floral, seguido de dois ornatos de palma.

Em cada uma das 4 extremidades de ambas as vidraças, estas contêm ornatos florais dentro de quadrados, ligados pela mesma linha que forma uma moldura no rebordo geométrico.

As vidraças 69893/c, 69893/e, 69893/g, 69893/h, 69893/i, 69893/k (portada esquerda), 69893/n, 69893/p, 69893/r, 69893/s, 69893/t e 69893/v (portada direita) contêm ornatos de plantas heras.

As vidraças das extremidades, 69893/b, 69893/d, 69893/j, 69893/l (portada esquerda), 69893/m, 69893/o, 69893/u e 69893/x (portada direita) contêm ornatos geométricos florais, como rosáceas.

**Autoria:** Desconhecida (a confirmar: John Lindsay Lucas).

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX.

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Porta de carvalho com 23 vidraças aplicadas, foscas e gravadas pelo método da foscagem a ácido fluorídrico.

**Dimensões aproximadas**

Vidraças 69893/f e 69893/g: 2.04m de altura x 0.50m de largura

Vidraças 69893/e, 69893/g, 69893/h, 69893/i, 69893/p, 69893/r, 69893/s, 69893/t:

1m de altura x 0.05m de largura

Vidraças 69893/b, 69893/d, 69893/j, 69893/l, 69893/m, 69893/o, 69893/u e 69893/x:  
0.05m de altura x 0.05m de largura

Vidraças 69893/c, 69893/n, 69893/k e 69893/v: 0.05x de altura x 0.50m de largura

**Conservação**

Muito bom estado de conservação de todas as gravuras e elementos iconográficos visíveis. Parte desta porta (o lado esquerdo) encontra-se tapado por um armário, mas pode deduzir-se que toda a porta se encontra em igual estado de conservação.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição na Antecâmara do quarto de cama do Rei, Andar Nobre, Palácio Nacional da Ajuda.







## Identificação

**Inv.: 69894**

Título/Denominação: Sobreporta composta por 6 vidraças das quais uma possui pintura das Armas Reais

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta de madeira com duas sobreportas envidraçadas:

A primeira sobreporta possui uma grande vidraça transparente e incolor, de formato aproximadamente retangular, com as extremidades arredondadas, com outra pequena vidraça de formato circular embutida, que contem pintura de Escudo das Armas do Reino de Portugal.

A segunda sobreporta, mais elevada, é em formato de meio círculo, formando um arco de volta perfeita, e as suas 4 vidraças, de formato aproximadamente triangular, são incolores e transparentes, sem decoração.

A sobreporta é composta pelas vidraças 69894/a, 69894/b, 69894/c, 69894/d, 69894/e e 69894/f.

## Representação

Heráldica: Brasão de Armas do Reino de Portugal: escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz (ou santor), cada um carregado por cinco besantes de prata em aspa; bordadura de vermelho (ou de ouro?) carregada por sete castelos de ouro. O Escudo encontra-se dentro de uma pequena moldura de estilo Rococó, traços arredondados e curvilíneos, com volutas simétricas e folhas de acanto em suas extremidades. Um manto real ou pavilhão heráldico vermelho e branco cobre o Brasão. Ao cimo, possui coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

**Autoria:** Antonio Januario Corrêa (pintor)

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** 1866.

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Porta de carvalho (por confirmar) entalhado, com talha dourada, vidros incolores transparentes e pintura a esmaltes (e talvez grisalha).

**Dimensões:** por confirmar

## Conservação

Muito bom estado de preservação dos esmaltes da pintura.

**Origem/Historial:** Foi pintada por Antonio Januario Corrêa, no ano de 1866.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Corredor Beauharnais, acesso ao Corredor das Estufas, Andar Nobre, Palácio Nacional da Ajuda.

“Recebi do (...) Exmo. Senhor José Antonio de Abreu a quantia de dezoito mil Reis pela pintura de dois Brasões das Armas Reaes, em vidro, na Galleria do andar nobre do Real Palacio d’Ajuda. Lisboa 30 de janeiro de 1866”<sup>114</sup>

## Bibliografia

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, caixa 4798, «Documento 154 - Obras no R Palacio d’Ajuda», 1866.



<sup>114</sup> Arquivo Nacional da Torre do Tombo, «Documento 154 - Obras no R Palacio d’Ajuda».



## Identificação

**Inv.: 69895**

Título/Denominação: Porta composta por vidraças de decoração neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Porta retangular de madeira com 4 vidraças foscas aplicadas: duas retangulares com decoração neoclássica gravada nas duas portadas e duas vidraças quadrangulares foscas simples, sem ornamentação, na sobreporta também ela dividida ao meio.

A peça compósita 69895 é composta pelas vidraças 69895/a, 69895/b, 69895/c e 69895/d.

**Representação** (de iconografia semelhante à da porta 69884):

As vidraças 69895/a e 69895/b contêm, simetricamente, a mesma composição disposta verticalmente, com a seguinte ornamentação: uma pequena coluna abalaustrada, canelada ou com nervuras; ao cimo, o capitel estilizado como se de um vaso de flores se tratasse, do qual saem plantas simetricamente pendentes e curvilíneas; um ornato de palma invertido que liga com uma pequena esfera, na base de uma grande flor de lis estilizada em folhas de acanto. Ao cimo, repetição dos mesmos ornatos florais e uma outra palma superior, da qual saem volutas que terminam numa nova e mais pequena palma.

Lateralmente ao pequeno balaústre, e penduradas nas duas volutas que o encimam, partem duas faixas pendentes de ornatos florais, à esquerda e à direita.

Na parte inferior da coluna esta possui dois anéis, e junto à base contém uma meandra grega. A base é estilizada, remetendo para uma estilização da flor de lis, da qual partem dois ramos floreados simétricos e uma flor central.

Na zona mais inferior da composição, existe ao centro uma roseta dentro um elemento circular, e dois ornatos de palma simétricos – um à esquerda e outro à direita desta. Este elemento circular assenta numa flor de lis invertida, estilizada como folha de acanto, ornamentada por mais uns ramos de folhas, semelhante à folha de louro.

Nas vidraças decoradas encontram-se ornatos de rosetas geométricas em cada uma das quatro extremidades, que são contornadas por uma moldura decorativa retangular que interliga as quatro.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Porta de carvalho com vidraças foscas com gravura através do método da foscagem por ácido fluorídrico.

**Dimensões aproximadas**

Vidraças 69895/a e 69895/b: 2.40m de altura x 0.50m de largura

**Conservação**

Bom estado de conservação e de preservação de todos os elementos iconográficos gravados nas vidraças.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Corredor das Estufas, acesso à Antecâmara da Sala Porto Côvo, Andar Nobre, Palácio da Ajuda.





## Identificação

**Inv.: 69896**

Título/Denominação: Janela de vidraça decorativa com pintura de Escudo das Armas Reais

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita composta por 10 vidraças foscas, de diferentes tamanhos: uma grande vidraça central possui pintura a esmaltes de Escudo de Armas do Reino de Portugal; 9 vidraças circundantes menores, sem ornamentação. As vidraças estão interligadas por uma armação de ferro e a janela encontra-se embutida numa espécie de *boiserie* na parede.

A peça compósita 69896 é composta pelas vidraças 69896/a – 69896/j.

É semelhante e faz conjunto com as Janelas 69897 e 69898.

## Representação

Heráldica na vidraça 69896/a: Brasão de Armas do Reino de Portugal: escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz (ou santor), cada um carregado por cinco besantes de prata em aspa; bordadura de vermelho carregada por sete castelos de ouro. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

Moldura dourada, de estilo Rococó, com traços curvilíneos e ornamentada por folhas de acanto e arabescos de ramagens. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. O acabamento inferior da moldura é composto por um grande arabesco de folhas de acanto do estilo Luís XV e volutas simétricas ao centro.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Vidro fosco pelo método da foscagem a ácido fluorídrico, com pintura a esmaltes vitrificáveis e talvez grisalha.

## Dimensões aproximadas

Janela: 4.65m de altura x 1.86m de largura

Vidraça 69896/a: 3.40m de altura x 1.50m de largura

Vidraças 69896/d e 69896/c: 0.94m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69896/f e 69896/g: 1.14m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69896/h e 69896/j: 0.16m de altura x 0.16m de largura

Vidraça 69896/i: 0.16m de altura x 1.50m de largura

### **Conservação**

Muito bom estado de conservação da pintura e do vidro.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Escadaria do Cortejo, Andar Nobre, PNA (janela esquerda).





## Identificação

**Inv.: 69897**

Título/Denominação: Janela de vidraça decorativa  
com pintura de Escudo das Armas Reais

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita composta por 10 vidraças foscas, de diferentes tamanhos: uma grande vidraça central possui pintura a esmaltes de Escudo de Armas do Reino de Portugal; 9 vidraças circundantes menores, sem ornamentação. As vidraças estão interligadas por uma armação de ferro e a janela encontra-se embutida numa espécie de *boiserie* na parede.

A peça compósita 69896 é composta pelas vidraças 69897/a – 69897/j.

É semelhante e faz conjunto com as Janelas 69896 e 69898.

## Representação

Heráldica na vidraça 69897/a: Brasão de Armas do Reino de Portugal: escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz (ou santor), cada um carregado por cinco besantes de prata em aspa; bordadura de vermelho carregada por sete castelos de ouro. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

Moldura dourada, de estilo Rococó, com traços curvilíneos e ornamentada por folhas de acanto e arabescos de ramagens. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. O acabamento inferior da moldura é composto por um grande arabesco de folhas de acanto do estilo Luís XV e volutas simétricas ao centro.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Vidro fosco pelo método da foscagem a ácido fluorídrico, com pintura a esmaltes vitrificáveis e talvez grisalha.

## Dimensões aproximadas

Janela: 4.65m de altura x 1.86m de largura

Vidraça 69897/a: 3.40m de altura x 1.50m de largura

Vidraças 69897/d e 69897/c: 0.94m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69897/f e 69897/g: 1.14m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69897/h e 69897/j: 0.16m de altura x 0.16m de largura

Vidraça 69897/i: 0.16m de altura x 1.50m de largura

### **Conservação**

Muito bom estado de conservação da pintura e do vidro.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Escadaria do Cortejo, Andar Nobre, PNA (janela central).



## Identificação

**Inv.: 69898**

Título/Denominação: Janela de vidraça decorativa com pintura de Escudo das Armas Reais

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela em arco de volta perfeita composta por 10 vidraças foscas, de diferentes tamanhos: uma grande vidraça central possui pintura a esmaltes de Escudo de Armas do Reino de Portugal; 9 vidraças circundantes menores, sem ornamentação. As vidraças estão interligadas por uma armação de ferro e a janela encontra-se embutida numa espécie de *boiserie* na parede.

A peça compósita 69898 é composta pelas vidraças 69898/a – 69898/j.

É semelhante e faz conjunto com as Janelas 69896 e 69897.

## Representação

Heráldica na vidraça 69898/a: Brasão de Armas do Reino de Portugal: escudo francês de prata, com cinco escudetes de azul postos em cruz (ou santor), cada um carregado por cinco besantes de prata em aspa; bordadura de vermelho carregada por sete castelos de ouro. Coroa real fechada, de ouro, encimada por esfera com cruz.

Moldura dourada, de estilo Rococó, com traços curvilíneos e ornamentada por folhas de acanto e arabescos de ramagens. Nas laterais contém, simetricamente, dois ornatos de folha de acanto que se assemelham a asas. O acabamento inferior da moldura é composto por um grande arabesco de folhas de acanto do estilo Luís XV e volutas simétricas ao centro.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Vidro fosco pelo método da foscagem a ácido fluorídrico, com pintura a esmaltes vitrificáveis e talvez grisalha.

## Dimensões aproximadas

Janela: 4.65m de altura x 1.86m de largura

Vidraça 69898/a: 3.40m de altura x 1.50m de largura

Vidraças 69898/d e 69898/c: 0.94m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69898/f e 69898/g: 1.14m de altura x 0.16m de largura

Vidraças 69898/h e 69898/j: 0.16m de altura x 0.16m de largura

Vidraça 69898/i: 0.16m de altura x 1.50m de largura

### **Conservação**

Muito bom estado de conservação da pintura e do vidro.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Escadaria do Cortejo, Andar Nobre, PNA (janela direita).



**Inv.: 69899, 69900 e 69901**

Título/Denominação: Três vidraças azuis

com motivos florais

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



### **Descrição**

Conjunto de 3 vidraças quadrangulares de vidro fosco azul e com motivos ornamentais florais incolores. As duas vidraças maiores (69900 e 69901) eram semelhantes; contudo, a vidraça 69901 encontra-se partida em 3 fragmentos, faltando um deles. A vidraça 69899 é menor. Possuem um padrão decorativo simétrico floral e vegetalista. Possivelmente pertenceram a uma peça de mobiliário, como um armário.

### **Representação**

A representação iconográfica é comum às 3 vidraças, com a diferença de que na vidraça 69899 a composição é mais curta:

Composição alongada e simétrica, com um ornato de flor ao centro, que se assemelha a uma Margarida estilizada, a partir da qual saem, para ambos os lados, uma espécie de ramo folheado, com vários ornatos florais menores, como pequenos botões ou bagas (símbolos circulares e ovais). Em ambas as extremidades, a composição termina com um ornato de flor alongada que lembra a espiga ou a flor de lavanda.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Poderá ter sido usada a técnica do vidro *flash*, uma vez que se denota a existência de duas camadas – uma camada azul por cima da camada incolor. Talvez tenha sido aplicada a técnica da gravura a ácido fluorídrico. Todo o vidro é ligeiramente fosco, apenas um pequeno círculo central (no centro da flor) é transparente incolor.

### **Dimensões**

Vidraça 69899 (pequena): 54.5cm x 18.8cm x 0.4cm

Vidraça 69900 (completa): 82cm x 18.5cm x 0.2cm (espessura)

Vidraça 69901/a: 43cm x 18.1cm x 0.3cm

Vidraça 69901/b: 25.1cm x 18.1cm x 0.3cm

### **Conservação**

Todas as 3 vidraças possuem pequenos sinais de descascamento da camada azul, sobretudo nas extremidades. A vidraça 69901 encontra-se partida em 3 partes da qual está a faltar uma. Todos os elementos iconográficos decorativos presentes estão muito bem conservados.

**Origem/Historial.** Poderão ter pertencido a uma peça de mobiliário (por confirmar).

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Acondicionadas em reserva temporária Galeria D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda.



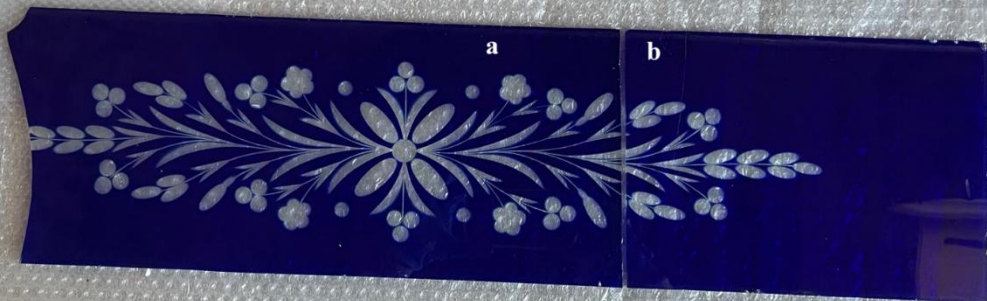
69899



69900



69901





## Identificação

**Inv.: 69918, 69919, 69920 e 69921**

Título/Denominação: Vitrais geométricos coloridos

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Conjunto de 4 pequenos vitrais decorativos retangulares, com padrão geométrico losangular, de vidro fosco texturado em tons de azul, verde, rosa, amarelo e branco. Nas extremidades o vitral possui pequenos vidros retangulares castanhos, a circundar o padrão principal de losangos coloridos.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX (ou XX)

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Vidro fosco texturado, de diferentes tonalizações, interligados por uma armação de chumbo e embutidos em elevador revestido de carvalho.

**Dimensões:** 62cm de altura x 31cm de largura

## Conservação

Médio estado de conservação:

Nº 69918: Rachado e partido (com fragmento em falta) no rebordo em vidro castanho do lado direito.

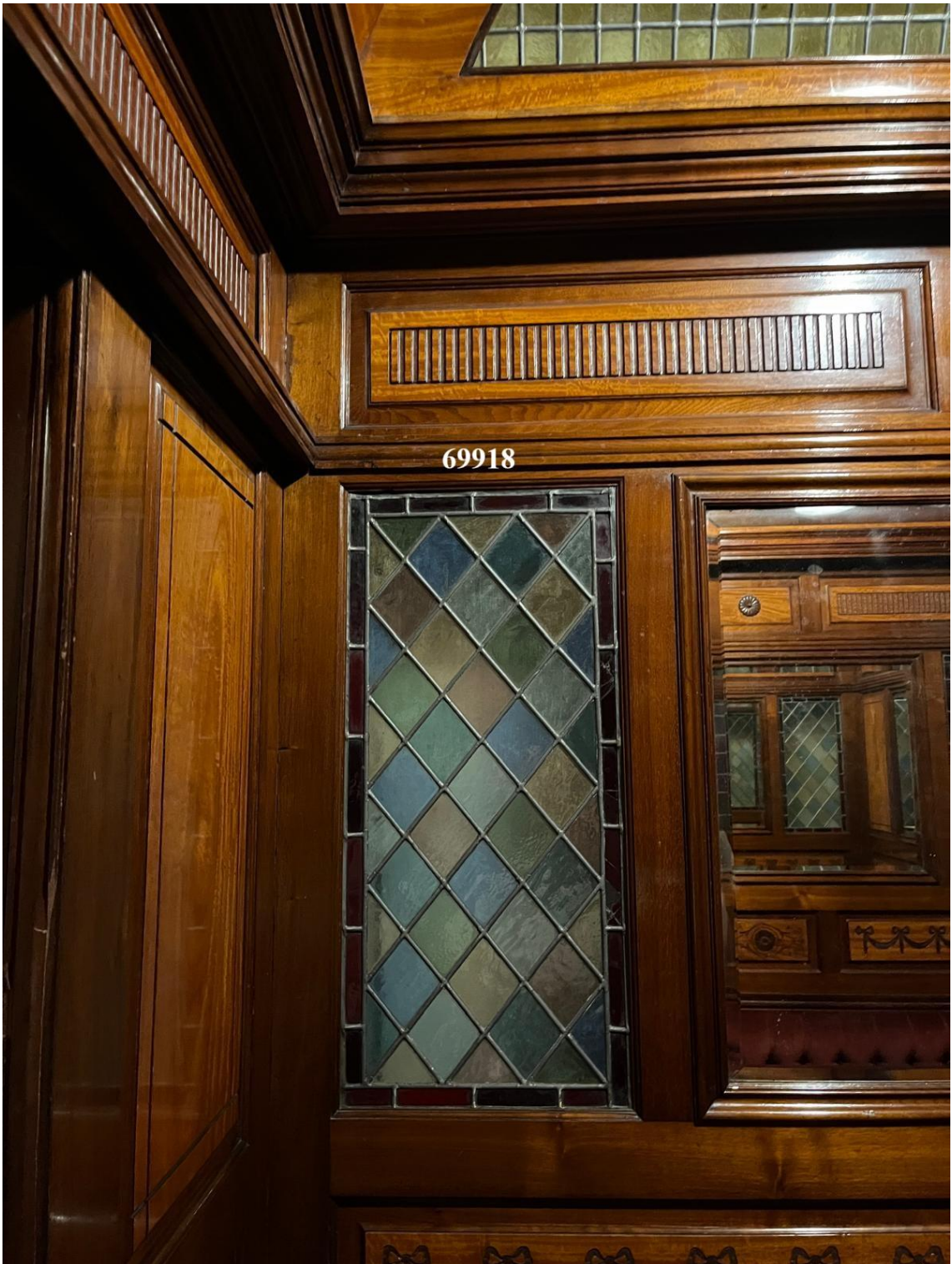
Nº 69919: Possui algumas rachas nos vidros em losango.

Nº 69920: Alguns dos vidros ao centro do vitral estão rachados.

Nº 69921: Não apresenta grandes fraturas visíveis.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição no Elevador da Rainha, Palácio Nacional da Ajuda.



Vitral na parede esquerda do elevador.



Vitral esquerdo da parede de frente para a porta do elevador.



Vitral direito na parede em frente à porta do elevador.



Vitral na parede direita do elevador.

## Identificação

**Inv.: 69922 – 69929**

Título/Denominação: 8 vitrais amarelos

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Conjunto de 8 pequenos vitrais decorativos amarelos, foscos e texturados, em formato de trapézio e com padrão geométrico quadriculado. Os vitrais são ligeiramente côncavos.

**Autoria:** Desconhecida

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Vidro texturado e chumbado, embutido em paredes de madeira.

**Dimensões aproximadas:**

18cm de altura x 70cm de largura

## Conservação

Os vitrais 69926 e 69928 encontram-se partidos. Os restantes, de modo geral, apresentam alguns sinais de degradação e desgaste.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** Em exposição no Elevador da Rainha, Palácio Nacional da Ajuda.



Vitral 69922



Vitral 69923

Parede em frente à porta do elevador



Vitral 69924

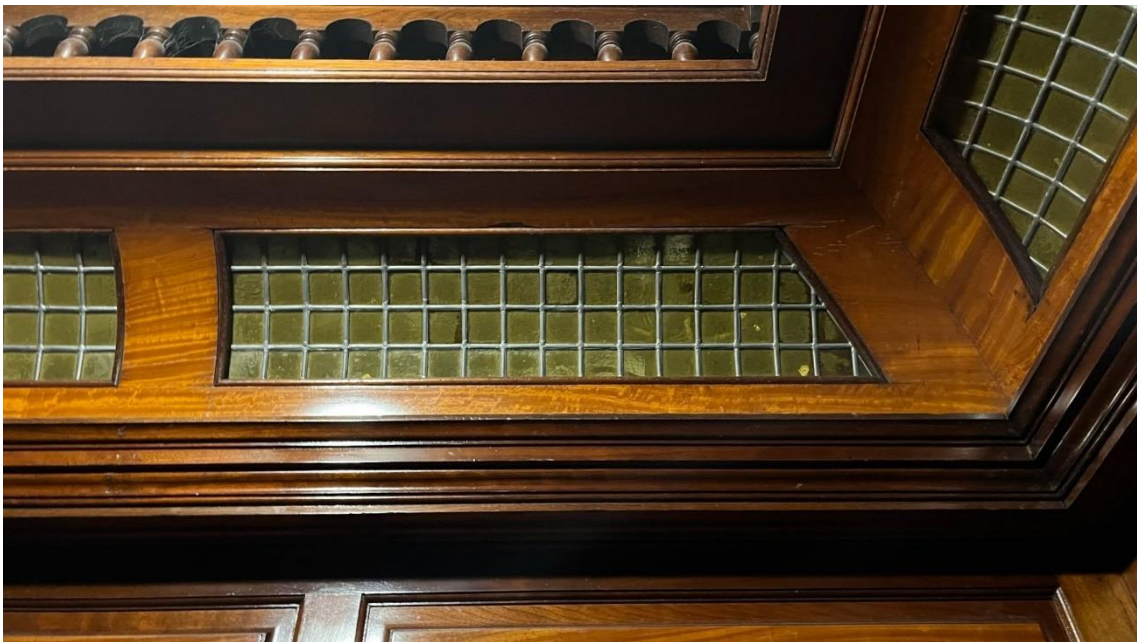


Vitral 69925

Parede direita do elevador



Vitrail 69926



Vitrail 69927

Parede da porta do elevador



Vitral 69928



Vitral 69929

## Identificação

**Inv.: 70034**

Título/Denominação: Janela retangular de vidraças com decoração neoclássica

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela retangular composta por 11 vidraças foscas e retangulares gravadas, de diferentes dimensões: uma grande vidraça central com um adorno geométrico quadrangular simples (partida) e 10 vidraças menores circundantes, retangulares e quadradas, com decoração vegetalista neoclássica.

A peça compósita 70034 é composta pelas vidraças 70034/a – 70034/k.

É igual à janela 70035.

## Representação

Composição simétrica:

A vidraça 70034/a (central) possui dois ornatos lineares geométricos adjacentes, em formato retangular, que contornam interiormente a extremidade da vidraça.

As vidraças 70034/c, 70034/e, 70034/f, 70034/g, 70034/h e 70034/j contêm a mesma representação: um arabesco de ramagens e volutas, que remete para ramos folheados e entrelaçados, com um elemento oval no centro e terminando em dois ornatos de flor de lis nas extremidades.

As vidraças 70034/b, 70034/d, 70034/i e 70034/k (das 4 extremidades) são iguais e possuem uma pequena composição floral geométrica, onde se identificam flores de Lis dispostas simetricamente em volta do centro circular.

**Autoria:** Desconhecida (a confirmar: John Lindsay Lucas)

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Vidro fosco e gravado pelo método da gravura/foscagem a ácido fluorídrico, embutido em armação de ferro (?).

**Dimensões aproximadas:**

Vidraça 70034/a: 1.45m de altura x 0.72m de largura

Vidraça 70034/b, 70034/c, 70034/i e 70034/k: 0.16m x 0.16m

Vidraças 70034/c, 70034/e, 70034/f, 70034/g, 70034/h e 70034/j: 0.16m x 0.72m.

### **Conservação**

Apesar de se encontrarem bem conservados e perceptíveis todos os elementos iconográficos, a vidraça central está partida e rachada: possui uma grande fratura e está em falta o fragmento partido.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização** Zona do Piso Térreo acedida por escada ao fundo do Corredor Mezzanine, Piso 1, Palácio Nacional da Ajuda.



## Identificação

**Inv.: 70035**

Título/Denominação:

Instituição/Proprietário: Palácio Nacional da Ajuda

Supercategoria: Arte

Categoria: Vidros



## Descrição

Janela retangular composta por 11 vidraças foscas e retangulares gravadas, de diferentes dimensões: uma grande vidraça central com um adorno geométrico quadrangular simples e 10 vidraças menores circundantes, retangulares e quadradas, com decoração vegetalista neoclássica.

A peça compósita 70035 é composta pelas vidraças 70035/a – 70035/k.

É igual à janela 70034.

## Representação

Composição simétrica:

A vidraça 70035/a (central) possui dois ornatos lineares geométricos adjacentes, em formato retangular, que contornam interiormente a extremidade da vidraça.

As vidraças 70035/c, 70035/e, 70035/f, 70035/g, 70035/h e 70035/j contêm a mesma representação: um arabesco de ramagens e volutas, que remete para ramos folheados e entrelaçados, com um elemento oval no centro e terminando em dois ornatos de flor de lis nas extremidades.

As vidraças 70035/b, 70035/d, 70035/i e 70035/k (das 4 extremidades) são iguais e possuem uma pequena composição floral geométrica, onde se identificam flores de Lis dispostas simetricamente em volta do centro circular.

**Autoria:** Desconhecida (a confirmar: John Lindsay Lucas).

**Produção:** Oficina/fabricante desconhecidos. Fabrico europeu.

**Datação:** Século XIX

**Informação Técnica** (Matéria, suporte, técnica, precisões, montagem)

Vidro fosco e gravado pelo método da gravura/foscagem a ácido fluorídrico, embutido em armação de ferro (?).

**Dimensões aproximadas:**

Vidraça 70035/a: 1.45m de altura x 0.72m de largura

Vidraça 70035/b, 70035/c, 70035/i e 70035/k: 0.16m x 0.16m

Vidraças 70035/c, 70035/e, 70035/f, 70035/g, 70035/h e 70035/j: 0.16m x 0.72m.

### **Conservação**

Bom estado de conservação: encontram-se bem conservados e perceptíveis todos os elementos iconográficos.

**Incorporação:** Casa Real

**Localização:** **Localização** Zona do Piso Térreo acedida por escada ao fundo do Corredor Mezzanine, Piso 1, Palácio Nacional da Ajuda.



## Bibliografia e Webgrafia

- 72, *O Vidro* (Lisboa). «Bibliotheca do Povo e das Escolas». 1906. 2ª Edição Edição.
- Alarcão, Adília, Carlos Barros, Francisco Luís, et al. *O Vidro em Portugal - Exposição no Museu Nacional de Arte Antiga*. Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. Santos Barbosa, 1989.
- apat. «Roteiro do Palácio Nacional da Ajuda - lançamento». Publicações. *pporto.pt*, 3 de novembro de 2011. <https://www.pportodosmuseus.pt/2011/11/03/roteiro-do-palacio-nacional-da-ajuda-lancamento/>.
- «Apontamentos para a História do Vitral em Portugal no Século XX». Em *O Vitral - História, Conservação e Restauro*. Instituto Português do Património Arquitetónico, 2000.
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo. «Documento 154 - Obras no R Palacio d'Ajuda». 1866. Caixa 4798. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Arquivo Nacional da Torre do Tombo. «Documento 176 - Folha dos Operarios que trabalharao nas Obras geraes do Real Paço de Ajuda na semana finda em 10 de Fevereiro de 1866». 1866. Caixa 4798. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Bandeira, Luís Stubbs Saldanha Monteiro, José Veloso, José Bénard Guedes Salgado, e José Soares Branco. *Vocabulário heráldico*. Mama Sume, 1985.
- Barrielle, Jean-François. *O Estilo Luís XV*. Traduzido por Perez. A Gramática dos Estilos: Edições 70, 1982.
- Brown, Sarah. *Stained Glass: An Illustrated History*. Bracken Books, 1994.
- Carita, Helder, e António Cardoso. *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*. Livraria Civilização, 1983.
- Carneiro, José Manuel Martins. *D. Fernando de Saxe Coburgo-Gotha: comemoração do 1o centenário da morte do Rei-Artista*. Com Portugal. P.N.P, 1985.
- Carvalho, Marta. «Um Itinerário pela Iconografia Botânica». Em *Um Itinerário pela Iconografia Botânica*, 2ª. Museu Nacional de Arte Antiga, 2020.
- Cláudia Amaral, Palácio Nacional da Ajuda. «Vitral». Ficha de inventário 56742. Lisboa, maio de 2001. <http://raiz.museusemonumentos.pt/DetalhesObra?id=986463&tipo=OBJ>.
- Comissão local da Conferência Internacional sobre História, Tecnologia e Arqueologia Industrial do Vidro. *A Indústria do Vidro na Perspectiva da Arqueologia Industrial*. Edição da Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial. Cristais de Alcobaça, 1989.
- Conti, Flavio. *Como Reconhecer a Arte Rococó*. Edições 70, 1978.
- Custódio, Jorge. *A Problemática do Fabrico da Vidraça em Portugal. Entre os Séculos XV e XIX*. Vol. 3. Estudos e Documentos. Museu Santos Barosa da Fabricação do Vidro, 1997.
- Direção Geral da Fazenda Pública. «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda». 1911. Volume 3, Auto 88. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Direção Geral da Fazenda Pública. «Arrolamento do Palácio Nacional da Ajuda». 1911. Volume 3, Auto 192. Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- Ferreira, Marta Leite. «Governo aprova reorganização da Direcção-Geral do Património Cultural com criação de dois novos organismos». PÚBLICO, 22 de junho de 2023. <https://www.publico.pt/2023/06/22/politica/noticia/governo-reorganizacao-direccao-geral-patrimonio-cultural-2054250>.
- Galeria Municipal Lagar de Azeite. *Casas e Famílias Nobres Portuguesas: pintura e tapeçaria de Manuel de Lucena - exposição de Heráldica*. Câmara Municipal, 1999.

- Harper, Lizzie. «Flower Shapes: Terminology». Lizzie Harper, 1 de fevereiro de 2019. <https://lizzieharper.co.uk/2019/02/flower-shapes-terminology/>.
- «Jean Pillement (1728-1808), um francês em Portugal, Destaque Outubro de 2012». *Museu Medeiros e Almeida*, sem data. Acedido 12 de dezembro de 2024. <https://www.museumedeirosalmeida.pt/pecas/jean-pillement-1728-1808-um-frances-em-portugal-destaque-outubro-de-2012/>.
- Jorge, Virgolino. *Vitral Medieval - História, Técnica e Estética*. 3 87. Ramos, Afonso & Moita, 1981.
- Leandro, Valter. «Palácio Nacional da Ajuda, a última casa da monarquia portuguesa». Lisboa Secreta, 11 de janeiro de 2022. <https://lisboasecreta.co/palacio-nacional-da-ajuda/>.
- Libana, Vilma. *Arte da Gravura em Vidro*. Museu do Vidro, 2010.
- Machado, Andreia Sofia. «Historical Stained Glass Painting Techniques: Technology and preservation». Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Lisboa, 2018.
- Maria João Burnay, Palácio Nacional da Ajuda. «Vitral». Ficha de Inventário 58141. Lisboa, abril de 2014. Oratório da Rainha. <http://raiz.museusemonumentos.pt/DetalhesObra?id=1072796&tipo=OBJ>.
- Meirelles, Luciana Menegoni. «Palácio Nacional da Ajuda: um mundo a visitar». masterThesis, 2016. <https://run.unl.pt/handle/10362/19658>.
- Mendes, José Maria Amado. *História do vidro e do cristal em Portugal*. Edições Inapa, 2002.
- Mesquita, Sandra. «O Processo de Identificação Botânica das Plantas Representadas na Coleção do MNAA». Em *Um Itinerário pela Iconografia Botânica, 2ª*. Museu Nacional de Arte Antiga, 2020.
- «Monumentos». Acedido 24 de fevereiro de 2024. [http://www.monumentos.gov.pt/site/app\\_pagesuser/sipa.aspx?id=4722](http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/sipa.aspx?id=4722).
- Norton, Manuel Artur. *A Heráldica em Portugal - Raízes, Simbologias e Expressões Histórico-Culturais*. I. Dislivro Histórica, 2004.
- «Organização». *Museu Nacional Soares dos Reis*, sem data. Acedido 19 de novembro de 2024. <https://mnsr.museusemonumentospt.pt/museu/organizacao/>.
- Raybould, Tony. «Botanical Imagery: Flora Symbolica in the 17th and 18th Centuries». Nicholas Wells Antiques Ltd, 29 de setembro de 2023. <https://nicholaswells.com/news/botanical-imagery-flora-symbolica-in-the-17th-and-18th-centuries/>.
- Raybould, Tony. «Botanical Imagery: Flora Symbolica in the 17th and 18th Centuries». Nicholas Wells Antiques Ltd, 29 de setembro de 2023. <https://nicholaswells.com/news/botanical-imagery-flora-symbolica-in-the-17th-and-18th-centuries/>.
- Redol, Pedro, Mário Abreu, e Júlio Órfão. *O vitral: história, conservação e restauro*. Com Encontro Internacional [sobre] o vitral, e Portugal. IPPAR, 2000.
- Ribeiro, José Alberto. *Palácio Nacional da Ajuda*. Scala Publishers, 2011.
- Scribd. «Historical Dictionary of Rococo Art PDF | PDF | Palace Of Versailles | Louis XIV Of France». Acedido 12 de dezembro de 2024. <https://www.scribd.com/document/442936817/Historical-Dictionary-of-Rococo-Art-pdf>.
- Seixas, Miguel Metelo de. *Heráldica, representação do poder e memória da nação. O armorial autárquico de Inácio de Vilhena Barbosa*. Universidade Lusíada Editora, 2011. <https://run.unl.pt/handle/10362/12616>.

- Silva, Joaquim Possidónio Narciso da. *Descrição das Novas Salas no Real Palácio da Ajuda. Obras mandadas executar por Sua Magestade a Rainha A Senhora D. Maria Pia de Sabóia nos Seus Reaes Aposentos*. Typographia Portugueza, 1865.
- Silva, Jorge Henrique Pais da, e Margarida Calado. *Dicionário de termos de Arte e Arquitectura*. 1ª ed. Biblioteca de Arte. Editorial Presença, 2005.
- Soares, Luís Filipe da Silva. «O Palácio Nacional da Ajuda e a sua afirmação como Museu (1910-1981)». doctoralThesis, 2016.  
<https://run.unl.pt/handle/10362/20420>.
- «Sobre o Palácio Nacional da Ajuda». Acedido 23 de fevereiro de 2024.  
<https://www.palacioajuda.gov.pt/paginas/12becbfb-sobre-o-palacio-nacional-da-ajuda>.
- «The Rococo in England: Book Illustrators, Mainly Gravelot and Bentley on JSTOR». Acedido 11 de dezembro de 2024.  
[https://www.jstor.org/stable/882259?searchText=rococo+illustration&searchUri=%2Faction%2FdoBasicSearch%3FQuery%3Drococo%2Billustration%26so%3Drel&ab\\_segments=0%2Fbasic\\_search\\_gsv2%2Fcontrol&refreqid=fastly-default%3Aca70b33c0b10d4afca98f618a225fe74&seq=4](https://www.jstor.org/stable/882259?searchText=rococo+illustration&searchUri=%2Faction%2FdoBasicSearch%3FQuery%3Drococo%2Billustration%26so%3Drel&ab_segments=0%2Fbasic_search_gsv2%2Fcontrol&refreqid=fastly-default%3Aca70b33c0b10d4afca98f618a225fe74&seq=4).
- Valente, Vasco. *O Vidro em Portugal*. Portucalense Editora, 1950.
- Van Rensselaer, M. G. «Rococo». *The Art Journal (1875-1887)* 5 (1879): 293–98.  
<https://doi.org/10.2307/20569415>.
- Vários. *Al-Madan - 1ª série, N.º 2*. Centro de Arqueologia de Almada, 1 de maio de 1984. <https://zenodo.org/records/10091985>.
- Vieira, Sérgio. «Para a História do Vitral em Portugal no Século XX - As principais oficinas e o papel dos artistas plásticos». Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Lisboa, 2002.
- Zúquete, Afonso. *Armorial Lusitano: genealogia e heráldica*. Editorial Enciclopédia, 1961.